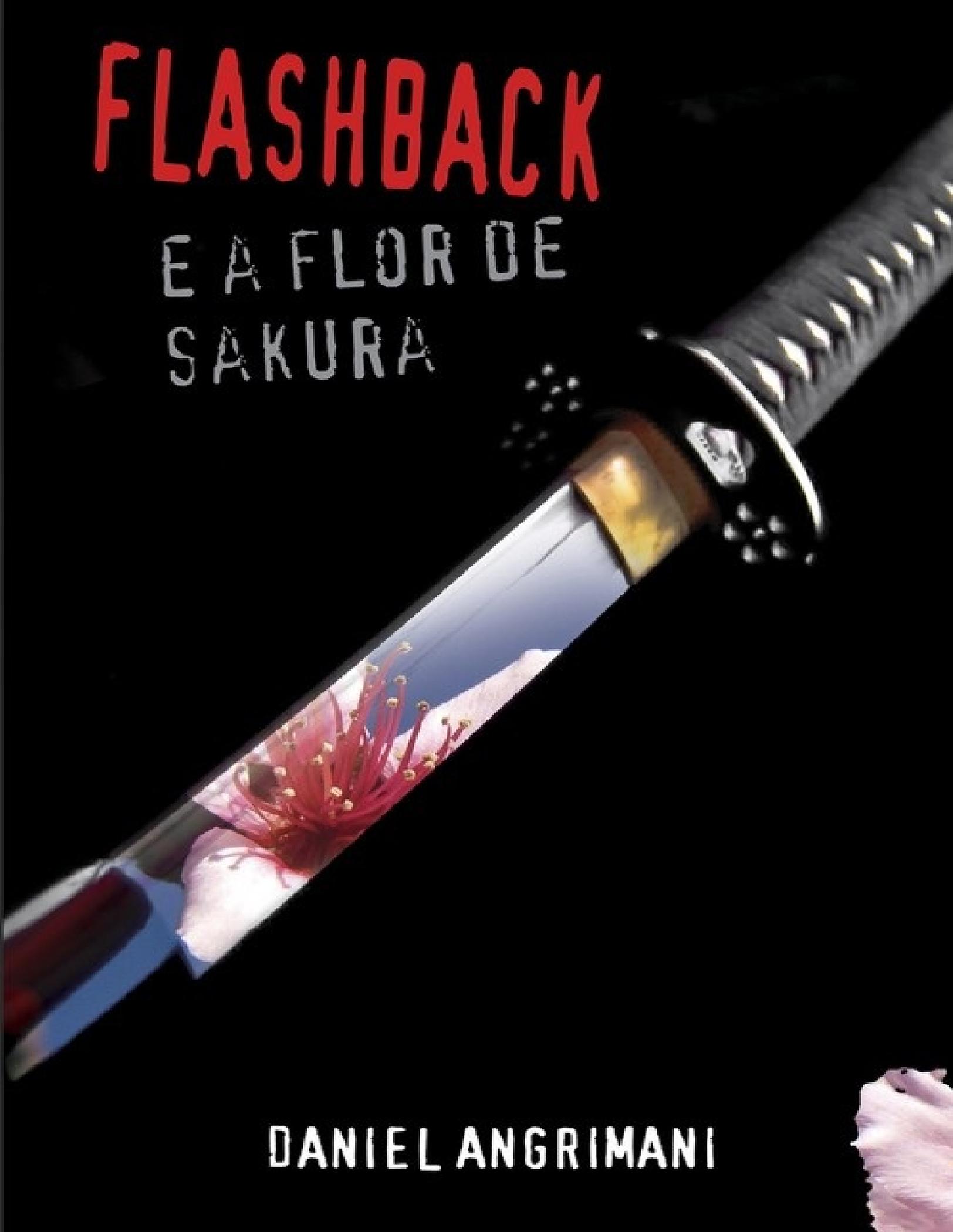


FLASHBACK

E A FLOR DE
SAKURA

DANIEL ANGRIMANI

A close-up, diagonal view of a sword blade. The blade is dark and reflective, with a pink cherry blossom (sakura) flower placed inside it. The flower's petals are light pink, and its stamens are a vibrant red. The sword's hilt, featuring a textured silver-colored metal, is visible in the upper right corner. The background is solid black, making the sword and flower stand out. In the bottom right corner, there is a small, out-of-focus pink flower.

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



FLASHBACK

E A FLOR DE
SAKURA

DANIEL ANGRIMANI



DANIEL ANGRIMANI

FLASHBACK

em: Flor de Sakura

Dedicatória:
Aos meus pais:
Danilo e Jussara

2ª edição

Angrimani, Daniel
Nome do Livro: Flashback em: Flor de Sakura
São Bernardo do Campo: Escritório de Mídia, 2011.

ISBN: 978-85-60891-17-7
Literatura Brasileira

Todos os direitos desta edição reservados a
Daniel Angrimani

Copyright 2010 by Daniel Angrimani

Diagramação e capa por Francis Lima

EDITORA:
ESCRITÓRIO DE MÍDIA
Rua Jônio, 12, sala 17
09750-340 – São Bernardo do Campo – SP
Telefone: (11) 4123-8159

Capítulo 1

O Flashback

11:42AM – 07/05/2009 – BRASIL – PRAIA DO UNA

O relógio na parede não se movimentava e aquela paspalha da professora de história não parava de falar, enquanto olhava para o teto.

Rolava uma estória dessa professora de história, a Cibelle, sobre essa mania dela de nunca olhar para a cara de alguém. Ela fazia isso porque tinha sido capturada por uma tribo canibal em algum lugar da Amazônia, no Acre... Sei lá. E, diziam que, se você olhasse fixo no olho de um canibal, ele lhe comeria vivo. Ela não olhou. Sobreviveu. Ficou traumatizada e nunca mais olhou fixo para alguém.

Mas nada disso vem ao caso agora, pois o que importa é a minha história. E ela começa comigo quase dormindo na última carteira da fileira da esquerda daquela sala de aula. Lá estava sentado: eu! - um garoto, com seus quase quinze anos, o queixo apoiado no braço direito observando os acontecimentos daquela aula.

As minhas sobrancelhas grossas, quase não se movimentavam apenas se mexiam quando a professora falava a palavra GUERRA. E naquela aula específica ela falava muito disso. Porque ela estava ensinando sobre a Segunda Guerra Mundial.

História poderia ser uma matéria legal, ainda mais quando é discutido um assunto como a Guerra Mundial, porque todo mundo gosta de: avião, tanque de guerra, soldado, metralhadoras, granada, um grande inimigo para derrotar, uma mulher te esperando voltar da batalha e um uniforme bacana. É por isso que filme assim faz tanto sucesso e rende tanto dinheiro.

Imagina só, você numa guerra, seu amigo sangrando querendo um pacotinho de morfina e você tendo que correr escapando de uns tiros, chega lá e o salva. Maravilha.

Obviamente, como tudo na escola, a Guerra acaba ficando chata. Porque a gente tem que decorar diversas datas inúteis e nomes de diversos generais e políticos que deixam tudo sem graça. Na hora da emoção, a professora Cibelle apenas dizia: “Ocorreu então a Batalha de Pearl Harbor, em seguida, o presidente...” – Onde estão os kamikazes? Os porta-aviões? Tiros? Sobreviventes? NADA.

E era justamente por esse motivo que eu estava quase dormindo na aula. Só não conseguia dormir porque

o meu short do uniforme estava apertando minhas coxas. Eu estava crescendo e ninguém da minha família tinha dinheiro necessário para acompanhar meu crescimento estrutural com roupas do meu tamanho.

Eu venho de uma família pequena, tenho um pai, que tem uma livraria, minha mãe o ajuda com os negócios e meu irmão que simplesmente não faz nada. Apenas vive no píer andando de skate com seus amigos.

Olhei para minha camiseta furada e fiquei ainda mais deprimido. Pode alguém ser pior do que eu? Virei meus olhos castanhos para a minha direita e estava Luís Sussumu. Ele tinha uma vida pior do que a minha.

O Luís vivia com seu avô, o seu Sussumu, o louco. O avô de Luís era tão, mas tão louco que gostava de pescar com dinamite. Ele era pescador e por isso eles moravam em uma vila de pescadores na minha cidade, em uma espécie de cabana. E todo dia, no café da manhã, no almoço e no jantar eles comiam peixe, com as variações: assado, frito ou cru. E era por esse motivo que o Luís era pior do que eu, pois tinha o hálito de peixe podre.

Entretanto, em toda a Escola Estadual da Praia do Una, não existia um menino mais amigo do que o Luís Sussumu, que usava seu cabelo tigela sobre os olhos puxados, sempre de camisa por cima do uniforme e chinelos de dedo.

Eu, por minha vez, gostava de usar tênis para ir à escola. Odiava chinelo, apesar de morar na praia. Porque gostava de andar de skate até a escola e de chinelo é perigoso, porque na hora de parar ele pode entortar e o skatista cai de nariz no chão.

Olhei para meu relógio do Homem-Aranha. Eu o usava desde os nove anos. Mas como meus pais não iam me comprar outro continuava usando. Ainda bem que nessa época a moda retrô estava em alta, logo todos que eram maneiros na minha escola usavam algo de quando eram crianças.

Por exemplo, o Dênis, ele estava usando uma chupeta em um colar. O Ricardo tinha um pokémon decorando o celular. A Carlinha usava lacinhos no cabelo de quando era bebê. E até mesmo o Luís usava uma pulseira de anzóis, que eram parte de seu móbile quando era neném.

O meu relógio marcava dez minutos para o meio-dia. Desejei muito poder adiantar o tempo e simplesmente chegar na hora de sair daquela sala de aula, com aquela mulher que olhava para o teto. Mas eu não podia adiantar o tempo.

E passei os minutos finais da aula, observando Aline Sakura, uma estudante nova que viera do Japão. Ela ainda não falava quase nada de português. Seu pai era algum cientista que tinha sido mandado para cá. Vai saber Deus o que um cientista vem fazer na Praia do Una, mas ainda bem que eles estavam aqui, pois com seus longos cabelos pretos e seus olhinhos puxados de cor verde ela era o motivo real de eu ir para a aula, ela era maravilhosa.

A professora então gritou: “O DIA D” e eu me assustei. Maldita refém de canibais! Ela estava falando sobre o Dia D. Que o exército de aliados havia desembarcado no litoral da Normandia e tinham sido recebidos de uma maneira pouco calorosa pelos nazistas.

Entretanto, antes que a história toda pudesse ser concluída o sinal soou. E todos levantaram das cadeiras. Com sua voz sendo praticamente consumida pelo som dos alunos, ela berrou:

- Quem me trouxer amanhã, o nome do general que elaborou o plano de desembarque dos aliados no Dia D irá ganhar UM PONTO na prova!

“Ninguém vai trazer”, eu pensei enquanto tirava meu boné da minha mochila e o colocava na cabeça. Não podíamos usar bonés na sala de aula. E como meu cabelo estava grande, quase tampando meus olhos, eu

tinha que usar um para poder voltar para a casa. Usava um boné vermelho que tinha achado na praia, de um turista que tinha visitado a Inglaterra, pois nele estava escrito: ENGLAND, de cor branca.

Já com o skate na mão, coloquei o fone de ouvido do meu mp4 no ouvido. Estava ouvindo John Mayer. E comecei a sair da escola, logo atrás de Aline. Seu perfume de cereja alcançava meus pulmões.

Perto do corredor, o aroma aos poucos foi sendo substituído por peixe. Luis estava próximo de mim. Ele parecia tenso:

- Guilherme, o que você vai fazer hoje à tarde? – Ah sim, meu nome é Guilherme Carvalho, muito prazer!

- Acho que nada, por quê? – Seus olhos aumentaram de tamanho, e ficaram quase do tamanho dos meus olhos, e olha que meus olhos são enormes, parecem duas bolas de tênis e o Luís tem origem oriental!

- Meu avô disse que hoje o mar estará NERVOSO. Então, não nade. Será pior que uma TORMENTA!

- Seu avô ainda grita: Rá. Quando é picado por um mosquito?

- Sim. Por quê? – Ele perguntou enquanto coçava a cabeça.

- Nada. Tomarei cuidado.

Eu já estava na saída da minha escola, que ficava em uma grande descida, e lá embaixo, a praia. Eu deveria descer a rua, virar à esquerda e mais um quarteirão era minha casa, onde também funcionava a livraria da família.

Coloquei o outro fone de ouvido. E estava tocando Daughters do John Mayer. Despedi-me de Luís. Olhei para Aline que entrava em seu BMW preto, dirigido pelo pai, ele tinha um semblante sério e usava óculos de grau, grandes como os de alguém quase cego. Fui ver as horas em meu relógio, os dois braços do Aranha, para cima: meio-dia. “Em quanto tempo chego em casa?”

Em milésimos, já descia a rua sob meu skate. Andava rápido, muito rápido. Desviei de um carro, passei por uma bicicleta. Podia ouvir as rodinhas rodando no chão em alta velocidade.

Passei pelo farol verde. Era bom ouvir aquela música e sentir aquele vento em meu rosto. Desviei de mais um carro e já estava quase chegando à praia, tinha que virar a esquerda. O farol estava aberto. Virei. Ainda com a velocidade da descida andei mais o quarteirão que faltava até a porta da livraria da minha família.

Desci do skate e entrei na livraria, que estava com uma placa de fechada para o almoço. Passei pelo mar de livros que estavam nas estantes, e atravessando a porta do fundo entrei em minha casa, exatamente na cozinha.

Estavam sentados em torno da mesa meu pai e meu irmão, minha mãe preparava uma salada. Meu pai estava lendo A Origem das Espécies de Charles Darwin e meu irmão assistia à televisão enquanto comia.

Lavei as mãos no lavabo e sentei à mesa. Meu pai baixou o livro, ajeitou os óculos. Seus olhos eram tão grandes quanto os meus.

- Como foi na escola?

- A professora tentou ensinar sobre a Segunda Guerra Mundial.

- E como foi?

- Ela não falou nada de importante.

- Você tem que ler... – E antes que ele pudesse falar o nome de outro livro para eu ler, minha mãe trouxe a salada e eu comecei a me servir, ela se sentou e disse:

- J.T. você tem que me esperar! – Meu irmão não respondeu.

- Ele é um rebelde sem causa e sem OUTRA calça. Porque ele só usa essa vermelha. – Após eu dizer isso todos começaram a rir, porque realmente meu irmão só usava roupas da cor vermelha:

- Pelo menos eu não uso o calção de quando eu engatinhava.

- Nossa, que bravo. – Eu respondi enquanto enchia a boca com o purê de batatas.

- O que vocês pretendem fazer hoje de tarde? J.T. você bem que poderia nos ajudar com a livraria, não é mesmo?

- Pai, finge que eu não existo.

Meu irmão, o J.T., não era uma pessoa muito agradável. Ele já tinha dezenove anos e ainda fazia o último ano da escola, cabulava aulas para andar de skate e sair com seus amigos que não eram pessoas muito boas. Ele andava com a turma dos Pimentas e eles tinham a fama de roubar, pichar e até mesmo usar algumas drogas.

- Eu pretendo andar de skate hoje de tarde. – Eu disse, enquanto abocanhava um bife.

- De qualquer forma, não nadem no mar, ele está com ondas muito grandes e formando rodadoiros hoje. Deu na televisão. – Falou minha mãe parecendo tensa.

- Nossa, o Seu Sussumu disse isso para o Luís. Achei que era mais umas de suas pirações.

- Você ainda anda com o Bacalhau.

- J.T.! – Berrou meu pai: - Mais respeito com seu irmão e os amigos dele, o Sussumu deve ter visto isso na TV.

- É, mas ele não tem TV – Eu disse, mas ninguém prestou muita atenção em mim.

De qualquer forma aquele almoço passou rápido e depois de comer fui andar de skate, percorri toda a orla da praia do Una. Nós tínhamos dois piers e cerca de 14 quiosques, onde a maioria dos pais dos meus amigos trabalhava e no verão eles ganhavam muito dinheiro. Diferente do meu pai que nunca ganhava nada com a livraria.

Já eram quatro horas e trinta minutos segundo meu relógio do Homem-Aranha. Tirei meus fones de ouvido e fui sem pressa empurrando meu skate em direção ao píer.

Pude ver lá no fim do píer Luís e se avô pescando, mas dessa vez era com varas de bambu e não com dinamite. Comecei a me aproximar deles, ainda sobre o skate. Encarei ao lado deles uma pessoa de costas vestida de coelho rosa cercada por um punhado de crianças, me chamou a atenção um garotinho negro que estava todo lambuzado por sorvete, desde o nariz até a ponta do queixo.

Enquanto passava com meu skate na frente da loja de churros pude ver que Aline e seu pai comiam ali e olhavam para o mar agitado. Passei na frente dela, e ela olhou fundo em meus olhos. Ela, assim como eu e Luís, ainda usava seu uniforme da escola. Engraçado, seus olhos verdes pareciam me interrogar. Desatento bati em alguém. Caí no chão. Mas a pessoa me ajudou a levantar, contudo ela estava me levantando pelo pescoço.

Abri meus olhos quando meus pés estavam a um palmo do chão. Era J.T. que me agarrava pelo pescoço. Seus olhos grandes e castanhos como os meus pareciam estar enfurecidos e suas grossas sobrancelhas indicavam que ele estava com raiva.

Virei a cabeça, Aline e seu pai estavam em pé abaixo da loja de churros e pareciam ansiosos, ela estava próxima de mim, eu podia sentir seu cheiro. Foi quando J.T. falou:

- Seu verme. Você vai morrer.

- Caramba J.T.! – E pegando mais oxigênio, eu continuei: - Só encostei em você.

Logo mais sete meninos todos vestidos de vermelho assim como meu irmão estavam ao seu lado. Eles queriam que eu morresse também. Os Pimentas não eram nada gentis.

Os Pimentas eram constituídos do energúmeno do meu irmão J.T., do P.H. que tinha ideias tão ácidas que poderiam até derreter aço, de J.D. um menino que fazia a quarta vez a décima série, do F.T. que tinha sido considerado mais burro que um macaco pelo teste de QI da Escola Estadual da Praia do Una, por G.G. um menino tão grande, mas tão grande que nenhuma foto tinha sido tirada do seu pé até sua cabeça durante toda sua vida, de A.B. um garoto que aparentemente gostava de beber sangue e de Pimenta, o líder do bando, com a ficha criminal tão extensa quanto a bíblia.

- Joga ele no chão e vamos chutá-lo! – P.H. berrou.

- Bate com a cabeça dele aqui no píer. – Disse o F.T. encostando na madeira que servia como proteção para ninguém no píer cair no mar assim que chegasse na beirada desse.

- Não, joga ele no mar.

Todos ficaram em silêncio. Era o Pimenta que estava falando, o líder da gangue. Seu nariz parecia uma pimenta malagueta e seus cabelos eram vermelhos como sangue. Olhei para o fim do píer e vi Luis e Sussumu pescando, desejei tanto que eles virassem naquele momento. Que ódio! Então J.T. me colocou para o lado de fora do píer, apenas me segurando com suas mãos.

- Eu sou... – Com dificuldade concluiu: - ...Seu irmão!

Ele ainda me segurou alguns instantes. Deu-me tempo de observar o mar se movendo abaixo de mim, ele parecia estar agitado mesmo. Eu estava cerca de uns sete metros de distância da água. E a praia estava longe dali. Olhei para meu irmão mais uma vez.

Mas ele me soltou, e eu fui caindo. Coloquei as mãos na frente do meu rosto enquanto tentava retomar o ar. O relógio marcava quatro horas e trinta e oito minutos. Ainda mal conseguia respirar e meu mp4 estava no bolso. Aline tinha me visto passar por essa humilhação. E aquele cara era meu irmão! Quando o mar já estava muito próximo, eu fechei meus olhos e minhas mãos com muita força. Minha cabeça até doeu quando eu pensei: Eu quero voltar e derrubar J.T.

16:36PM – 07/05/2009 - BRASIL – PRAIA DO UNA

Senti meu corpo atingir algo sólido. Abri os olhos e minhas mãos continuavam fechadas, mas eu estava seco. Meu relógio marcava quatro horas e trinta e seis minutos. Levantei com dificuldade. Estava em um terreno declinado e azul.

Olhei em volta e vi apenas telhados. Muito longe dali, no fim do píer, estavam Luís e seu avô pescando. Pude ver o garotinho negro abraçando o coelho rosa. Fui descendo devagar e vi a cena que mudaria para sempre minha vida: Lá estava eu mesmo sendo enforcado pelo meu irmão, ao lado P.H. falando: “Joga ele no chão e vamos chutá-lo”, do outro lado F.T., e mais atrás o Pimenta mais o resto da gangue maldita.

Observei meu relógio de novo: marcava agora quatro horas e trinta e sete minutos, em um minuto o desgraçado do meu irmão ia me jogar no mar!

Fiquei em silêncio. Minha cabeça não parava de pensar em como eu havia voltado no tempo e ido parar ali em cima. Como isso era possível? Como tinha acontecido? Não sabia de nada. Mas dessa vez ia

empurrar J.T. do píer. Meu coração batia mais rápido do que nunca, parecia que meu peito ia explodir. Podia sentir meu pulso em minha jugular batendo forte.

Preparei-me para pular no píer no momento em que fosse jogado no mar. Não demorou muito e J.T. me deixou pendurado no píer. Tudo aquilo era tão estranho, parecia que eu estava tendo um flashback, sabia exatamente o que iria acontecer. Passados mais alguns segundos, meu irmão me soltou.

A fúria tomou novamente conta de mim, e meu coração saltou quase pela minha boca. Foi então que pulei na frente de toda a gangue do telhado da loja de churros. Meus sentidos estavam muito apurados, pude sentir a surpresa em Aline e seu pai e ver com meus próprios olhos a surpresa da gangue dos Pimentas.

Saí correndo e pulei sobre meu irmão que se agarrou em mim. Ele bateu na madeira que protegia as pessoas de caírem do píer, mas com tanta força que essa quebrou e nós dois caímos.

Durante a queda, J.T. estava atordoado, provavelmente com meu retorno ou com a queda. Pude apenas dizer enquanto caíamos:

- Como você pode me derrubar?

Dessa vez atingimos a água, o mar estava muito bravo. Eu tentei abrir os olhos e subir para a superfície, mas, pela força das ondas, não conseguia colocar a cabeça para fora e respirar. Tentei nadar diversas vezes. E nada. Estava morrendo afogado. Meu irmão nadava para longe dali. Conseguia vê-lo.

Quase sem oxigênio, fechei as mãos e os olhos com toda minha força e não só a minha cabeça doeu, minha barriga torceu dessa vez quando eu pensei:

“Eu quero sair daqui, para qualquer lugar!”

Capítulo 2

O dia D

08:47AM – 06/06/1944 – LITORAL DA NORMANDIA

Minha cabeça saiu do mar e pude pegar um pouco de ar. Meus joelhos estavam em contato com a areia, assim como as mãos, só a cabeça e as costas estavam descobertas pela água do mar. Eu cuspiam água, mas conseguia respirar.

Aos poucos, os sentidos foram voltando, ouvi passar correndo pessoas ao meu lado, e diversos chiados. Abri os olhos, e a visão foi tomando foco.

Na minha frente estavam correndo cerca de dois mil soldados fardados metralhando em direção a uma colina. E da colina, metralhadoras, postadas em cabanas, disparavam contra os soldados na praia.

Olhei em volta. De diversos barcos, mais soldados saltavam e corriam em direção à praia. Um grupo veio próximo a mim, enquanto corria em direção à praia. Um soldado todo barbudo parou ao meu lado e perguntou em inglês:

- What a hell are you doing here, boy? – Que em português significa: Que diabo você está fazendo aqui, menino?

- Me fala que você é aliado! – Respondi também em inglês.

- Claro que eu sou! Americano! Vou chutar a cabeça de Hittler! – Ele olhou para a praia e continuou: - Isso aqui vai ser rápido, os nossos pára-quedistas vão descer atrás das cabanas e empurrar eles, a gente tem que correr pra praia e daí... Esmagar!

Olhei para o alto e pude ver diversos aviões passando por ali e desses muitos pára-quedistas saltando. Olhei para o soldado que agarrou meu ombro e berrou:

- Garoto, o mar não é seguro, e a praia também não. Mas me segue, vou tentar te deixar atrás de uma das barricadas.

- Qual é o seu nome?

- Gordon. Sargento Gordon. Agora vamos!

Saí correndo atrás de Gordon, ele atirava em direção aos inimigos e eu podia ver as balas explodindo ao

meu redor na água, fomos caminhando na areia saltando sobre cadáveres de soldados aliados que morreram antes mesmo de avançarem contra o nazismo.

Gordon deu uma cambalhota em certo ponto e arrancou da cabeça de um soldado morto um capacete e deu para mim, e disse:

- NUNCA, mas NUNCA tire seu capacete!

Após avançarmos mais alguns metros paramos atrás de uma barricada de metal. Lá estavam mais dois soldados, enquanto eu prendia meu capacete um deles virou para mim e perguntou em inglês:

- O que você está fazendo?

- Me protegendo!

- A situação já está quase controlada. – Ao dizer isso tirou seu capacete e coçou o cabelo, de repente uma bala cortou os céus e atingiu o homem entre seus olhos. Em instantes, ele estava morto ao meu lado.

- O rádio caiu! – Gritou outro soldado. Gordon se ajoelhou e tirou a mala das costas do homem que havia morrido. Eu estava petrificado, nunca tinha visto nada como aquilo. Gordon me entregou a mala e disse:

- Qual seu nome? Último nome?

- Carvalho. – Eu disse quase balbuciando, segurando aquela mala pesada que Gordon havia me entregado.

- CARVALHO! Agora você é um soldado! Coloca o rádio nas costas, e fica escutando o comandante falar, se ele falar algo importante grite para nós!

Com muita dificuldade, coloquei a mala nas costas e me apoiei na barricada, enquanto Gordon e outro soldado atiravam contra as cabanas. Coloquei os fones, mas mal conseguia ouvir tamanho era o barulho das balas que saíam das metralhadoras.

Observava o mar, todos aqueles barcos, navios e soldados. Estava no dia D. Muitos mal conseguiriam chegar à praia, eu estava em uma situação que em relação aos outros era confortável e também com muita sorte. Foi quando com muita dificuldade ouvi o comandante falar:

- TODA A REGIÃO SUL, ONDE ESTÁ O SETOR AZUL SERÁ VARRIDA. REPITO! REGIÃO SUL SERÁ VARRIDA! - Gritando com todos meus pulmões perguntei:

- Onde fica a região Sul?

- Exatamente aqui! – Respondeu o outro soldado.

- Ela vai ser varrida!

Os dois pararam de atirar e olharam em volta, fiz o mesmo, os soldados do setor azul estavam correndo para o leste. Gordon me empurrou para eu correr, e mesmo com o rádio eu saí correndo junto com os outros soldados. Gordon e os outros davam cobertura contra as cabanas.

Foi quando aviões começaram a se aproximar da praia, mais especificamente da região sul. Eu não pude ver as bombas, apenas senti o calor delas e escutei o som de explosão. Junto com os soldados fui atirado em uma trincheira.

Abri os olhos e senti um cheiro horrível de pólvora e uma poeira tão densa quanto um chumaço de algodão. E escutei pelo rádio: Bulls Eye. Reproduzi para os outros ouvirem e eles começaram a gritar. Em seguida, o comandante no rádio mandou: AVANÇAR.

- GORDON! Temos que avançar!

Foi então que Gordon tirou a mala das minhas costas e deu para outro soldado, se agachou em minha

frente e retirou suas medalhinhas e as colocou em meu pescoço:

- Você vai ficar aqui garoto. Nós vamos prosseguir. Aqui é seguro. – Ele bateu em meu rosto, sorriu, levantou e virou as costas. Eu berrei:

- Hey Gordon! Quem é o general que pensou em tudo isso?

-General Dwight David Eisenhower – Ele gritou já saindo da trincheira com o grupo de soldados. E berrando: - URRÁ!

Eu sentei naquele buraco cheio de água do mar, segurei as medalhinhas com minha mão e pensei. Como eu estou fazendo isso? Eu nem moro na França! Eu nunca saí da Praia do Una. Ainda bem que eu aprendi inglês com aqueles livros do Charles Dickens. Fechei os olhos, espremi as medalhinhas com a mão e minha cabeça voltou a doer. Eu quero voltar para a casa. URRÁ!

20:14PM – 07/05/2009 - BRASIL – PRAIA DO UNA

Meu corpo bateu contra as ripas de madeira. Meus olhos se abriram e eu reconheci o lugar, era o píer. Eu estava na frente da loja de churros, mas já era noite. O local estava vazio, apenas uma figura se destacava no fim do píer.

Levantei com certa dificuldade e com uma leve dor de cabeça. Olhei para meu relógio do Homem-Aranha que com a luz proveniente dos refletores estrategicamente posicionados no píer pude ver as horas, já eram oito e quinze da noite.

Coloquei as mãos na cabeça e senti meu capacete da Segunda Guerra Mundial. Ainda não podia acreditar no que acontecia comigo, era tudo inacreditável. Foi quando a figura se aproximou de mim, e pelo cheiro de peixe eu reconheci na hora, era Seu Sussumu.

- Como foi de viagem? – Eu congelei! Minha espinha arrepiou! Como ele sabia? Como ele poderia saber? Eu mesmo mal sabia se tudo aquilo tinha acontecido mesmo.

- Como eu sei não importa. O que importa é como isso é importante.

- Como assim? – perguntei ainda assustado.

- Da mesma maneira que eu sei que tudo isso está acontecendo com você, muitos sabem também, sua vida pode estar em risco... – E tomando um fôlego, Sussumu concluiu: - ...E sua vida vale muito.

Então o avô de Luís caminhou de volta para o fim do píer, e ao chegar lá na ponta se virou para mim e berrou:

- Seu skate está atrás do banco azul.

Sorri e saí correndo, meus pais deveriam estar preocupados. Eu mesmo estava preocupado comigo mesmo! Pude imaginar que provavelmente achavam que me afogara. Já no fim do píer encontrei o banco azul de praça e embaixo, meu skate.

Disparei em alta velocidade pela orla, e em poucos instantes empurrei a porta da livraria. Estava aberta. Corri entre os livros e em instantes entrei na cozinha. Lá estavam meus pais jantando ao lado de J.T.

Todos me olharam assustados. Afinal de contas eu usava um capacete do exército e estava imundo de areia e poeira da guerra.

- Onde você estava?! – exclamou minha mãe, que continuou: - Seu irmão contou que você tinha ido para o

outro lado da cidade com Luis Sussumu!

Olhei dentro dos olhos de J.T. que comia animado um hot-dog preparado pela minha mãe. Ele parecia assustado, provavelmente com meu retorno triunfal ao pír mesmo após ele ter me derrubado, e deveria ter mentido aos meus pais para se proteger.

- É, foi bem isso que aconteceu. – Eu falei com ironia, e lavando meu rosto e minhas mãos no lavabo, continuei: - Foi exatamente isso que rolou.

- Você tinha que ter nos avisado, porque nunca se sabe o que pode acontecer – continuou minha mãe. Sentando-me à mesa, falei:

- Eu avisei. O J.T., ele é meu irmão e é da família. E ele fez o grande favor de avisar todos vocês.

- Faz sentido - concluiu meu pai.

Enquanto eu tomava um pouco de refrigerante, meu pai contava sobre o livro que ele estava lendo, A Origem das Espécies e como era fascinante que, durante os anos, as espécies fossem sendo alteradas, com características diferentes de seus antecessores. Caracterizando-se assim a evolução.

Talvez fosse isso que estivesse acontecendo comigo. Eu poderia ser uma evolução, a evolução da espécie humana! Quem poderia saber? Nada disso jamais tinha sido observado por alguém.

- Quem quer sundae perguntou minha mãe abrindo a geladeira.

- Eu quero! - Após eu exclamar, um estrondo ecoou na livraria. De imediato meu pai e minha mãe correram até lá, seguidos por mim.

Aparentemente estava tudo bem, mas logo acima da sessão da Guerra Fria, a prateleira da Segunda Guerra Mundial havia cedido. Meu pai com a ajuda de uma escada subiu até ali e retirou o livro que havia proporcionado peso excedente suficiente para a prateleira cair e o jogou em meus braços.

“Diários de uma Guerra”. Ele desceu da escada, pegou o livro e o folheou. E com muita surpresa disse para minha mãe e para mim, que estavam na expectativa:

- Esse livro, tinha 670 páginas, agora ele tem 680. Eu tenho certeza.

- Mas como isso é possível? – Perguntou minha mãe.

- Não faço a menor ideia.

- É sobre o que esse livro, pai?

- É um conjunto de diários de guerra de vários soldados da Segunda Guerra Mundial.

- Me deixa ver!

Meus pais voltaram para a cozinha e eu subi a pequena escada que se encontrava na livraria e entrei em meu quarto que se localizava em um sótão sobre a livraria da minha família. Escolhi ficar ali em vez de dividir o quarto com o J.T.

Meu quarto não era muita coisa, tinham diversos brinquedos espalhados pelo chão. Minha cama ficava abaixo da pequena janela que o iluminava durante o dia. Meu guarda-roupa não cabia metade de minhas roupas e a escrivaninha quando eu não queria ser incomodado colocava-a sobre a portinhola no chão que dava acesso ao sótão, digo, ao meu quarto.

Acendi o abajur. Deitei na cama. Folheei o livro até o índice dos diários. Foi quando encontrei na página 32, O Diário de Francis Gordon. Tirei de dentro da minha camiseta as medalhinhas que o Sargento Gordon tinha me dado, há pouco tempo para mim, mas havia 65 anos pelo tempo comum. Nelas, estava escrito: Francis Gordon.

Procurei entre as páginas daquele livro o diário de Francis Gordon, foi quando comecei a ler as primeiras linhas daquele capítulo:

04/06/1944 – O DIA D

Hoje foi o dia D. Descemos na Normandia e chutamos os nazistas para longe daqui. Desci do meu navio em um bote com meu grupo de homens, fazíamos parte do setor azul e atacaríamos a região sul. Pulei de meu bote com meus homens e começamos a marchar em direção aos inimigos.

Sabia que podia estar morto no fim do dia. Sabia disso, mas eles não sabiam. Não precisavam saber. Perdemos dois antes mesmo de alcançar a praia.

E ainda dentro da água encontrei um menino, com uma roupa esquisita e com uma espécie de boina. Por alguns segundos achei que eu tinha morrido e ele era meu filho amado, o Christian. Mas não era! Ele estava perdido, e seu nome era Carvalho.

Com um sotaque esquisito ele me seguiu em direção às barricadas, arranjei um capacete para ele. Conseguimos nos esconder. Aniquilei uns nazis. O garoto estava assustado, Flinch perdeu os miolos na frente dele.

Pedi pro menino ser o rádio. Ele topou. Em menos de dois minutos, ele me alertou que a gente ia ser varrido pela artilharia aérea. Saímos em retirada. Milagrosamente chegamos a uma trincheira após sermos cobertos de poeira.

Dei minha corrente para Carvalho e pedi pra ele ficar ali escondido. Tentei encontrá-lo hoje no fim do dia para brindar com ele, com um pouco de cidra e ração, mas ele já não estava no buraco. Só espero que ele esteja bem, ou tenha voltado para o céu junto com outros anjos da guarda...

O diário de Francis Gordon continuava, mas parei de ler. Sorri. Provavelmente, o diário não estava no livro antes, não saberia responder essa pergunta, mas esse trecho anteriormente não existia. Deitei com a cabeça na cama e sorri. Estava feliz de estar em casa e ainda mais de ter conseguido viajar no tempo.

Eu poderia ir para qualquer lugar, não interessava onde esse lugar fosse, mas se quisesse, poderia ir! Era só pensar no local. Não sei como tinha ido parar na Segunda Guerra, mas tinha sido bom por ter encontrado Gordon.

Tirei meu capacete e coloquei no chão. Foi quando observei meus dinossauros espalhados no chão. Poderia voltar para o tempo dos dinossauros se quisesse, ou mais, poderia ver exatamente o momento em que foram extintos.

Olhei para a parede e observei o pôster de Einstein com a língua para fora e da seleção brasileira em minha parede. Eu poderia ver qualquer jogo de qualquer época, poderia até mesmo ir para o futuro e ver quem venceria os jogos da Copa de 2014, quem sabe até mesmo os de 2018!

Foi quando uma mão apertou minha boca. A mão usava uma luva. Então a voz de quem me segurava ecoou pelo quarto e disse:

- Vou soltá-lo Guilherme, mas fique em silêncio. Acredito que você vai fazer isso.

A voz me passou tranquilidade e era estranhamente familiar. Ele me soltou. Me encolhi perto do abajur e apontei a luz até a pessoa.

O homem usava roupa preta de borracha, botas altas também pretas. As botas eram presas por diversas presilhas. Ele usava um capacete semelhante a de um motoqueiro, entretanto cabia perfeitamente no formato de sua cabeça. A viseira estava fechada. Em seu braço, estavam diversos relógios. Havia uma

espada guardada em suas costas e ele se equilibrava sobre uma prancha.

- Meu nome é Flashback. Venho do futuro. Não preciso explicar para você como viajo no tempo, pois você sabe exatamente como fazer isso.

- Você é como eu? – Perguntei com a boca aberta.

- Sim, vim te aconselhar. Você gostaria de perguntar alguma coisa?

CLARO QUE SIM, pensei. Tinha diversas perguntas. Estava extremamente empolgado, mas de alguma forma não sabia se podia confiar nele. Eu o conhecia há vinte segundos!

- Como a gente faz isso?

- O tempo é como uma estrada, as pessoas normalmente andam por essa estrada. Nós podemos de alguma forma saltar para frente das pessoas ou para trás delas, indo para o futuro ou para o passado.

- Posso então ir pra onde quiser, quando quiser?

- Pode. – Flashback respondeu duramente e continuou: - Mas você deve ter cuidado! Tudo que você fizer no passado, irá afetar seu futuro. Por exemplo, suas aventuras na Segunda Guerra Mundial, afetaram exemplares do livro “Diários de uma Guerra” de centenas de pessoas.

- Mas...

- Agora, imagina se ao lhe proteger, Francis Gordon tivesse morrido? Ele nunca mais veria sua família e o pior talvez nunca tivesse tido seu segundo filho, que viraria um grande poeta. – Aproximando-se de mim, concluiu: - TUDO que você fizer no passado afetará o futuro de alguém, nem que seja movimentar um grão de areia. Você deve tomar cuidado.

- Isso é um poder? – perguntei com medo que ele me respondesse que fosse uma maldição.

- Interprete isso como você quiser, Guilherme. Eu gosto de pensar que somos iluminados. Que isso tudo é um DOM.

- O que devo fazer?

- Não vim aqui para dizer o que você deve fazer, afinal de contas quem deve tomar seu próprio rumo é você mesmo. Vim aqui apenas para dizer para você tomar cuidado com suas ações no passado e no futuro. E responder suas perguntas.

- Quero fazer alguma coisa pelo mundo. - Não sabia de onde tinha vindo aquilo, simplesmente fluiu.

- Quando você tiver certeza disso, saberá exatamente o que fazer. – Olhando um de seus relógios, Flashback prosseguiu: - Devo lhe alertar sobre umas coisas.

- Pode dizer...

- Não interfira na MORTE. Pois, ela poderá lhe procurar e você não vai querer isso.

- Não posso salvar ninguém de morrer?

- Apenas tente não voltar no tempo e impedir alguém que morreu de morrer! Pode ter consequências catastróficas.

- Putz... – Eu cocei minha cabeça, tudo parecia mais complicado do que era antes.

- Entenda o seguinte, Guilherme, algumas coisas devem acontecer. E outras nós podemos mudar. Tudo segue um padrão, tente não exagerar e quebrar esse padrão. Tudo tem uma regra. Existem pessoas que sabem disso e não querem que nós existamos. Porque quebramos regras... – e tomando fôlego, Flashback continuou: - ...Eles vão lhe procurar para aniquilá-lo.

- Pessoas querem me matar?

- Você deve tomar cuidado com você mesmo e principalmente com sua família. Eles virão atrás de você e destruirão tudo, até destruírem você.

- Quem são essas pessoas? – perguntei, levantando da cama, mas nisso Flashback disse:

- Realmente, gostei de lhe reencontrar Guilherme, mas devo ir agora. Na sua vida, você encontrará pessoas maravilhosas e terá experiências incríveis – e se impulsionando para cima, sua prancha começou a levitar pelo quarto, enquanto Flashback fazia meia-volta concluiu: - Te vejo por aí, amigo! Cuide-se! URRÁ!

Em um piscar de olhos, Flashback já não se encontrava em meu quarto. Desabei na cama, entusiasmado com tudo que tinha me acontecido naquele dia:

- Nossa, eu tenho que perguntar onde ele arranjou aquele skate!

Sorrindo, deitei em minha cama. Apaguei a luz. Dormi naquela noite muito mais feliz do que jamais tinha sido em toda a minha vida.

Capítulo 3

Guangue dos Pimentas ataca novamente

06:32AM – 08/05/2009 - BRASIL – PRAIA DO UNA

Acordei naquela manhã com minha mãe esmurrando a portinhola do sótão. Ela berrava que faltava meia hora para as sete e eu precisava ir para a escola.

Levantei com a cabeça balançando. Abri a mala xadrez e observei o livro de história. Teria história hoje! Por incrível que pareça estava empolgado, enquanto a refém de canibais da Cibelle estivesse olhando para o alto, eu lia o livro todo e me preparava para viajar. Meu plano para a tarde seria visitar o mundo todo! Estava vibrando. Coloquei o mp4 no ouvido e comecei a escutar a música Bigger than my Body do John Mayer. O mp4 não tinha sido danificado com o meu princípio de afogamento do dia anterior! Eu tive a leve impressão que seria uma boa tarde!

Mas, é lógico, viajar tendo cuidado com meus atos. Afinal de contas, vai saber o que pode acontecer no futuro?

Coloquei o capacete da Segunda Guerra Mundial na minha mala, troquei de uniforme, amarrei o All Star preto no pé e ajeitei o relógio do Homem-Aranha no pulso. Deixei meu cabelo sem o boné. Precisava de uns óculos escuros para viajar no tempo. Nunca se sabe se haverá sol no futuro.

Desci pelo sótão, peguei o skate, encostado na porta. Despedi-me dos meus pais, que estavam no caixa da livraria, e saí em direção à escola sobre o skate.

O problema de ser um skatista é que voltando do colégio demorava menos de um minuto para chegar em casa. Contudo para ir, eram vinte minutos. Tinha de subir toda a grande avenida da escola.

Virando a esquina, me deparei com meu irmão que subia a rua com a cabeça cabisbaixa. Ele acenou para mim e me aproximei dele:

- Cara, que loucura ontem, não é mesmo?

- É verdade. – Fazia muito tempo que ele não conversava comigo dessa maneira, resolvi simplesmente deixá-lo falar.

- Desculpe... Fiquei com medo que algo tivesse acontecido com você!
- NÃO! Fica tranquilo. – Eu nem acreditava que ele estava pedindo desculpas, isso não era de seu feitio.
- Eu me levei pelo pessoal... – Ele tentou se explicar, mas interrompi:
- Cara, você tem que se separar desses drogados! Eles estão acabando com você.
- Não é tão simples assim, maninho! – Ele disse rindo, e realmente não era. Eu sabia disso. Diversas vezes já havia escutado histórias de turmas que nunca deixam em paz os membros que querem se desvincular.
- É, mas você deveria tentar...
- Você pode até ter razão! – E tomando um pouco de fôlego, J.T. perguntou o que ele realmente gostaria de saber:
- Como você voltou tão rápido para o alto do píer?
- Houdini! – Eu respondi, e nós dois rimos. Meu irmão era uma boa pessoa, mas seus amigos imbecis o estavam destruindo.

Chegando próximo à entrada da escola, eu e meu irmão nos separamos. Observei que J.T. não ia entrar na escola, ele estava caminhando para um terreno baldio ali perto. Algo me disse para segui-lo, de qualquer forma, se eventualmente eu me atrasasse para a aula poderia voltar no tempo e chegar no horário!

Meu irmão entrou no terreno por uma pequena fenda em um muro. Eu, por outro lado, coloquei meu skate dentro da mala, escalei o muro e fiquei escondido no alto desse perto de uma goiabeira, e comecei a observar o que eles faziam.

Pimenta estava no centro da roda da gangue. Agora que meu irmão havia chegado, a turma dos Pimentas estava completa, com seus seis membros, mais o líder.

- Ontem, ver J.T. cair no mar e quase morrer para sair, me deixou pensativo...
- Pensando em que Pimenta?! – exclamou G.G. um menino que supostamente tinha gigantismo.
- Pensando em quê? – Perguntou meu irmão muito assustado, Pimenta levantou a mão, mandando ele se calar, e continuou:
- Andei pensando se você é digno mesmo de fazer parte da gangue dos Pimentas. – Todos os garotos concordaram, e J.T. se defendeu movendo freneticamente seus braços:
- Claro que eu sou! Faço tudo com vocês.
- Quase tudo... – Disse Pimenta sorrindo e estalando os dedos. De trás dele correu F.T. com um pacote onde estava armazenado um pó branco: - Você não endoidece com a gente.
- Mas...
- Se você quer ser um Pimenta. Tem que agir como tal. Ou vai ficar para sempre apanhando de seu irmão caçula.

Todos ficaram em silêncio. O clima estava tenso ali, e eu quase não podia me conter. Estava esperando o que meu irmão iria fazer. Eu teria que tomar uma atitude. Gostaria que ele fizesse a coisa certa, mas ele iria me decepcionar.

Coloquei minha mão na cabeça e virei meu pescoço para a rua, e quase caindo do muro observei Aline Sakura, ela estava de uniforme da escola, bem ali na rua, sentada em um banco me observando sobre o muro. Seus olhos verdes quase me cegaram, mas eu estava em uma missão. Ela teria de esperar.

Movi os olhos para o terreno e não pude acreditar no que estava vendo: meu irmão consumindo drogas. Uma fúria incalculável tomou conta de mim e agi como deveria. Abri a mala, coloquei o capacete da Segunda Guerra e saltei na terra daquele terreno.

Fui andando em direção aos Pimentas. Eles estavam todos em fila em torno de um prato com a droga que agora estava nas mãos de P.H., mas ao perceberem minha presença eles me cercaram inclusive meu irmão que não parava de coçar o nariz.

- Seu anão, o que você quer aqui? – Perguntou o Pimenta.

- Vou levar todos vocês para longe do meu irmão.

- E como você pretende fazer isso? – Questionou A.B. se aproximando. – Com calma olhei o relógio do Homem-Aranha e disse para eles:

- São sete horas e quatro minutos da manhã dessa sexta-feira. Em menos de um minuto, meu irmão vai estar longe de todos vocês.

- É melhor você sair daqui Gui, eles vão te matar. – Fazia anos que J.T. não me chamava assim, mas eu estava pronto para agir.

Senti duas mãos segurando meus ombros, era F.T. e J.D., movi minhas mãos rapidamente e agarrei os braços deles, cerrei meus olhos e pude sentir meu corpo todo doer, mais intensamente minha cabeça. Eu quero dar uma lição nesses dois.

13:48PM - 18/06/1815 – BÉLGICA – WATERLOO

Abri meus olhos e senti F.T. e J.D. soltando-se de mim, os dois caíram sentados no gramado. Uma garoa fina caía em todos nós e o céu cinzento era o plano de fundo daquele dia. Os olhos drogados de J.D. giravam alucinadamente, e ele se enrolou no chão dentro de sua blusa azul e berrou:

- Estou tendo uma bad trip!

- Que lugar é esse? – Perguntou F.T. levantando-se, com o cabelo loiro balançando e os olhos azuis sedentos de raiva. Comecei a rir, escutei o barulho dos cavalos e uma alta trombeta, proveniente do leste. Não demorou um minuto para escutar uma trombeta do oeste e também o barulho de cavalos.

- Nós estamos em 1815, na Bélgica. Napoleão vai ser derrotado aqui... Hoje! – Me sentei no chão e continuei: - Exatamente daqui a três minutos, os aliados vão se encontrar com o exército de Napoleão exatamente nesse ponto e efetuar uma batalha histórica. – Colocando as mãos na cabeça, F.T. gritou:

- Você é louco!

Observei no alto de uma colina no leste o exército vestido de azul da França avançar, na frente vinham os cavalos correndo em alta velocidade. Virei meu rosto para o oeste e observei o exército vermelho dos aliados.

- Mas o que é isso?! – Gritou F.T. levantando.

- Isso é ser derrotado pela história. – Fechei as mãos e os olhos e concluí: - Boa Reflexão.

07:04AM – 08/05/2009 - BRASIL – PRAIA DO UNA

Meus olhos se abriram e eu estava na roda dos Pimentas, mas já sem F.T. e J.D. que estavam se divertindo na Batalha de Waterloo. Olhei em toda a roda de garotos e saí correndo em direção ao Pimenta. Entretanto G.G. me agarrou e P.H. saltou na nossa frente para me acertar com socos.

Meu irmão gritou e correu em minha ajuda, mas A.B. e Pimenta o seguraram. Fechei meus olhos e minhas mãos e esperei o momento certo para dobrar o tempo. Foi quando o soco de P.H. acertou meu estômago. Eu vou levá-los para almoçar.

12:32AM – 08/05/1486 - BRASIL – AMAZÔNIA

G.G. me soltou e P.H. deu alguns passos para trás. Olhei em volta, estávamos cercados pela mata. Árvores gigantes se espalhavam pela área e mal conseguíamos ver o céu, o clima era abafado e eu quase não conseguia respirar.

- O que você fez com a gente? Você é doente? Você é um ilusionista? Onde está o terreno? O pó? – Perguntou P.H. correndo em minha direção.

- Para começar é ilusionista. E vocês na verdade estão na Amazônia em 1486, e sabe o que tem nessa época aqui? – Eu perguntei enquanto sentia a picada de um mosquito.

- Canibais? – respondeu G.G. que observava por entre as árvores.

- Isso! – Eu disse surpreso por G.G. ter acertado a pergunta, pois era praticamente uma pergunta retórica. Após terminar a frase uma zarabatana atravessou os céus e atingiu o pescoço de P.H. que caiu desmaiado no chão.

- O que foi isso? – perguntou G.G. se ajoelhando perto de P.H. que estava inconsciente no chão.

- Os canibais vão comer vocês. Olhe bem por entre as árvores.

O gigante observou e pudemos notar diversos olhos que se moviam e observavam os intrusos. Fechei as mãos e os olhos e disse:

- Me manda uma carta da barriga de um deles. Até mais!

07:04AM – 08/05/2009 - BRASIL – PRAIA DO UNA

Voltei para o terreno e A.B. e Pimenta começaram a mover as cabeças procurando G.G. e P.H., eu observei meu irmão que tinha parado de gritar e também os procurava. Por um impulso, olhei o muro do terreno e pude observar mesmo atrás da goiabeira que alguém nos olhava. Mas não deu tempo para eu pensar porque A.B. correu em minha direção.

Em alta velocidade eu segurei sua mão e aproveitei para me esticar e agarrar o pulso de Pimenta que dessa vez estava próximo de mim. Fechei os olhos com toda a minha força. Agora vou levá-los para o show.

22:32PM – 17/06/1791 - FRANÇA – NANTES

Soltei A.B. que se chocou contra uma árvore e caiu deitado de bruços no chão. Continuei segurando Pimenta que estava assustado com aquela paisagem sinistra. As árvores secas se retorciam quase esmagando nós três e a lua cheia no alto da noite iluminava aquela região. Podiam-se ouvir vozes e ver tochas acesas não muito longe dali, as pessoas corriam na direção contrária em que estávamos.

- A.B., estamos na Revolução Francesa. Todas as bruxas, magos, opositores e qualquer outra coisa sem serem os fiéis vão morrer... – E olhando a surpresa do garoto conclui a breve aula de história:

- ...Na guilhotina.

- O que eu tenho a ver com isso? E nós não estamos na França! Não estamos, né? – Disse o garoto que usava uma touca que cobria suas orelhas.

- Sim, nós estamos. E você tem muito a ver com isso. Porque você é um sorcier... Sabe o que é isso?

- Não! – Disse ele se levantando e parecendo irritado comigo

- Bruxo em francês! – E com todos meus pulmões, eu berrei:

- Sorcier! Sorcier!

As tochas mudaram de direção e as pessoas começaram a correr em nossa direção. Pressionei forte o pulso de Pimenta e fechei minha outra mão, em seguida pisquei para A.B.: - Au revoir!

10:39AM – 65000000 A.C. – PERÍODO JURÁSSICO

Soltei Pimenta, que se apoiou em uma grande pedra. Estávamos em uma imensa planície, cercada de gêiseres, que explodiam a todo minuto. A calça gigante de Pimenta já tinha ficado suja de lama e por causa de seu blusão e daquele clima fervente ele já suava em bicas. Seus cabelos vermelhos quase entravam em sintonia com o céu avermelhado da época dos dinossauros.

- Eu lhe trouxe na época mais afastada de todas. Porque não pretendo vir te buscar. – Ficamos em silêncio, apenas pudemos escutar um grito horripilante proveniente de algum lugar muito longe dali, Pimenta se assustou.

- Você fez muito mal ao meu irmão, mas muito mais a Praia do Una. Desde que você chegou lá, a criminalidade aumentou e a violência também, sem falar nas drogas. – Olhei para o céu e novamente para Pimenta:

- Recebi um conselho que não posso interferir com a morte, mas nesse caso é diferente.

Pimenta parecia não entender, estava assustado demais com seu novo mundo, mas escutava. Esperei alguns instantes e continuei:

- Eventualmente, você irá morrer, porque cedo ou tarde todos aqui vão morrer... Afinal, os dinossauros foram extintos. Ou seja, não vou tirar sua vida efetivamente. E também não vou afetar a história.

- O que isso significa? – Ele perguntou chegando perto de mim: - Você vai me deixar morrer aqui?

- Morrer não, você será extinto. – E, após olhar no fundo dos olhos azuis dele, apenas pude dizer: - Adeus!

07:04AM – 08/05/2009 - BRASIL – PRAIA DO UNA

Retornei para o terreno baldio. Meu irmão estava em pé ainda, procurando possivelmente a gangue dos Pimentas e lógico: eu. Olhei para o muro e aparentemente a figura continuava ali me observando, achei que parecia uma garota, mas fiquei com medo que fosse a Morte.

- O que você fez com eles?

- Levei-os para dar uma volta... – respondi, tomando fôlego e me recuperando da dor de cabeça que sentia.

- Houdini? – Ele questionou e, sorrindo, respondi:

- Exatamente. Mas tenho que ir buscá-los. Eles não podem morrer.

Meu irmão ainda parecia estar sobre os efeitos da droga que havia ingerido. Isso até que seria bom, afinal de contas não estava com o intuito de ninguém saber o que eu andava fazendo pelas esferas do tempo. Fechei meus olhos e minha mão e quis ir para Waterloo. Agora!

17:58PM - 18/06/1815 – BÉLGICA – WATERLOO

O ambiente já tinha se alterado: céu cinza e a garoa gelada caindo. Entretanto, a colina que, antes era verde, agora estava vermelha de sangue.

Comecei minha caminhada entre os derrotados da Batalha de Waterloo, o estômago torcendo de dor. Não queria que F.T. e J.D. tivessem morrido, só queria que eles tivessem tomado um susto. Olhava entre os mortos para o rosto de cada um daqueles homens, anônimos naquela luta. Eles eram humanos, assim como eu. Isso nós também não aprendemos na aula da história.

- Ei! Maluco!

Uma voz me chamou, eu corri até ela e cobertos com cadáveres sobre suas cabeças estavam F.T. e J.D., o segundo ainda achava que estava sobre o efeito de drogas:

- Pelo amor de Deus, leve a gente para casa.

- Tudo bem. – Peguei na mão dos garotos, e assim como F.T. havia pedido imaginei a volta para o terreno. Vamos voltar.

07:04AM – 08/05/2009 - BRASIL – PRAIA DO UNA

Nós tínhamos voltado para o terreno. Os dois garotos cobertos de sangue deitaram-se no chão e beijaram a terra. Pareciam estar gratos pelo Sol e por terem voltado.

Contudo, meu trabalho ainda não estava concluído. Fechei meus olhos com toda a força e fui em direção a G.G. e P.H.. Na hora do almoço.

14:10PM – 08/05/1486 - BRASIL – AMAZONIA

Estava no meio da Amazônia novamente. Caminhei por entre uma secoia e uma mangueira e encontrei amarrados no chão os dois garotos. Um grupo de cinco índios puxava-os por um cipó, que estava muito bem amarrado neles. Eles os levavam para a tribo, arrastando-os no chão.

P.H. e G.G. pareciam conscientes, mas estavam tão assustados que nem se mexiam mais. Aproximei-me cuidadosamente deles, me esgueirando pela mata forrageira que se instalava naquela região.

E como uma onça, eu dei o bote. Agarrei o pé dos dois. Vamos voltar para a casa.

07:04AM – 08/05/2009 - BRASIL – PRAIA DO UNA

Soltei os dois. Os garotos se debatiam. Demorou alguns segundos para se darem conta que não estavam mais na Amazônia. F.T. e J.T. os soltaram do cipó. E G.G. e P.H. se levantaram e se abraçaram.

Olhei para o muro e a figura ainda estava nos observando. Ainda faltava mais um. Vou evitar que cabeças rolem.

08:02AM – 18/06/1791 - FRANÇA – NANTES

E lá estava eu no meio da praça principal de Nantes. Uma multidão vestindo chapéus e roupas estranhas se apertava para ver o pequeno show de horror que iria se iniciar. Sobre um pequeno palco instalado ali estava uma grande guilhotina, com direito a um carrasco ao lado da máquina.

Um homem anunciava que daqui a três minutos iria ser efetuada a sentença de morte de Phillip Henrique. Era P.H. com sua touca enfiada até os olhos que estava na guilhotina.

Caminhei sem muita pressa por entre as pessoas. E subi ao palco, disse em francês ao carrasco e ao homem que presidia a sessão de morte:

- Eu conheço esse Phillip. Preciso ouvir suas últimas preces.
- Você tem dois minutos, meu pequeno. - Ajoelhei na frente de P.H. e segurei seu rosto entre minhas mãos:
- Aprendeu sua lição:
- Me tire daqui, pelo amor de Deus... – P.H. implorou enquanto uma lágrima escorria de seus olhos.
- É para já!

07:04AM – 08/05/2009 - BRASIL – PRAIA DO UNA

Os seis meliantes estavam reunidos no terreno. Todos estavam em pé ou sentados e me observavam. Olhos arregalados e assustados, tinham passado por poucas e boas. Esperavam alguma explicação ou que eu falasse algo. Falei:

- Vocês visitaram lugares horríveis e passaram por experiências no mínimo traumáticas. Eu não quero ouvir choro de vocês ou sentir a ira de vocês. Só fiz isso, porque quero que vocês mudem o caminho de vocês, sempre temos outro caminho na vida, tentem buscar o de vocês. – respirei fundo, e olhei para o muro, a figura feminina ainda estava lá. Tomei fôlego e conclui:

- Eu tenho meus quase quinze anos e consigo ver que todos vocês estão indo para o caminho errado, eu sou só uma criança e consigo ver que vocês vão se dar muito mal! Dei esse susto em vocês para incentivá-los a mudar. Consigo ver alguma bondade em vocês. Então, mudem e não me decepcionem. Senão tem mais...

Virei as costas e sem dizer mais nada saí correndo em direção ao muro. Queria descobrir quem estava me espionando. A figura saltou em direção à rua. Pulei sobre a goiabeira e, quase como um ninja, caí na calçada, e pude vê-la entrando no BMW preto.

Era Aline Sakura que me espionava. Reconheci-a quando o carro passou a meio centímetro de mim a 100 km/h. Por que estava me espionando? Ela queria algo comigo? Meu segredo estava em risco? Eu corria algum perigo? O que estava acontecendo? Olhei para meu relógio do Homem-Aranha e vi: eram sete horas e seis minutos, estava atrasado para a aula de história. Ou não estaria?

Capítulo 4

Laboratório Sakura

06:58AM – 08/05/2009 - BRASIL – PRAIA DO UNA

Lá estava eu, em pé, sobre a privada dentro do banheiro dos meninos. Desci, levantei a tampa e aproveitei para usar o banheiro, sai tão empolgado de casa que tinha me esquecido de esvaziar a bexiga. Tirei o capacete da Segunda Guerra Mundial e o guardei na mala, junto com o skate.

Lavei as mãos em uma das pias ali instaladas e me observei no espelho e sorri. Estava feliz. Foi então que meu estômago deu um nó. Por que Aline Sakura estava me espionando? E por que ela fugiu?

Foi quando a porta de um dos banheiros abriu e saiu o Luís, que, enquanto lavava as mãos, falava comigo:

- Meu avô ontem me perguntou de você. Disse-me que você é especial.

- Sem querer ser chato, mas como ele pode saber isso? – Eu perguntei já enxugando minhas mãos. Pensei no velho Sussumu me dizendo que era para tomar cuidado, que minha vida era muito especial e que algumas pessoas sabiam disso também.

- Meu avô é muito sábio. Ele trabalhava em um grande laboratório no Japão. O Laboratório Flor de Cerejeira.

Esperei Luís enxugar as mãos e começamos a caminhada juntos em direção à sala de aula. Seu bafo de peixe naquele dia estava muito forte. Ao entrarmos na sala, ele me disse:

- Depois da aula, vá ver meu avô. Ele quer falar com você.

- Sério? – Eu perguntei me sentando em minha carteira, a última da fileira da esquerda. E lá da frente Luís respondeu:

- Sério. Vai almoçar conosco!

Eu não gostava muito de conversar com o Seu Sussumu. Ele era muito louco e muitas vezes, falava de coisas sem o menor nexos. Por exemplo, certa vez ele cismou que existia plantação de pacu e não criação. Além disso, era complicado entender o que ele queria dizer em razão de seu sotaque que muitas vezes ficava mais evidente do que o usual.

Minha cabeça doía um pouco, quando a professora começou a falar da invasão alemã na França, do por que a linha Maginot tinha falhado. Também, diga-se de passagem, do que iria adiantar fortalecer toda a divisa com a Alemanha se não protegesse a fronteira com a Bélgica?

Adivinhe o que o Hitler fez? Invadiu a Bélgica e esmagou a França, vindo da Bélgica! Só que ela não falou isso, só disse enquanto observava a luz no teto: “A linha Maginot falhou e a Alemanha invadiu a França”.

De certa forma, eu sabia bastante história, porque meu pai me incentivava a ler muitos dos livros da livraria. Nós compramos a TV apenas há alguns anos, até então eram só os livros. Ah! Eu não disse isso antes, mas sabia falar tão bem francês, porque minha mãe me ensinava aos sábados!

Minha vontade era aprender japonês. Entretanto, ninguém da minha família sabia esse idioma. Quem sabe um dia a Aline não me ensinaria? O pouco que sabia da língua tinha aprendido em uma escola particular e lendo as histórias de Miyamoto Musashi de um livro. Contudo, por dificuldades financeiras, tive de largar o curso de japonês. Olhei para a carteira de Aline e ela estava vazia. Meus olhos buscaram as horas na parede, eram sete horas e oito minutos.

Ela estava atrasada, ou seja, depois que o BMW saiu quase tirando minha calça, ela não veio para a escola. Foi quando a professora disse:

- Guilherme, as horas são interessantes, não é mesmo? – Não sei como ela fazia isso, mesmo olhando para o teto conseguia ver quando eu estava pasmando: - De certa forma, o tempo é fascinante. – Eu retruquei.

A sala inteira morreu de rir. E ela, não gostando da minha resposta, se voltou para o quadro e começou a escrever algumas datas importantes da Segunda Guerra Mundial. Eu não queria saber de datas, era só imaginar o evento e PIMBA, lá estava eu: vivendo-o.

Foi quando a porta se abriu. Era a diretora. O soado de “hum” ecoou pela sala. Isso queria dizer que alguém estava ferrado. A professora Cibelle foi até a porta e após conversar com nossa diretora, que tinha tingido seus cabelos de loiros, a porta se abriu e Aline Sakura entrou na sala.

Seus longos cabelos pretos se movimentaram no ritmo em que ela andava e ela sentou em sua carteira. Parecia estar ofegante. Talvez devido à corrida que eu tinha dado nela. Eu não sabia. Mas então seus olhinhos verdes se encontraram com meus grandes olhos castanhos.

PUTZ, ELA SABE. Eu pensei e um calafrio percorreu toda a minha espinha. Parecia que a sensação gelada correu pela minha espinha e me deu um belo soco em meu cérebro. E agora? Eu volto no tempo? Ela continuava olhando para mim. Ela parecia saber que eu sabia que ela sabia. Se é que você me entende! Seus olhos pareciam entrar na minha alma e a esmagar como um pequeno girino.

- Guilherme Carvalho, o humorista.

Eu virei em direção à professora. Todo meu senso de humor tinha-se sublimado. Eu estava querendo desaparecer da escola. Cibelle olhava para o teto, mas seu sorriso denunciava: ela tinha descoberto uma forma de dar o troco em minha piada.

- Ontem, eu deixei uma lição de casa, alguém sabe qual era?

- Quem foi o general que elaborou o plano de desembarque dos aliados no dia D? – Respondeu Luís na primeira fileira lendo em seu caderno. Eu pensei em levantar e agradecer-lo, mas Cibelle fez isso:

- Obrigado Sussumu. – E colocando as mãos na cintura e se aproximando de mim, a professora perguntou: - Então, responde Carvalho, qual o nome do comandante que liderou o desembarque dos

aliados no dia D?

- General Dwight David Eisenhower – SE FERROU TROUXA. OBRIGADO GORDON. Agora foi minha vez de sorrir, olhei para ela que estava sem ter o que dizer:

- Professora, a senhora disse ontem, que quem respondesse essa pergunta ganharia UM PONTO na prova – disse Luís lendo em seu caderno.

- Obrigado, Sussumu – falei e quase todos da sala riram. Cibelle, voltando para o quadro, se defendeu:

- Eu disse SE alguém me trouxesse o nome. Guilherme foi perguntado. Ele não me trouxe nada. – O teto nunca pareceu tão interessante para ela, então levantei da carteira e disse:

- Trato é trato professora! – Todos da sala começaram a me apoiar. E virou um pandemônio. Foi quando Aline Sakura levantou de sua carteira e falou com um sotaque fortíssimo:

- Regra é regra. Todos têm que jogar conforme as regras.

O silêncio pesou na sala de aula. A professora coçou a cabeça e resolveu ser tolerante:

- Tá bom! Um ponto para o Guilherme!

Todos voltaram a se acalmar e a ordem se restabeleceu, mas eu continuava em pé. Aline Sakura tinha dito isso para mim. Ela enquanto sentava olhava para mim, ela sabia de mim. Eu quebrava regras. Flashback tinha falado isso para mim. Ela sabia que eu jogava diferente. Minhas pernas tremiam. Quem era essa menina? Meu coração acelerou. O que eu tinha de fazer? Precisava sair dali. Segurei minha mala. E me dirigi para a porta:

- Aonde você vai, Carvalho?

- Ao banheiro, isso tudo foi muita emoção para mim – Saí da sala e fechei a porta.

Fui andando rápido pelo corredor. Caminhei alguns metros e olhei para trás. Quase desmaiei. Aline Sakura estava atrás de mim. Sem pensar duas vezes saí correndo e, sem nem olhar para trás, pude descobrir que ela me seguia, conseguia ouvir os passos dela atrás de mim.

Fui em direção à saída da escola. Ela corria muito mais rápido que eu. Tentei abrir a porta da escola, mas estava trancada. Saí correndo em direção ao pátio. Passei por diversas salas de aula, ainda com ela em minha cola. Passando por um grande arco, saí no pátio ao fundo do colégio.

Cruzei a quadra de esportes e me deparei com o alto muro que ali se instalava, passando por ele eu estaria na rua. Virei de costas para o muro e me deparei com ela, que olhou no fundo da minha alma.

- Desista, menino.

- Que diabo é você? – E jogando seus cabelos negros contra o vento ela respondeu:

- O seu fim.

- O que você quer comigo?

- Vingança e uma passagem de ida para o Japão.

Ela saiu correndo em minha direção. E sem nem pensar eu saltei no muro e comecei a escalá-lo. Por mais difícil que parecia ser eu já tinha visto os Pimentas fazerem isso diversas vezes. Eu conseguiria.

Com muita dificuldade cheguei ao alto do muro. E olhei para baixo, de um lado Aline subia com muita facilidade, e do outro após uma altura considerável, eu tinha a calçada.

Saltei. E caí em pé. O impacto deixou minhas canelas doendo muito e, mancando, saí correndo para o meio da rua. Foi quando o BMW surgiu em minha frente e a porta dele abriu. O pai de Aline com aqueles

óculos gigantes tentou me pegar.

Dei um passo para trás e lá estava ela novamente correndo em minha direção. Saltei no capô do carro e corri em direção àquela descida que levaria para a rua da minha casa.

Foi quando senti o BMW a alguns centímetros de minha perna. Olhei para trás e estavam dentro dele Aline e seu pai. Eu já estava quase morrendo de cansado e sendo atropelado. Quando a salvação surgiu ao meu lado esquerdo, em uma Brasília marrom. Era Seu Sussumu que estava dirigindo e buzinando muito.

Com um último esforço, corri e saltei dentro de seu carro e ele acelerou para a descida. Enquanto a Brasília descia muito rápida eu me recompunha. O cheiro de peixe estava ali também. E Sussumu parecia estar muito concentrado, escondido atrás de um chapéu de pescador e fumando um cigarro apagado.

Olhei pelo retrovisor e Aline e seu pai ainda estavam nos seguindo, quase batendo na Brasília de Sussumu. Seria impossível despistá-los naquele carro velho. Foi quando o velho gritou:

- Dá para você tirar a gente daqui?!

- Não vou conseguir levar o carro! – Eu gritei também.

- Leva a gente pro passado então! Esse é meu único carro!

Segurei o braço de Sussumu e muito próximos de chegarmos à praia, eu fechei meus olhos. Vamos pra casa de Sussumu.

06:45AM – 08/05/2009 - BRASIL – PRAIA DO UNA

Eu e Sussumu voamos pela areia até cairmos dentro do mar. Levantei a cabeça quase me afogando e ele fez o mesmo. Depois de alguns instantes, saímos do mar tossindo água e ainda desorientados. Minha cabeça doía muito. E eu não estava entendendo o que tinha acontecido:

- Mas como é possível, a gente saiu voando!

- É claro. – Falou Sussumu com seu sotaque, se escondendo atrás de um barco: - Um corpo em movimento tende a ficar em movimento. Estávamos no carro, não paramos o carro. Continuamos na velocidade do carro... Agora vem aqui! Esconde!

Fiquei escondido junto com Sussumu atrás de um pequeno barco de pescadores. Ele colocou o dedo indicador na frente da boca, queria que eu fizesse silêncio, obedeci.

Não demorou muito para que a Brasília marrom saísse de trás de sua casa com seu neto no banco do passageiro e o próprio Sussumu dirigindo. Após eles estarem a uma boa distancia, acompanhei o velho até dentro de sua cabana.

Dentro de sua casa de palha, sentei em uma rede enquanto Sussumu pegava um copo d'água para mim e para ele mesmo. A casa de Luís não era muito grande e era inteirinha de palha. Na sala, tinham algumas redes e ela era unida à cozinha, que na verdade só continha um fogão e um barril com água. Era óbvio que o banheiro ficava do lado de fora e eles não tinham energia elétrica.

- Presta atenção em tudo que falar eu para você – disse Sussumu, sentando-se na rede em minha frente:

- Eu trabalhava numa grande Laboratório, chamado Flor de Cerejeira, lá no Japão. Sussumu era cientista.

– Eu olhava para a cara daquele velho pescador muito descrente, foi então que ele mexeu em seu bolso e me deu um cartão. Estava escrito em japonês, mas podia-se ver a flor de cerejeira como logotipo.

- CIENTISTA. – Ele repetiu batendo no cartão: - Cientistas japoneses trabalhavam com energia! Mas não energia da água, do vento ou nuclear. Não! Não! – E batendo em meu peito ele concluiu: - Energia de Flashback.

Meu estômago torceu. Antes na minha cabeça, Sussumu não passava de um velho louco, agora ele tinha me contado uma história que era um cientista e que buscava outras fontes de energia, provenientes de mim? Ele continuava parecendo louco, mas de certa forma, um doido sensato.

- Quando foi isso? – Perguntei assustado.

- Em 1995.

- Mas eu era apenas um bebê!

- Não! Você era: você! Tinha 15 anos. Sussumu te libertou há 14 anos. Atrás!

- Mas como tudo isso aconteceu? – perguntei colocando o copo d'água no chão e prestando atenção em Sussumu. Estava muito confuso.

- Em 1995, Sussumu conheceu Guilherme san, em meu trabalho. Tentávamos tirar energia de suas viagens para abastecer o equivalente a meia Terra. Mas você estava infeliz. Tinha sido preso ali e não conseguia voltar para sua casa, para seu tempo! – E, sorrindo e se aproximando de mim, ele continuou:

- Sussumu solta Guilherme. Que agradece e pede para eu cuidar de você aqui no Brasil, você ainda bebê na Praia do Una. Sussumu cuida e agora avisa você ter cuidado! Não seja preso em 1995 no Laboratório Sakura!

- Laboratório Sakura? Não chamava Laboratório Flor de Cerejeira?

- Sakura é Flor de Cerejeira em japonês! Menino tolo! – E tomando fôlego Sussumu continuou: - Menina que te seguia e homem da carro são do Laboratório Sakura. Eles não gostam de Flashback, eles querem enquadrar Flashback nas regras. Querem designar uma função!

Então Sussumu levantou e abriu a cortina de sua cabana, estavam voando algumas gaiivotas, muito longe em alto mar. Uma brisa bateu em meu rosto e escutei-o falando:

- Você é como passarinho, deve ficar solto. Não preso e dentro de um padrão. Uma gaiola.

Concordei com ele. Sussumu tinha me contado uma história que mudaria minha vida. Deveria ter cuidado com meus passos próximos da Família Sakura.

- Tenho que lhe agradecer por ter me ajudado a fugir da escola e de ter me soltado há quinze anos e é claro de estar me contando tudo isso. E evitando que eu seja preso de novo e que eventualmente você me liberte... – Parecia confuso, ele me interrompeu:

- Não é só isso! No acabei! – Sussumu se irritou, tomou um gole de água e voltando a sentar na rede continuou:

- O seu eu, no passado, disse para Sussumu lhe avisar de algumas coisas. Não retorne para casa, após essa nossa conversa. Não retorne! Não importa como você queira, não retorne! É nesse momento que lhe capturam e o levam para 1995. Ou melhor, você faz isso!

- Mas por que eu faria isso?

- Você vai querer destruir o Laboratório Sakura, e você vai querer voltar no tempo e... VAI! E lá eles têm o maquinário para te prender! Eles sempre souberam de você, tão esperando você se descuidar! – Sussumu colocou as mãos na cabeça. Ele estava tendo dificuldades para se expressar. Mas eu entendia.

- Eu não entendo o porquê de não falar tudo isso mesmo para mim... – Levantei, coloquei a mão no ombro

de Sussumu e continuei: - Não que você falar isso não seja importante, mas não entendo porque eu simplesmente não vim do passado após você me soltar e falei tudo isso!

Sussumu colocou o braço na frente dos olhos e começou a chorar. Eu o abracei e ele me abraçou. Ficou chorando durante alguns segundos, depois se afastou, olhou para mim com os olhos cheios de lágrimas e falou:

- Você pediu para eu não falar isso. Mas eu tenho que falar. Você há quinze anos morreu! Meu amigo, na sua fuga, você morreu.

Eu fiquei em silêncio, estava até com medo de ele continuar falando mais alguma coisa. Eu não podia acreditar. Tinha morrido. Eu devo ter ficado branco, pois Seu Sussumu levantou-se, se aproximou de mim e continuou:

- Flashback mandou você treinar.

- Como assim? – Eu perguntei, voltando à realidade, descobrir que tinha morrido tinha sido chocante: - Flashback? Você o conheceu também?

- Flashback tem que treinar... – Ele respondeu colocando as mãos em meu ombro.

Não sei como não tinha percebido isso ainda. Eu era o Flashback. Eu tinha falado comigo mesmo na noite anterior. Com o meu eu do futuro. Voltando a conversa, perguntei:

- Treinar? Mas eu ainda estou na escola!

- Não! Escola acabou para você. Você deve treinar. Deve treinar com os melhores mestres do mundo. – E abrindo os braços Sussumu começou a se empolgar: - Imagine só, voltar à época dos samurais, e aprender tudo com eles, depois com os ninjas. Você pode ser mil guerreiros em um só.

- Por que treinar? – E sorrindo, sentando-se, Sussumu respondeu:

- Nunca se sabe o que irá encontrar do outro lado do tempo. Ou melhor, quem estará lá.

- Você tem razão.

Sorrindo Sussumu me deu um abraço, correspondi. Tinha gostado dele, era uma boa pessoa. Tinha deixado de ser um louco para mim. Ele me olhou e se despediu. Fiz o mesmo, não sabia nem por onde começar. Tinha de entender o que se passava comigo. Quando ia viajar, ele gritou:

- Calma! Esqueci de uma coisa! - Olhei para ele, tinha tomado um susto daqueles. Sussumu então se ajoelhou e explicou-se:

- Antes de você fugir, havia desenvolvido um passo a mais na sua habilidade, dom ou o que quer que seja isso. – Ele olhou para mim e continuou: - Você, ao tocar em uma pessoa, conseguia ver todos os lugares por onde ela passou, e inclusive viajar para os locais da memória dela.

Eu então coloquei meus dedos na testa de Sussumu. Nada aconteceu. Virei para ele e disse: - Nada Seu Sussumu.

- Creio que você deve desenvolver essa técnica.

- Também acho, pois viajei no tempo ontem pela primeira vez. Tudo é muito recente para mim.

- Não desista dessa técnica!

- Pode deixar. – Me despedi mais uma vez de Sussumu e falei:

- Provavelmente nunca mais vou ver o Luís. Diga que ele foi um grande amigo. – Os olhos de Sussumu se encheram de lágrimas mais uma vez, pude ver as lágrimas escorrendo pelas marcas de sol de seu rosto, ele disse:

- Você o irá reencontrar. E ele estará preparado.

- Preparado?

- Ele saberá – E rindo Sussumu continuou falando:

- E você também deverá estar preparado! Não volte para sua casa! Nem para 1995! **NÃO SE ESQUEÇA DISSO!**

Observei aquele velho pescador, com chapéu de palha, por mais difícil que fosse imaginar que ele tinha sido um cientista, eu acreditava. Fechei então meus olhos e minhas mãos e disse:

- Tchau Seu Sussumu.

Capítulo 5

A origem de Flashback

20:58PM – 19/09/1855 - INGLATERRA – VILAREJO DE DOWNE

A lua cheia iluminava a noite. A rua, vazia. Uma fina garoa caía sobre a minha cabeça. Caminhei sobre os paralelepípedos da rua, me guiando pelas luzes de alguns postes ali instalados, obviamente funcionando com óleo.

Posicionei-me em frente a um portão de ferro de meio metro. Estava olhando para a Down House. Saltei o portão com certa facilidade e fui caminhando pelo jardim em direção a casa branca que ali se encontrava. Um cheiro doce parecido com o da flor Dama da Noite penetrou em minhas narinas. Conforme me aproximava, percebia que a residência era enorme.

Possuía diversas janelas e devia ter uns dez quartos. Caminhei até a porta principal da casa. Olhei para o alto e vi apenas uma luz acesa proveniente de um quarto, localizado no alto da casa. Alguém estava acordado.

Respirei fundo. Precisava entender o que se passava comigo. E ali poderia obter respostas. Bati na porta. O som ecoou pela casa toda. Se fosse exagerado, poderia dizer que o vilarejo inteiro escutou.

Esperei uns minutos. Estava tenso. Foi então que a porta se abriu. E estava cara a cara com ele. Segurando uma vela, quase encostando em sua longa barba que se fundia com seus cabelos brancos e seu rosto redondo. Charles Darwin me perguntou:

- Garoto você precisa de alguma coisa? – Engoli saliva, ele era mais alto do que eu imaginava.
- Desculpe incomodá-lo a essa hora doutor. Mas preciso de conselhos.
- Se você quer conselhos a essa hora, você deve procurar um pastor. – E, se posicionando atrás da porta para fechá-la, ele falou:
- Francamente...

Agindo sem pensar, segurei a porta. Ele me olhou com olhos recheados de fúria. Eu estava irritando Charles Darwin. Que falta de tato.

- É sobre a Origem das Espécies. Preciso falar com você sobre a sua tese.

Os olhos de Darwin quase saltaram de sua face. Ele ainda estava escrevendo a tese e eu falar algo assim, deve tê-lo assustado profundamente. Ele ficou alguns minutos em silêncio. Os minutos pareciam durar séculos, fiquei com medo de ter matado Charles Darwin. Mas ele disse:

- Como você sabe disso?

- Eu venho do ano de 2009. Do futuro. Doutor, eu já tive contato com seu livro, com sua história e principalmente com sua teoria. Gostaria de conversar sobre ela. – Charles Darwin coçou os olhos e falou:

- Eu pediria para você me provar que veio do futuro, mas sinceramente, não me interessa saber sobre o amanhã. Quero viver meu presente. – Ele abriu a porta de sua residência e eu o segui.

Subimos uma grande escada e passamos por diversos quartos. A família de Darwin, que era bem extensa, dormia. Segui até sua biblioteca, que ficava no último andar, iluminada por diversas velas.

Centenas de livros e manuscritos preenchiam as paredes. Meu pai ficaria louco, eu estava na biblioteca de Darwin. Ele sentou-se em sua cadeira. Segurou um papel e o mostrou para mim. Nele estava escrito: A Origem das Espécies. E o nome de Darwin abaixo.

- Escrevi isso hoje.

- Eu imaginei... – Eu disse, sentando-me em um banco. Olhei nos olhos de Darwin e disse: - Essa teoria irá revolucionar o mundo, muita coisa vai mudar. Eu não quero falar muito, mas você irá marcar a história.

- Eu na realidade tenho medo de onde tudo isso vai parar... – Coçando sua barba, ele olhou para mim e perguntou:

- Qual o seu nome?

- Bem... – E pela primeira vez, usei o nome que mudaria para sempre quem eu iria ser: - Meu nome é Flashback. - Darwin gargalhou. Ele gostou do meu nome: - Muito criativo... Pois bem, já está muito tarde e eu realmente estou intrigado para saber o que trouxe você, um garoto do futuro na porta da minha casa.

- Então, como eu disse, é sobre sua obra. Sua teoria! Gostaria de saber se, em algum ponto, o homem poderia evoluir dele mesmo?

O dr. Darwin parou, olhou em volta. Encarou um grande globo instalado em uma das prateleiras de sua biblioteca e ficou com os olhos fixados nele.

Por um momento, pensei que talvez estivesse promovendo um erro brutal, poderia estar confundindo-o, ou pior, inspirando-o a colocar novas ideias em sua obra e talvez isso mudasse completamente o contexto e a validade de sua teoria. E mais grave ainda: mudasse o futuro da ciência. Nossa! Isso sim teria consequências catastróficas. Fechei os olhos, ia sair dali.

- Essa é uma excelente pergunta, Flashback. E eu não tenho resposta para ela. – Abri os olhos, me senti aliviado por alguns segundos.

- Veja bem, o homem já é uma evolução. Simplificando, em algum momento macacos nasceram aptos a andar e isso foi bom para eles. E de alguma forma seus filhos começaram a nascer com essa habilidade também. Isso foi ocorrendo sucessivamente durante milhares de anos e o homem foi melhorando cada vez mais. Está acompanhando?

- Sim, pode prosseguir. – Luís ia pirar, eu estava tendo uma aula de biologia com Darwin.

- Pois bem, seguindo esse raciocínio, por que não em 2009, daqui a mais de cem anos, não nascerá um homem com uma habilidade nova? Talvez, isso funcione apenas para você e não se consiga passar

adiante. Ou não, talvez dê certo e de alguma forma outros nasçam como você. Quem sabe daqui a mil anos todos os homens possam ir e voltar no tempo. Eu não posso responder nada daqui em diante.

- Tudo bem.. – E me aproximando de Charles Darwin que parecia cansado, mas ao mesmo tempo extasiado perguntei: - Posso ser simplesmente uma evolução e não uma maldição?

- Você acredita em ciência ou em demônios? – E se aproximando de meu rosto Darwin falou: - Toda a aberração pode ser uma evolução, basta observá-la do ângulo correto.

Respirei fundo. Talvez eu realmente fosse uma evolução, um passo adiante na história do homem. Ninguém poderia me responder essa pergunta, mas só de pensar que isso tudo estava acontecendo simplesmente por uma maneira natural de a natureza agir, já me tirava um peso enorme das costas.

- Bom, Darwin, eu agradeço o tempo perdido aqui comigo hoje à noite. E desculpe qualquer coisa. E antes que eu me esqueça, vamos manter esse encontro em segredo. Tudo bem? – Darwin gargalhou mais uma vez e disse:

- Já vão me achar um maluco, após lerem minha teoria. Se eu disser que um garoto, que viaja no tempo, veio pedir conselhos para mim, aí sim nunca terei credibilidade.

Sorri e falei:

- Obrigado por ter mudado a ciência e o mundo.

03:13AM – 06/03/1995 - JAPÃO – TÓQUIO

Me desculpe, Seu Sussumu, preciso ver isso. Eu pensei enquanto me esgueirava por trás do parapeito de um pequeno edifício imundo. Digo isso, pois dividia o telhado onde estava com diversas ratazanas que alimentavam suas crias ali.

Mesmo me orientando pela a luz da Lua, sabia exatamente o que devia fazer. Me ajoelhei atrás de uma quina, entre os parapeitos, e observei do alto uma singela rua, onde um gigantesco prédio se estendia até as estrelas. Em letras garrafais incrustadas no imenso muro que o cercava estava escrito em inglês: Laboratório Sakura. O símbolo da Flor de Cerejeira decorava o portão principal.

Se havia sido levado para ali, quando imaginei minha morte em 1995, deveria ser por algum motivo. Como viajava no tempo, de acordo com o que gostaria de ver, poderia me ver morrendo.

A noite era abafada e muito quente. Além disso, os ratos continuavam chiando atrás de mim. Foi quando escutei passos provenientes da rua. Meus olhos se voltaram para lá e pude ver um coelho bípede gigante.

Obviamente, era um homem fantasiado de coelho. Suas longas orelhas eram tortas nas pontas e seu rabo que deveria parecer um pompom estava queimado. A fantasia era de cor rosa, mas estava tão imunda que parecia marrom. O homem-coelho se aproximou do portão do Laboratório Sakura. Virou de costas. Apoiou seu pé nele e cruzou as patas dianteiras.

Nesse momento, pude ver sua face. A boca era desproporcional com o resto do corpo, o sorriso forçado alcançava as orelhas, com dois gigantes dentes frontais quebrados. Seus olhos eram pretos, como seu grande nariz. Mas o que mais me chamava atenção, além de sua barriga ter uma descomunal mancha preta, eram suas sobrancelhas voltadas para o centro da máscara, dando-lhe um aspecto maquiavélico mesmo com aquele enfadonho sorriso.

Ele olhava fixamente para o meio da rua. Mas não havia nada ali. Só um pedaço de asfalto com uma pintura já gasta de uma faixa dupla amarela.

Após um piscar de olhos, eu vi. No meio da rua apareceram o Seu Sussumu e eu mesmo. Eu estava caído

no chão, sangue jorrava de minha barriga. Sussumu fazia pressão sobre o sangue que brotava em meu abdômen.

Uma sensação de vômito iminente brotou em minha boca. Fiquei completamente nauseado ao me ver sangrando e prestes a morrer.

A roupa rosa de paciente de hospital que o meu outro eu usava estava coberta de sangue. Na medida em que fazia esforço para falar, sangue brotava de minha boca. Parecia um filme de terror.

Sussumu colocou o ouvido perto da minha boca e falei algumas palavras que não conseguia ouvir. Olhei em volta e a rua continuava deserta, com exceção de Sussumu, do meu eu do passado e do coelho rosa.

Não demorou muito para que o meu outro eu fechasse os olhos e perdesse suas forças no colo de Sussumu. Ele, por sua vez, baixou a cabeça e pareceu orar por alguns segundos.

Em seguida, Seu Sussumu levantou-se com a mão na boca. Parecia abalado. Cambaleando, saiu correndo dali. Pude acompanhar sua forma desaparecendo ao virar o quarteirão.

Me levantei do esconderijo. Coloquei as duas mãos no parapeito do prédio e encarei meu próprio corpo estendido no meio da rua. Havia morrido e sido abandonado.

Meu pescoço começou a ferver, assim como minhas orelhas. Uma sensação de vingança tomou conta de mim. Eu quero destruir o Laboratório Sakura!

Com um impulso saltei sobre a mureta do prédio e encarei aquele enorme prédio. Tive vontade de me levar lá para dentro e explodir tudo aquilo. Mas antes de eu realmente efetivar esse pensamento, lembrei de Sussumu, dizendo para eu não voltar para 1995.

Encarei o meu cadáver estendido no meio da rua e pensei. Não vou fazer nada aqui. Só precisava ver isso com meus próprios olhos. Precisava ver que apesar de eu poder quebrar uma regra como a linha do tempo, não poderia escapar da morte. Não era imortal.

Foi quando um arrepio disparou em minhas costas. O coelho rosa estava me observando lá de baixo. Ele olhava para mim, mas não se movia. Só me observava.

Ficamos nos encarando por alguns segundos. Até que eu desci do parapeito do prédio e comecei a caminhar no telhado, ainda entre os ratos. Por mais que o meu eu do passado tenha pedido para não voltar para casa, tinha de voltar. Tinha de saber o que estava acontecendo lá.

Por que eu não poderia ir para casa? Talvez se eu espaçasse mais as horas, não corresse risco de ser capturado. Ou ainda se eu me levasse para um local longe de casa, mas onde pudesse ver minha casa. Estaria seguro.

18:48PM – 08/05/2009 - BRASIL – PRAIA DO UNA

O All Star preto encostou no terreno declinado e azul. Olhei o relógio do Homem-Aranha. Já era noite na Praia do Una.

Meus olhos percorreram todo o píer. Estava tudo vazio, a única iluminação vinha dos holofotes. Minha cabeça doía, sentei no telhado do quiosque e senti uma brisa forte, parecia que ia chover.

Em seguida, comecei a olhar para a orla da praia. Queria encontrar minha casa, e ver se estava tudo bem. Então meu coração pareceu que parou. Havia encontrado a livraria de meu pai. E a construção estava em

chamas.

Agarrei meus cabelos e comecei a chorar. Eles tinham colocado fogo em casa. Era por isso que não poderia ir até lá. Aline e seu pai deveriam estar ali, para me capturar. Foi assim que tudo aconteceu antes! Deveria ter sido nesse momento que me levaram para 1995.

A fúria tomou conta de mim novamente. Sede de vingança. E minha família? Teria morrido? Tinha que ir até lá. Mas não poderia, nunca saberia. Queria muito tirar o skate da mala e correr para casa.

Mas daí eu seria uma presa fácil. As lágrimas escorriam pelo meu rosto. Eu sentia ódio de mim. Senti ódio de poder voltar no tempo. Senti ódio do Laboratório Sakura; ódio dessa situação maluca em que tinha me prendido.

Sussumu tentou me alertar. Sussumu queria me dizer isso. Não o escutei. Ele sabia que se eu fosse até em casa, voltaria no tempo e eventualmente morreria. Isso não poderia ser feito. Não poderia correr esse risco, mas iria correr.

Levantei no telhado. Iria até em casa. Foi então que minhas pernas amoleceram, minha cabeça começou a rodar. Ia desmaiar. Eu vou desmaiar.

23:12PM – 08/05/2009 - BRASIL – PRAIA DO UNA

Os pingos da chuva arrebatavam em meu rosto. Abri os olhos e, aos poucos, o foco da visão foi voltando. O skate dentro da minha mala xadrez machucava minhas costas. Sentei.

Tudo muito escuro. Rapidamente, soube onde me encontrava. Aquele muro baixo, a terra batida em meus pés e a volumosa goiabeira. Estava no terreno baldio em que havia derrotado a gangue dos Pimentas. Por incrível que pareça, ainda naquela mesma manhã.

Chovia forte. Quando levantei, o relógio marcava onze e quinze. Com um flash, lembrei da minha família. Rapidamente abri a mala, peguei o capacete da Segunda Guerra Mundial e o coloquei.

Bolei meu plano. Ir até meu quarto, às sete horas da manhã e tirar meus pais dali. Depois salvaria J.T. na escola. Iria levá-los pra qualquer lugar no mundo em que quisessem viver.

- Desdobrador!

Minha cabeça se moveu em direção à goiabeira. Do meio dos galhos, saltou Aline Sakura. Vestia um kimono preto com mangas largas. Com uma faixa verde volumosa, amarrada na cintura. Os feixes do kimono também eram verdes e não eram como botões, eram como pequenas fitas de seda.

Seus longos cabelos pretos estavam molhados e caíam sobre seu rosto. E seus olhos me observavam. Sua mão direita estava segurando com força uma espada. No punhal de sua espada, estavam amarradas duas longas faixas verdes que escorriam até o chão.

Ela caminhou calmamente em minha direção. E se posicionou a minha frente. Esticou a espada. A lâmina ficou a menos de três centímetros de meu nariz.

- Quem é você, Aline? – Ela respirava de modo ofegante, parecia que estava aguardando aquele momento já há tempos.

- Você matou meus pais em 1995. Você transformou minha vida nesse inferno. Você destruiu a chance de ser tudo diferente. Agora eu vou matar você.

Meus olhos encararam os olhos verdes e pequenos de Aline Sakura. Matar? Mas ela deveria me capturar.

Pelo menos era isso que eu esperava.

- Você não deveria me capturar? Não deveria me levar de volta para 1995? – Ela piscou duas vezes, parecia assustada por eu saber os planos dos Sakuras: - E eu não fiz nada com seus pais!

- Eu recebo ordens. Mas também posso descumprir as regras. – Olhei para o alto e fechei os olhos. Nunca tinha falado tanto com Aline, mas tudo isso era estúpido agora. Estava com ódio dela, ela tinha colocado fogo em minha casa! Então, falei com um doce tom de sarcasmo:

- Regra é regra. – E encarando a garota concluí: - Todos devem jogar conforme as regras!

Em grande velocidade Aline me transferiu um golpe. Milagrosamente, consegui desviar. Senti a lâmina afiada cortar minha pele. Ela tinha atingido meu braço. Eu tinha deixado-a furiosa.

Coloquei a mão sobre meu corte e dei alguns passos para trás. Ela sorria, parecia estar feliz de enfim estar lutando comigo. Por outro lado, odiava tudo aquilo, não queria machucá-la. Sentia algo inexplicável por ela. Apesar de toda a raiva que percorria meu sangue, não sentia vontade de agredi-la.

- Não vou lutar com você. Eu vou embora daqui.

- Não!

Agindo rápido, ela tirou da larga manga de seu kimono um pedaço de pano verde em que estavam desenhados alguns kanjis de nanquim preto. Ela jogou o pedaço de pano para cima e disse:

- Pelo Templo de Kasuga! Ofuda da Tormenta! Conjuro-te!

Sua espada cortou a chuva, e sua lâmina perfurou o pedaço de pano, ou melhor, o Ofuda da Tormenta. A lâmina o atravessou como se estivesse cortando a barriga de uma pessoa.

E em um passe de magia, um golpe de ar em velocidade indescritível foi transferido da ponta de sua espada em minha direção. Os pingos que caíam do céu, por alguns instantes, foram carregados junto com o golpe de vento. Fui atingido em cheio.

A princípio meu corpo foi lançado em direção ao chão, bati as costas e a cabeça na terra. Em seguida, como se eu estivesse em um furacão, fui mandado para o alto, a dez metros do solo. Era levado com a força do vento, assim como as gotas de chuva.

Com um golpe de misericórdia, o vento cessou e caí em queda livre na terra batida do terreno baldio.

- Foi fácil queimar sua casa, tinham muitos livros. Foi até engraçado ver seu pai gritando e seu irmão chorando. Bom, apesar de que aquele sempre foi um fraco.

Ela estava me irritando de propósito. Eu sabia disso. Mas na minha atual situação, estava conseguindo me tirar do sério. Humilhar-me, me transformar em um nada.

- Sua mãe, aquela pata. Parecia que ia ter outro filho de tanto que chorava e gritava. Mas ainda bem que o fogo a consumiu primeiro, daí não precisei mais ouvir a voz dela.

Por mais que eu soubesse que tudo isso era uma técnica para me fazer lutar com ela, sabia que ia ceder. Lágrimas escorriam pela minha face. Estava muito abalado.

- Está chorando Guilherme? Mas eu ainda vou te dar o fora! – E movendo os cabelos para trás disse: - Vai até ser romântico pra você. Ser assassinado pela mulher dos seus sonhos.

Olhei para ela. Fechei meu pulso, ia lutar. Precisava fazê-la calar a boca. Saí em disparada em direção a Aline. Ela nem se deu ao trabalho de esconder o sorriso. Estava feliz ao ver que tinha caído em sua armadilha.

Levantei meu braço direito para atingi-la com um soco, mas ela era muito veloz. Rapidamente, Aline

moveu a espada para a esquerda e com o punhal bateu em minha orelha. Dei três passos e caí no chão. Senti o gosto de terra em minha boca. Levantei atordoado. Arrumei meu capacete que estava torto, e olhei para os olhos dela. Sabia o que tinha que fazer. Andei para trás e olhei meu relógio, eram onze e vinte e dois. URRÁ!

23:22PM – 08/05/2009 - BRASIL – PRAIA DO UNA

Ainda pude ver eu mesmo encarando Aline e sumindo. Não perdi tempo e agarrei o pescoço dela e segurei sua mão direita, impedindo que movesse a espada. Havia voltado no tempo e me colocado atrás de minha agressora.

Ela tentava se mover, mas não conseguia. Estava bem presa. Entretanto, o cheiro de cereja de seu perfume em meu nariz me fez soltá-la. Em um segundo, ela ficou frente a frente comigo.

Não queria machucá-la. Não queria lutar com ela. Então, Aline Sakura levantou sua espada. Ela ia me matar. Rapidamente, com o intuito de me defender, levantei meu braço e com a mão aberta me movi para empurrar sua cabeça. Contudo quando a palma de minha mão encostou-se à testa de Aline.

Algo aconteceu.

Capítulo 6

Aline Sakura

02:54AM – 06/03/1995 - JAPÃO – TÓQUIO

Uma sirene tocou. Pessoas gritavam. Conseguia escutar passos, tiros e gritos. Foi então que a luz se acendeu. Estava em um pequeno quarto com paredes de aço, na minha frente: uma cama de casal. Um homem e uma mulher acordavam assustados.

Os dois conversavam. De alguma forma, não me preocupava com a reação deles quando me vissem. Não sabia por que estava tranquilo em relação a isso. O homem tirou os óculos do criado-mudo, colocou-os e levantou da cama.

O quarto era pequeno. Ele caminhou em minha direção. Como se eu fosse um fantasma, ele me atravessou. Passou por dentro de mim. Um calafrio percorreu meu corpo.

Olhei minhas mãos: estavam transparentes. Assim como meu corpo. O que acontecia?

- Temos que tirar Aline daqui!

Virei meu corpo. O homem segurava Aline Sakura no colo. Ela era um pequeno bebê enrolado em um cobertor verde, tão verde quanto seus pequeninos olhinhos.

- Flashback vai vir aqui nos ajudar. Ele disse que viria...

- Você não escutou os tiros, mulher? Ele pode estar ferido!

A mulher levantou-se da cama e tirou de baixo uma mala feita. Em seguida, correu até a parede de aço. Após puxar uma alavanca, retirou do armário mais uma mala e a jogou sobre a cama. O homem foi em direção a mulher. Eu me desviei de sua direção, não queria passar por aquela sensação de calafrio novamente.

Ele sentou ao lado da mulher e os dois ficaram em silêncio. Pareciam tentar ouvir o que acontecia fora do quarto deles. Me virei e vi, ao lado do berço de Aline, a porta do quarto. Dei alguns passos para trás me posicionando entre uma pequenina mesa cheia de livros, o criado-mudo e a cama de casal. Eles pareciam morar naquela lata de sardinha.

Olhei pela janela atrás de mim. Uma pequenina janela protegida por um vidro e por uma grade de ferro.

Eles pareciam prisioneiros. Mas onde eu me encontrava?

Foi então que a porta se abriu. E eu entrei por ela! O meu outro eu vestia uma roupa rosa de paciente de hospital e parecia pálido e assustado.

Já tinha visto aquela roupa antes. Em 1995. Na noite em que o meu eu do passado iria morrer. Havia penetrado na memória de Aline e viajado para seu passado. Passado esse que, segundo Aline, eu tinha matado seus pais. Agora, eu poderia saber a verdade.

- Doutor Sussumu! Entra aqui!

Seu Sussumu, um pouco mais jovem, usando um jaleco e óculos entrou no quarto minúsculo e fechou a porta. O meu eu do passado começou a falar:

- O plano é o seguinte, levo vocês dois e a neném para o Tibet; depois, eu volto para buscar o Sussumu.

- Não, Flashback! Eles já sabem que você está solto! Você tem de sair daqui! – gritou o pai de Aline.

- Então, eu levo pelo menos a doutora Kenji e a bebê.

- Você tem que se salvar Flashback! Fuja daqui! Esse era o objetivo! – começou a gritar Sussumu.

Entretanto, o meu eu do passado não deu ouvidos a ele e caminhou em direção a Aline e sua mãe. Nesse momento, a mão do meu outro eu quase atravessou minha perna. Mas foi interrompido.

A porta atrás de Sussumu explodiu. Ele caiu. Assustado arrastou-se até ficar próximo do criado-mudo. O meu eu do passado se posicionou na frente do casal, de Sussumu e de Aline. E parecia que aguardava alguma coisa.

Por entre a poeira e fumaça lá fora, entrou um homem com óculos de grau gigantescos, que ocupavam metade de seu rosto. Usava um terno preto e empunhava um revólver, calibre 38. Eu o conhecia. Era o Sr. Sakura, que se dizia o pai de Aline em meu tempo.

Ele apontou a arma para Flashback e sem misericórdia atirou na barriga dele. O meu eu do passado caiu no chão. E sangue começou a espirrar de seu abdome. Aline começou a chorar. Estavam todos assustados e gritando. Foi quando o homem discursou:

- Um Desdobrador, sempre quebra as regras. Sempre! E mesmo em tão pouco tempo aqui, você já conseguiu converter três para o seu lado. Depois de tanto trabalho... Tudo desperdiçado. Eu vou matá-lo! Você é uma aberração!

O homem apontou a arma para a cabeça de Flashback que agonizava no chão. Rapidamente, o pai de Aline chutou a mão do homem. E ele disparou erroneamente. A bala de sua pistola cortou o céu, passou rasante sobre meu capacete da Segunda Guerra Mundial e quebrou o vidro da pequena janela sobre mim.

Dr. Kenji saltou sobre o meu agressor e começou a lutar com ele. A mãe de Aline então berrou:

- Sussumu! Tire Flashback daqui!

- Mas e vocês? – Gritou ele enquanto agarrava-se em mim.

- Estamos condenados! Salve o garoto!

Dr. Sussumu falou algo no ouvido do meu eu do passado. Esse olhou para Dra. Kenji e disse quase sem forças:

- Me perdoe... Eu não...

- Vá, Flashback!

Foi então que o meu eu do passado desapareceu, levando junto com ele Dr. Sussumu. O pai de Aline

então caiu no chão derrotado e olhou para o homem dos óculos gigantescos. Esse buscou com os olhos algo pelo quarto, estava me procurando. Foi então que Dr. Kenji começou a rir, como se tivesse escutado uma piada.

- Henzo, ele é um Desdobrador Temporal. Você realmente achou que ia conseguir mantê-lo fixado?

O homem de óculos encostou-se no berço de Aline. Com o cano de sua pistola ajustou seus óculos. E olhou para a família ali em sua frente. A mãe tentando fazer a bebê parar de chorar, e o pai sentado no chão, se apoiando com os braços para não cair.

- Foram cerca de vinte anos de pesquisa. Trinta anos no total! – Ele parecia estar muito bravo: - Vocês entraram aqui há cinco anos, mas o Mister Sakura está nisso já há trinta anos. Parecia loucura! Era loucura! Acreditar em escritos da época do Japão feudal...

- A gente conhece a história, Henzo. – Interrompeu sem meias palavras a mãe de Aline.

- Então, por que trair tudo isso? Eu sabia que tinha sido um erro contratar vocês. Sabia disso. Cientistas sempre tentam pensar por si. Não pensam como uma fundação, uma família.

- Infelizmente, para vocês, nós éramos mais do que necessários. Como você esperava tirar energia dele? Com suas ideias de soldado patife?

Henzo então sorriu e apontou a arma para a cabeça do Dr. Kenji. Ele ia atirar:

- Alguma ultima palavra, doutor?

- Vocês não têm direito de prender uma pessoa. Ele é um garoto, que nem ao menos sabe o que é. Vocês não têm o direito.

- Ele não tem o direito de viajar no tempo e bagunçar a história! Ele é a aberração aqui! Nós ainda criamos uma função útil para ele em todo o enredo do mundo! – berrou Henzo, cuspidando enquanto exclamava.

- Quem é você para designar função a alguém? Ditar o destino de alguém?

- Kenji, vai me dizer agora que não somos Deus? Agora você acredita em Deus? Deus acima da ciência?

- Quem deve escolher o próprio caminho é cada um de nós independente se somos desdobradores ou não.

– Henzo carregou a pistola e disse:

- Você escolheu morrer.

- Antes morrer do que ser corrompido por uma ideia tão desumana e brutal como prender uma criança!

Eu apenas pude piscar ao escutar o tiro. O pai de Aline caiu morto no chão com uma bala certa em sua testa. O bebê berrava, e gritou ainda mais quando colocada sobre a cama sozinha. Dra. Kenji se ajoelhou ao lado de seu marido e começou a chorar.

- Henzo! Você é um assassino!

- Doutora, vocês pediram por isso. Traíram a Família. A Família Sakura!

- Isso é só uma Fundação idiota que visa ganhar dinheiro em cima do sofrimento de uma criança! Deixa de ser ridículo!

O segundo tiro ecoou naquele quatinho minúsculo. A mãe de Aline estava atirada sobre seu pai. Henzo caminhou até a cama e segurou o pequeno bebê em seu colo.

- Fique tranqüila, Aline. Nós temos um destino traçado para você.

O quarto desapareceu. Tudo ficou borrado.

06:54AM – 16/02/2002 - JAPÃO – TÓQUIO

O cenário havia mudado. Agora eu estava sobre um tatame. Em minha frente: Henzo e Aline. Ela agora já estava mais velha, devia ter uns sete ou oito anos. Ela empunhava um bastão de kendô, e o homem também.

A garota possuía uma técnica incrível para seu tamanho e idade. Henzo tinha dificuldades de se esquivar dela. Era impressionante ver como ela era boa naquilo.

Com um movimento rápido, Aline acertou o joelho de Henzo e ele caiu no chão de costas. Como se fosse um golpe fatal, ela ainda bateu em seu tórax, para “cravar” o bastão em seu coração.

O homem levantou com dificuldade, arrumou os óculos e falou:

- Parabéns! Você já virou mestre em karatê, maneja um fuzil como ninguém e agora é mestre em kendô. – E batendo em sua roupa e se limpando, Henzo disse:

- Agora você irá treinar com a espada. Provavelmente, será muito melhor que Miyamoto Musashi – Concluiu o homem referindo-se ao mestre samurai.

- Sim, mestre. – Ela disse ofegante.

- Você deve aprender a falar português. Sua missão será no Brasil. Deve aprimorar a língua.

- Sim, mestre.

- Poucas pessoas têm a oportunidade que você terá! Você vai poder vingar a morte de seus pais! Poderá capturar um monstro como um Desdobrador! Virar uma lenda em nossa Família.

- Sim, mestre. Almejo isso como se fosse a minha vida.

- Seus pais eram fiéis a nossa Família. Você também deverá ser fiel a Família Sakura.

- Sim, mestre.

- Sua vida só tem um objetivo. Que é?

- Servir a Fundação Sakura. Levar a nossa Família até o sucesso, não importando os métodos.

- Parabéns... – Ele havia feito uma lavagem cerebral nela. Pensei antes de ser interrompido:

- Henzo! – De uma porta à esquerda do tatame, estava um velho que possuía uma barba que alcançava seu peito. Ele usava um kimono preto com faixas pretas. Parecia irritado, repetiu:

- Henzo! Venha aqui.

- Aprimore o equilíbrio. Eu já retorno – disse o mestre de Aline.

- Sim, mestre.

Henzo correu até a porta e cumprimentou o velho dobrando seu corpo, o homem não fez o mesmo. Corri para acompanhar os acontecimentos. O velho estava falando, pude chegar perto no momento em que ele disse:

- Escute bem, o senador Tetsuo quer cancelar as operações da Família Sakura. Isso precisa acabar – Seus olhos de cor cinza pareceram brilhar.

- Mister Sakura, mas como isso é possível? Ele sempre esteve do nosso lado! – Virando as costas e se afastando o velho concluiu:

- Mande a menina. – Olhei para Aline que estava sobre o bastão de kendô equilibrando-se. Novamente, o cenário voltou a mudar.

08:27AM – 17/02/2002 - JAPÃO – TÓQUIO

Eles querem mal a Família. Escutei a voz ecoando pela minha cabeça. Olhei em volta e observei onde estávamos. Eu e Aline, sobre um gigantesco prédio. Ela vestia uma roupa cinza e um capuz tampava seu rosto.

Seu corpo inteirinho esticado no concreto do teto do prédio. Devia estar uns quarenta graus, mas ela não suava. Em sua frente havia um fuzil apontando para a rua, ela aguardava o momento certo.

Suas mãos tremiam. Parecia estar com medo. A voz ecoava em nossas cabeças. É para o bem da Família. A Família é tudo o que eu tenho. Eu só posso contar com a Família.

O silêncio então pesou ali. Até que sua voz ecoou mais uma vez: - Droga! É agora. – O barulho de seu fuzil atirando cortou a voz. Ela levantou rápido de sua posição e começou a desmontar o fuzil, enquanto fazia isso pude escutar o grito das pessoas lá embaixo. O senador Tetsuo havia morrido. Tudo ali desabou.

05:17AM – 08/08/2008 - JAPÃO – TEMPLO KASUGA

Agora estávamos em um ambiente completamente diferente. Era um templo verde, aos pés do Monte Fuji. Sobre o teto do templo, escorreguei tomando cuidado para não cair até a ponta do telhado. Pude ver um pátio grandioso e ao longe uma longa escadaria. Devia ser uma caminhada e tanto para chegar ali.

No pátio, estavam Aline e um monge. Ele parecia ter uns quarenta anos e era careca. Usava apenas uma vestimenta da cor verde. Aline vestia um kimono preto com faixas verdes, e empunhava uma espada com fitas que escorriam até o chão.

Era a mesma roupa que ela vestia quando me enfrentou no terreno baldio. Aquele ambiente era muito sereno, o templo era cercado de cerejeiras e o perfume de Aline impregnava o ambiente.

Tive saudade de quando ela era só uma menina da minha escola que eu mal conhecia. Agora parecia que eu a conhecia melhor que ninguém.

Mas nesse momento ela treinava com os Ofudas. Podia ver na mão do monge diversos panos verdes com letras desenhadas com nanquim preto. E ele jogava os Ofudas para Aline os conjurar.

Ele sorria quando ela acertava e a garota fazia o mesmo. Parecia feliz, exalava felicidade. E o templo, as cerejeiras tranquilizavam todos ali.

- Mestre Kido, muito obrigada – disse ela, tomando fôlego.

- Você é uma boa menina, pequena Sakura. Só está seguindo caminhos errados. Vingança deve sair de seu coração.

- Quando vou aprender a usar os outros Ofudas? – Ela perguntou aflita, parecia que queria mudar de assunto.

- Tudo tem seu tempo. Tormenta e Trovão. São Ofudas muito bons.

- Eu sei, não reclamo – disse ela se retratando: - estou só muito ansiosa.

- A Flor da Cerejeira demora um ano para nascer. Passa por outono, inverno, verão. Para daí florescer. Você deve ter paciência.

- Sim, mestre – Ela compreendeu sorrindo.

- Sakura! – A voz cortou a paz instalada ali. Era Henzo. Ele estava no topo da escadaria vestindo seu terno preto e usando seus poderosos óculos de grau.

Ele se aproximou de Aline e mestre Kido. Cumprimentou os dois movendo seu corpo para frente. A garota fez o mesmo, o mestre não se moveu.

- Tenho que conversar com Sakura.

- Você é sapo para eu ser mosca na sua boca? Pode falar. – Henzo olhou para o monge. Não tinha gostado de nada do que ele havia dito.

- Pode falar, mestre Henzo. Mestre Kido é uma pessoa santificada. – Ele ainda parecia desconfiado, mas virou para Aline e disse:

- Trago-lhe boas novas. – E tirando do bolso do casaco, deu na mão de Aline uma passagem de avião.

- Brasil? – Ela perguntou.

- A nossa tão esperada missão. Enfim chegou a hora. Ele está no Brasil.

Aline olhou para mestre Kido. Que virou de costas para ela e iniciou uma caminhada para dentro do templo, no caminho disse:

- Resolva suas coisas. Seu treinamento vai parar até que você tire esse monte de lama do coração.

Observei Aline, caminhando ao lado de Henzo em direção à escadaria. Ela parecia triste, mas ao mesmo tempo ansiosa. Tive pena dela, enganada a vida toda por um crápula como esse tal de Henzo.

- Uma boa alma. Isso é certo. Isso não há dúvidas.

Quase caí do telhado. Mestre Kido olhava para mim. Será que ele me via? Movi minha mão. Mas ele continuou com o olhar paralisado em minha direção.

- Se tivesse o poder de mostrar a realidade. Ela com certeza floresceria. – Seus olhos entraram em contato com os meus olhos. Nesse momento, tudo desapareceu.

23:23PM – 08/05/2009 - BRASIL – PRAIA DO UNA

Empurrei Aline. Dei dois passos para trás e ela fez o mesmo. A chuva caía em meu rosto. Olhei o céu. Minha cabeça processava um turbilhão de informações. Doía muito.

- O que você fez? – Ela perguntou, mas antes de eu responder ela continuou: - Minha cabeça parece que vai explodir. Seu demônio.

- Eu não sei ainda como, mas penetrei em suas memórias.

Tinha ficado muito brava. Empunhou a espada novamente em minha direção. Virei o corpo. Frente a frente com Aline Sakura. Os pingos da chuva arrebentavam em meu capacete e em sua espada, nós nos encarávamos.

- Aline, eu não vou lutar com você. Não tenho por que fazer isso. Sinceramente, nem você tem motivo.

- Como ousa... Você matou...

- Eu não matei seus pais! Acabei de visitar uma memória antiga sua, em 1995, quando você era apenas um bebê. O assassino de seus pais é Henzo.

- Desdobrador mentiroso – Aline tentou me golpear, mas milagrosamente consegui desviar. Nós continuávamos nos encarando.

- Sua alma é boa. Você não queria matar o senador Tetsuo. Você foi obrigada pela sua falsa Família. Sua mãe e seu pai levavam o nome Kenji e não Sakura.

Foi então que ela começou a chorar. Com certeza, eram muitas informações para ela processar. Com os olhos cheios de lágrimas ela então colocou a ponta de sua espada em contato com o chão.

- Se você quer vingança, deve ir atrás de Henzo. Não, de mim. Se quiser, mostro o passado, mostro tudo. Estiquei a mão em direção a Aline. Ela deu um passo para trás. Com a manga de seu kimono, enxugou as lágrimas que escorriam pelo seu rosto.

- Desdobrador, você acha que pode me enganar? – Segurei o braço de Aline. Queria voltar no tempo: - Não me toque! – ela berrou.

Aline rapidamente chutou minha barriga, fui obrigado a me afastar, virei e fiquei de costas para ela. Pude escutá-la tirando um Ofuda de sua manga, o barulho dele voando pelo céu e depois ser perfurado pela espada:

- Pelo Templo de Kasuga! Ofuda do Trovão! Conjuro-te!

Um trovão quase estourou meus tímpanos. Ainda pude ver o clarão gerado pelo Ofuda antes de sentir minha pele ser queimada e transpassada por um raio. Nunca tinha sentido tamanha dor. Caí de bruços no chão.

O céu já tinha escurecido novamente. Sentia meu ombro queimar de dor. Com dificuldade, virei de costas para o chão e coloquei a mão em minha ferida. Tinha um buraco transpassando meu ombro esquerdo. Isso não era nada bom. Pude ver Aline se aproximando de mim. Com muita calma, ela colocou a lâmina de sua espada em meu pescoço. Droga, eu tinha que tentar:

- Sabe Aline, enquanto você seguia o crápula do Henzo em direção a saída do Templo do Mestre Kido, ele me disse uma coisa... – Tomei fôlego, estava morrendo: - Se ele tivesse o poder, lhe mostraria a realidade para então você florescer.

- Você mente! – Ela levantou então a espada, ia me decapitar:

- Última palavra desdobrador? - Virei minha cabeça e pude ver próximo da goiabeira, a forma de um homem empunhando uma espada. Mas isso não era importante agora, eu precisava falar:

- Mestre Kido confia em sua bondade. E eu também. Pense nisso.

Capítulo 7

Segunda chance

13:19PM – 09/11/2031 - BRASIL – PRAIA DO UNA

Eu não sabia onde estava. Sentia que meu corpo balançava. Abri meus olhos lentamente e vi meu All Star que assim como o resto do meu corpo estava apoiado sobre uma rede arroxeadada toda esburacada. Meu ombro ardia, e minhas costas eram esmagadas pelo meu skate dentro da minha mochila.

- Socorro! – Berrei com força.

- Guilherme! – Escutei uma voz ecoando próximo de mim: - Meu Deus há quanto tempo você está aqui?

- Quem é você?

- Você está ferido!

Senti a mão do estranho pressionando meu ombro. A dor pareceu aumentar ainda mais. Gritei. Sentia-me nauseado e um cheiro fortíssimo de peixe era exalado pelo homem que me ajudava.

- Guilherme, sou eu, Luís Sussumu. Eu posso ajudá-lo, mas infelizmente aqui corremos perigo.

Movi com dificuldade minha cabeça para meu lado esquerdo e encarei Luís. Ele estava bem mais velho, mas continuava usando aquele cabelo em forma de penico. Ele sorriu para mim e eu vi seus dentes tortos e senti o hálito de peixe.

- Eu estou no futuro. Não é mesmo?

- Novembro de 2031. – Com um olhar sério ele, repetiu: - Nós corremos perigo iminente aqui na minha casa. Precisamos sair daqui. Você tem força para tirar a gente daqui?

- Tenho.

Luís sorriu mais uma vez e levantou. Eu aproveitei o momento para olhar em volta, a cabana continuava exatamente igual da última vez em que eu tinha passado ali em companhia de Seu Sussumu, onde tomamos água e conversamos sobre o Laboratório Sakura. Para mim parecia que tinha sido há pouquíssimo tempo, mas a questão é que tinham se passado vinte e dois anos daquele dia.

- Pronto!

Ele estava novamente ao meu lado, mas continha em suas mãos um pequeno dado. Luís colocou o objeto

próximo a sua boca e falou: - Mapa Mundi.

Um holograma então se projetou sobre o dado, ele tinha a forma do Planeta Terra. Luís com a ponta de seu dedo rodou o planeta e apontou em um específico ponto no Oceano Pacífico e disse:

- Flashback, aqui tem uma ilha, mas ela é menor que um campo de futebol, você acha que conseguiria nos levar para lá?

- Consigo. - Estiquei minha mão e me segurei no braço de Luís:

- URRÁ!

13:18PM – 09/11/2031 – OCEANO PACÍFICO – FLASH-01

Senti o mar em meus joelhos, depois na minha barriga, eu afundava. Luís, agindo rápido, me segurou com força pelo abdômen. Apoiei meu braço direito sobre seus ombros. Ele me puxava para fora do mar em direção à pequena ilha.

Meus olhos percorreram o território. Era possível observar uma monstruosa montanha e aos pés dela uma construção de metal. Era semelhante a um iglu, de aço e cerca de 10 metros de altura e de raio.

Caminhava com a ajuda de Luís, estávamos muito próximos de sairmos totalmente do mar, ele me disse:

- Essa é a Flash-01, a sua base.

Minha cabeça girava, me sentia fraco. A cabeça parecia doer mais que o ombro. Queria dormir, desmaiar.

Quando tocamos na areia uma sirene estridente soou por toda a ilha, observava o iglu de aço mais de perto, em sua estrutura, mais especificamente em uma gigantesca porta estavam escritas com letras vermelhas e garrafais: Flash-01.

- A sirene é para evitar invasões. – Minha cabeça começou a rodar cada vez mais. Fazia calor ali. Eu não ia conseguir.

- Luís...

- O quê?

- Eu to... – Então desmaiei.

09:47AM – 11/11/2031 – OCEANO PACÍFICO – FLASH-01

Acordei recuperado. O ombro, enfaixado, não doía mais. Olhei o ambiente: um quarto, muito semelhante a um recinto hospitalar.

O local possuía cama de metal, estilo maca, onde eu estava. Uma pequena mesa de vidro ao lado direito, onde estavam colocados minha mala, o capacete da Segunda Guerra Mundial, os tênis All Star, a mala xadrez, o relógio do Homem-Aranha e o pequeno dado que Luís tinha usado para promover o holograma do mapa mundi.

Olhei para a porta, onde deveria ser o banheiro. Havia uma porta maior, onde ela levaria? Do lado desta, observei uma poltrona de cor acinzentada. Levei as mãos aos olhos e os tampei. Que horas seriam? Quanto tempo teria dormido?

Ao abaixar as mãos me assustei. Meu corpo congelou e uma sensação de medo com angústia tomou conta de mim. Na cadeira acinzentada, sentava-se o homem vestido de coelho rosa. Ele virou a cabeça em minha direção, com aquele sorriso estúpido e os dentes quebrados, me encarava.

- Quem...

De repente a porta se abriu e o coelho sumiu instantaneamente. Entraram Luís trajando um jaleco e seu

avô Sussumu, sendo puxado por uma cadeira de rodas. O velho Sussumu, apesar de ainda usar a roupa de pescador, agora estava com todo o cabelo branco e a pele parecia uma uva passa, ele não parecia ter muita força, mas demonstrou felicidade ao me ver.

- Seja bem vindo a Flash-01. Muito prazer em lhe ver novamente. Você pouco mudou.

- Na verdade, para você pode ter passado muito tempo, mas para mim tudo aconteceu muito rápido, na verdade, eu conversei com você ontem em 2009.

Os dois riram, Luís Sussumu aproximou a cadeira de rodas de seu avô da cama e saiu do quarto. O velho disse:

- Você passou dois dias dormindo. Viajar como você viaja, cansa demais. Você precisa descansar, garoto.

- Eu sei...

- Esse lugar, nós construímos para ser sua casa, é aqui que você vem descansar, comer alguma coisa, tomar água. Aqui você está seguro e tem nosso apoio. Você precisa entender que nós estamos aqui para você, queremos te ajudar!

- Obrigado, Seu Sussumu.

- Olha o café-da-manhã!

E abrindo a porta, entrou no quarto Luís carregando uma bandeja de prata. Colocados sobre ela estavam um suco de laranja, torradas com manteiga, omelete, bacon, baked beans, uma metade de mamão e uma metade de maçã, além é claro de um filé de peixe. Ignorei o peixe e comecei a comer, enquanto Luís sentava na poltrona antes ocupada pelo coelho rosa.

- É complicado viver nessas viagens. Eu perco a noção do horário real da minha vida e de coisas básicas como essa. – Eu disse apontando para a comida na minha frente: - Ou ir ao banheiro!

- Nós sabemos disso. E essa é a função da base.

- Ontem, fiz tudo o que você disse para eu não fazer. – Falei olhando para o rosto de Sussumu, que engoliu seco e perguntou:

- O que você quer dizer com tudo?

- Voltei no tempo. Fui para 1995. Vi minha morte, mas acredite em mim, eu não fiz nenhuma loucura. – Comi uma colher do mamão e quase vomitei. Aquela fruta deveria estar podre, resolvi comer o bacon, o velho então exclamou:

- Graças a Deus!

- Eu também voltei para 2009 e vi minha casa em chamas. - O silêncio pesou. E comecei a chorar novamente, tinha perdido meus pais. Sussumu segurou minha mão e falou:

- Flashback, esse era o destino deles, você sabe disso. Você não pode mudar isso.

- Na verdade, eu posso. – Antes mesmo que alguém dissesse alguma coisa completei:

- Contudo, eu não devo. Não se irrita a morte. Mas eu não consigo ficar em luto, eu preciso encarar meus inimigos, tenho assuntos inacabados.

- Você é um herói. E heróis transformam as dores em coragem, você deve fazer isso. Enfrentar seus inimigos e praticar o bem, e não ser egoísta.

- Exatamente – completou Luís que continuou: - Na verdade, creio que sua missão é salvar o mundo.

- Sussumu! – berrou o velho: - Não se devem colocar ideias na mente de Flashback.

- Desculpe vovô. Só acho que se alguém pode mudar isso, é o Guilherme.
- Isso o quê? – Eu perguntei.
- Não existem mais árvores, Guilherme. Tudo morreu. E os próximos a morrer seremos nós, a nossa espécie...
- Mas como as árvores estão morrendo?
- Esse é o ponto, ninguém sabe, especula-se que aconteceu isso depois de uma descarga da Fundação Sakura.
- O Laboratório Sakura ainda existe? – perguntei incrédulo.
- Sim. Graças a eles, o mundo vai terminar. A expectativa de vida da raça humana é de dois anos... Ficamos em silêncio. O mundo deveria estar um pandemônio, onde estaria o Flashback de 2031? Estaria resolvendo os problemas, espero.
- Onde eu estou? Onde eu, desse ano estou?
- Você morreu. – Respondeu Seu Sussumu que concluiu: - Mas não devemos falar sobre isso. Devemos falar sobre você.
- A última coisa que eu queria era falar de mim, minha família tinha sido queimada, eu morreria no futuro e a humanidade seria dizimada em 2031. Muitos assuntos interessantes.
- Nós vamos falar sobre você, sobre o seu tempo. É isso que importa agora.
- Bom, lutei com Aline Sakura, e ela me fez esse machucado – Coloquei o dedo em direção ao meu ombro: - Ela queria me matar.
- Mas a missão era levá-lo para 1995, não lhe matar.
- Eu disse isso para ela, mas acho que ela mudou os planos do Laboratório ou Fundação, sei lá, dos Sakuras.
- Interessante. Com certeza, isso vai mudar toda a história. Se você tivesse encontrado Henzo, ele teria lhe mandado para o passado, e você possivelmente teria morrido três meses depois.
- Alguma coisa mudou, de antes... Para essa vez... – Disse Luís que continuou: - Ela tentou te matar? Nossa não esperava isso dela!
- Ela está confusa, ela está sendo enganada.
- Como assim?
- Eu entrei na mente dela, Seu Sussumu. Fiz o que você tentou me ensinar. – Sussumu sorriu. Ele havia gostado de ter ouvido que eu tinha desenvolvido a técnica transmitida por ele:
- Ela foi treinada a vida inteira com o intuito de me odiar, e me capturar. Tentei alertá-la – entristecido concluí:
- Ela não me deu ouvidos, só ficou muito confusa e descarregou um Ofuda no meu ombro.
- O que você pensa em fazer?
- Eu preciso mostrar para ela a verdade. Toda a verdade. – Respirei fundo, coloquei as mãos na cabeça:
- Ela é especial.
- Luís sorriu, em silêncio. Seu Sussumu segurou mais uma vez minha mão e disse:
- Todos nós merecemos uma segunda chance. Você acha que ela merece?

- Ela é uma vítima, eu vi isso. Eu sei disso. Os pais dela ajudaram você na minha fuga em 1995.

- Os Kenji?

- Exato. – continuei falando enquanto comia o omelete, estava com medo de comer o mamão novamente ou a maçã que trazia um aspecto terrível: - Entretanto, ela é muito mais poderosa do que eu. E ela não quer me escutar... Eu preciso batalhar de igual para igual com ela, para ela me ouvir.

- Você tem razão.

Parei por um tempo de falar, me sentia completamente cansado. Muitas coisas tinham acontecido, percebendo isso Luís se aproximou de mim e tirou a bandeja de meu colo:

- Você não quer descansar?

- Sim, quero.

Os dois saíram do quarto e deitei observando a janela lá fora. Pela janela, podia observar a montanha. Lá fora, fazia um calor absurdo, mas dentro da Flash-01 o era condicionado. Provavelmente, a extinção das árvores tinha aumentado às temperaturas.

Mas o que será que aconteceu para as árvores morrerem? Não sabia, mas de alguma forma isso tinha algo a ver com a morte do Flashback de 2031. Podia sentir isso.

Deveria estar pensando na minha família. Mas minha mente estava tão entorpecida com essa minha nova vida, que eu parecia ter maiores preocupações do que meu luto. Como por exemplo, o Laboratório Sakura.

Eles estavam envolvidos em minha prisão, na morte dos meus pais, na minha morte em 1995 e agora na extinção das árvores. Precisava destruir o Laboratório Sakura.

Para entrar lá, precisaria do reforço de Aline, pois ela melhor do que ninguém conhecia o laboratório. Para vir para o meu lado, teria que conquistá-la. Tinha de estar pronto para toda sua habilidade e seus Ofudas.

Apesar de ela ter tentado me matar e estar envolvida na morte de meus pais e do meu irmão precisava lhe dar uma segunda chance.

Foi nesse momento que lembrei. Não era só Aline que merecia uma segunda chance. Teria de viajar. Levantei da cama rapidamente, senti uma tontura repentina, contudo me dirigi rápido em direção a mesa de vidro.

Vesti meu uniforme da escola, que agora continha uma costura gigantesca na camiseta, por causa do raio disparado contra mim por Aline Sakura. Pelo menos, aparentemente, o uniforme tinha sido lavado nesses dois dias em que eu dormia. Amarrei meu All Star, coloquei o relógio do Homem-Aranha e o capacete da Segunda Guerra Mundial. URRÁ!

17:23PM – 6500000 A.C. – PERÍODO JURÁSSICO

Estava no alto de uma montanha, meus pés pisavam sobre uma gigantesca rocha, olhei em volta e só pude ver mais rochas avermelhadas que entravam em sintonia com o céu vermelho daquela Era.

Pude ver na beirada da rocha o Pimenta. Ele estava mais alto, com um metro e oitenta, barbudo, seus cabelos tinham crescido muito e em sua mão carregava uma lança, possivelmente confeccionada por ele

mesmo. A calça gigantesca se transformara em bermuda, o blusão desaparecera e ele usava apenas uma camiseta vermelha que parecia um trapo. Ele estava lá havia uma década. Olhava para o penhasco, em sua frente, entristecido.

- Pimenta? – Falei, ficando a meio metro de distância.

Ele moveu a cabeça em minha direção, lágrimas começaram a escorrer em seu rosto. Ele devia ter passado por momentos tenebrosos. Com uma voz trêmula e linguagem confusa, ele implorou:

- Leve-me embora daqui... Por favor...

- Antes, me conte o que aconteceu na sua vida desde que o deixei aqui. – Ele precisava me convencer que tinha mudado.

Pimenta sentou-se na rocha, soltou sua lança e colocou a mão em seus longos cabelos vermelhos, banhados com gordura. Ele fedia e chorava compulsivamente:

- Quase morri diversas vezes. Mas a solidão foi o pior de tudo. Sozinho, nesse mundo maluco.

- Eu não posso levá-lo para a Praia do Una. Lá não é seguro para mim e não sei o que você faria lá com dez anos nas costas, depois de um trauma desses.

A verdade é que eu começava a me arrepender de tudo que tinha feito. De tê-lo trazido até a era dos dinossauros. E tê-lo abandonado. Ia propor um combinado:

- Sinceramente, espero que você tenha mudado.

- Mudei... Não sou mais aquele pivete, que traficava drogas. acredite em mim.

- Você vai vir comigo então. Vou levá-lo para a minha casa. Lá, você ficará seguro, mas estou confiando em sua lealdade. – E engolindo em seco concluí:

- Essa é a sua segunda chance. Se você pisar na bola, eu posso levá-lo para um lugar pior da próxima vez.

- Agradeço seu perdão.

Pimenta ajoelhou-se na rocha. Segurou minha mão e tentou beijá-la, evitei o contato no último segundo.

Ele realmente imaginou que eu nunca mais voltaria para buscá-lo. Se não fosse pelo o que eu vi na memória de Aline, talvez nunca voltasse. Coloquei a mão no ombro de Pimenta, fechei meus olhos.

Realmente, as coisas dessa vez estavam mudando para Flashback. URRÁ!

12:47AM – 11/11/2031 – OCEANO PACÍFICO – FLASH-01

Estávamos em uma grande sala redonda. No centro, uma gigantesca mesa de vidro, com um grande cubo no meio. Diversas cadeiras confortáveis, espalhadas. Pimenta parecia assustado, cutucava a poltrona com sua lança. Chamei por Luís.

Alguns segundos depois, a porta se abriu e entraram Luís e seu Sussumu, puxado pela cadeira de rodas. O velho olhou para Pimenta que agora cheirava a poltrona. Expliquei:

- Esse é Pimenta. Eu o tinha prendido no tempo dos dinossauros. Mas todos merecem uma segunda chance. Não é mesmo? – Sussumu sorriu para mim. Continuei: - Quero saber se ele pode morar aqui.

- O Pimenta? – Perguntou Luís que se aproximou dele. Pimenta então começou a farejar o jovem Sussumu e questionou:

- Peixe? Luís Sussumu?

- Exato... – Respondeu ele que ainda encarava aquele homem das cavernas.

- Você está velho! – Os dois falaram juntos. Estava na cara que Luís não tinha gostado de seu novo amigo, ele odiava o meliante na época da escola:

- Você está falando sério, Flashback?

- Estou.

- Ele então vai morar conosco. Será bom, ter uma ajuda para carregar as tranqueiras. Luís leve Pimenta para tomar um banho e sirva alguma coisa para ele comer.

- Certo, vovô.

Os dois saíram pela porta. Pimenta mal conseguia andar, ele parecia caminhar como um macaco, mas estava feliz, isso era evidente. Olhei para o velho Sussumu e falei:

- Desculpe sobre isso. Não quero parecer folgado nem nada.

- Pelo contrário, essa é sua casa. Você faz o certo.

- Nós precisamos conversar, tomei algumas decisões hoje de manhã.

- Vamos marcar uma reunião para às treze e trinta, pode ser? Tenho que visitar o banheiro.

Abri a porta da sala de reuniões para Sussumu sair e caminhei em seguida. Resolvi visitar minha própria base. Caminhei pelo corredor redondo que a circundava, ela era constituída de 6 quartos, passei por todos.

Em cada porta tinha o nome de seu morador. Passei pelo quarto de Seu Sussumu, onde ele entrou com o intuito de usar o banheiro; pelo quarto de Luís, recheado de livros de medicina; por um quarto entreaberto, onde Pimenta tomava banho e Luís separava uma roupa para ele; e enfim passei pelo quarto onde eu estava, na porta, escrito com tinta vermelha: FLASHBACK.

Visitei os outros dois quartos. Eram todos do mesmo estilo do que o meu. Na realidade, todos os cômodos eram iguais ao meu. Menos o sexto quarto, que estava trancado. Os quartos ficavam circundando o iglu. No centro deste, havia a sala de reuniões.

Andei por mais alguns metros e observei a cozinha. Entrei. Um pequeno fogão fora colocado ao lado de uma gigantesca geladeira, que ocupava metade da cozinha. Abri sua porta e tive pena dos moradores do futuro. Eram centenas de frutas e legumes congelados e desidratados. Nós comíamos frutas dessa maneira. Era por isso que o mamão do meu café da manhã estava com um gosto muito peculiar.

Nesse momento, Luís entrou na cozinha, seguido de Pimenta, que agora vestia uma calça preta e uma camisa de botões branca, o que contrastava com sua barba enorme, agora presa por um elástico na ponta, assim como seu cabelo, além, é claro, de ele estar descalço.

- Com fome, Flashback?

- Um pouco.

Sentei em um banco próximo a um balcão, em companhia de Pimenta, que parecia faminto. Luís começou a preparar algo no microondas, enquanto servia um suco de laranja para mim e para Pimenta.

- Como vocês fazem suco, se não tem árvores?

- As poucas frutas que existem, são provenientes da engenharia genética, mas têm um gosto diferente. Desde que as árvores começaram a morrer, nossa vida começou a desandar.

- Imagino. Essas frutas congeladas são horríveis.

- Eu sei...

- O que você fazia na Praia do Una. Quando cheguei? – Tirando um prato de feijoada do microondas e colocando sobre o balcão, Luís explicou:

- A cada ano, volto para lá. Para ver como estão as coisas e trazer suprimentos. Ou você acha que a gente produz tudo aqui?

- Entendi... – peguei um pouco de feijoada e observei Pimenta devorar a comida com uma colher.

Continuei: - A comida é desidratada também?

Luís abriu o armário e eu vi centenas de potes com pequenas pastilhas. Meu amigo abriu um deles e colocou a pastilha na mão e disse:

- É o que vocês estão comendo agora. Temos o suficiente para cem anos, mas, na verdade, meu avô gosta de comer peixe fresco, por isso tenho que voltar para a cidade de vez em quando.

Eu e Pimenta olhamos aquela gigantesca vasilha de feijoada e depois a pastilha. A ciência realmente surpreende, pensei.

- Em dez anos inventaram isso?

- Não, estamos em 2031. – Respondeu Luís. Pimenta então se engasgou, eu tinha me esquecido de informar esse detalhe para ele:

- Minha casa, a Flash-01 situa-se no futuro.

- Inacreditável... – Ele disse olhando em volta: - Pensar que há dez horas eu estava comendo carniça de um Pterodátilo.

Nós comemos, enquanto conversávamos. Luís tinha estudado medicina. Quando eu precisasse, ele estaria apto para me ajudar. Pimenta teve de se molhar com urina de Tiranossauro Rex para não sofrer ataque de outros dinossauros. Realmente, eram pessoas diferentes.

- Me deixe ver seu ombro.

Tirei a camiseta costurada do uniforme da escola e Luís foi tirando a bandagem. Pude ver, então, a enorme cicatriz que tinha em meu ombro esquerdo.

- Mordida? – perguntou Pimenta.

- Não, um raio mesmo.

- Cauterizei com bisturi elétrico e lhe dei antibiótico e analgésico em dose cavalariça. Seu organismo tem um tempo de cicatrização diferente, é interessante.

- Como assim? – Coçando a cabeça, dr. Luís tentou se explicar:

- É como se suas células soubessem que precisam acelerar o tempo, você cicatrizou uma ferida gigantesca em dois dias, e seu sangue produziu células vermelhas como se estivessem passadas duas semanas em recuperação. – Sorrindo ele disse: - Impressionante!

Ficamos calados. Qual seria o limite de meu poder? Até onde ele me levaria? O que mais eu poderia fazer? Bom, só o tempo tinha as respostas...

- Quer dizer que o... Flashback é imortal?

- Não! – respondeu Luís, incrédulo com a pergunta de Pimenta.

- Então, não entendi nada, sou péssimo em estudos sociais...

- Mas isso é biologia! – Luís continuou, desacreditando o que estava ouvindo.

- Whatever. – Disse Pimenta comendo mais um pouco de feijoadá.

Consultei o relógio do Homem-Aranha: os braços apontavam para uma e meia. Estava na hora da reunião na sala central da Flash-01.

Capítulo 8

Linha temporal

13:32PM – 11/11/2031 – OCEANO PACÍFICO – FLASH-01

A sala central da minha base nunca reuniu tantas pessoas. Todos estavam acomodados em poltronas em torno da mesa redonda, com exceção, é claro, de Seu Sussumu, que sentava em sua cadeira de rodas.

Pimenta cheirava a poltrona:

- Couro muito bom. – dizia.

Tirei meu capacete da Segunda Guerra Mundial e coloquei-o sobre a mesa de vidro. Olhei para todos que estavam ali e comecei falando:

- Hoje de manhã, pensei em tudo que conversamos anteriormente e já sei qual será meu próximo passo. Ou melhor, nossos próximos passos.

- E quais seriam eles? – perguntou Luís, tirando do bolso de seu jaleco um bloco de anotações.

- Primeiro, vamos falar de estrutura. Adorei a Flash-01. Todos os quartos, a cozinha, essa sala de reuniões, a localização é muito boa. No meio do nada. Excelente. – Cocei a cabeça. Eles não iam gostar do resto: - Mas eu preciso da base em meu tempo. Preciso de uma casa em 2009. O futuro não é meu tempo.

Seu Sussumu e dr. Luís riram. Eles pareciam estar felizes com o que eu tinha dito, o velho explicou:

- Nós sabíamos que você falaria isso! Não sabíamos que seria agora, talvez tenha sido antes, em razão de seu futuro ter mudado. Mas nós estamos prontos para isso, Flashback!

- Vocês estão? – perguntei surpreso.

- Claro que sim! Já temos toda a matéria-prima para reconstruir a base, na verdade é tudo muito fácil. É de encaixar, como se fosse... Lego!

- Nossa, que legal...

- A matéria-prima está no quarto número seis. Se você quiser... – disse Luís, levantando-se.

- Não, ainda não. – Suspirei aliviado:

- Nossa, estou me sentindo melhor. Achei que vocês não iam gostar disso.

- Claro que não. Por que você acha que temos todas essas pastilhas de comida? Esperávamos um dia ter a Flash-02. – Completou dr. Luís.

- Então, ao final da reunião, vou levá-los até 2009. Para vocês irem morar comigo na base.

- Nós não devemos ir, Flashback – Esticando os dedos, seu Sussumu falou - pertencemos a esse tempo. Você tem o seu melhor amigo e o velho pescador de seu tempo!

- Mas...

- Assim terá de ser. Temos que ficar aqui, nessa base. Nós do passado, ficamos no passado. Nós de agora, ficamos agora.

Tudo bem. Teria de aceitar isso.

- O segundo ponto que quero falar é sobre nosso inimigo.

- Velociraptor! Os corredores! – gritou Pimenta.

- Definitivamente, não! – exclamou Luís, assustado.

- O Laboratório, a futura Fundação Sakura. Obviamente, estão em torno das desgraças em nossas vidas e irão afetar de modo radical o ecossistema da Terra. – Batendo com as mãos na mesa concluí: - O laboratório precisa ser destruído.

- A pergunta agora, deve ser: como? E quando? – perguntou Luís.

Mudando de assunto, eu disse:

- Seu Sussumu, vou pedir ajuda para Aline Sakura. Convencê-la.

- Nada melhor do que ter um deles ao seu lado. – E respirando fundo, ele continuou: - Mas você deve treinar... Você nunca sabe quem está do outro lado.

- Sei disso – Ele tinha me falado a mesma coisa em 2009.

- Mas quando? – Perguntou Luís para mim.

- O mais cedo possível para evitar todos os problemas decorrentes!

- Prático seria, mas esse é método mais perigoso – O velho Sussumu se aproximou da mesa, e me olhou com aqueles olhos opacos, consumidos pela catarata: - Pequenas mudanças no tempo podem gerar mudanças catastróficas no futuro.

Coloquei minhas mãos na frente de meu rosto. Ele tinha razão. Eu podia me desdobrar no tempo, mas não sabia nada sobre a linha temporal. Precisava aprender.

Levantei da cadeira, coloquei meu capacete na cabeça, todos me olhavam, esperavam que eu dissesse alguma coisa, ou desse uma ordem:

- Preciso ver uma pessoa. Vocês vão arrumando toda a matéria-prima para a Flash-02. Volto para levar os equipamentos para o passado. – Sorri para os três e disse: - Obrigado por tudo, volto em meia hora.

Olhei meu relógio do Homem-Aranha. Era uma e quarenta e seis, tinha que me lembrar disso, para voltar quando eles tivessem tido tempo suficiente para arrumar todos os equipamentos.

Saí correndo pelo corredor circular da Flash-01. Passava pelos quartos em alta velocidade, queria chegar ao meu quarto. Vi de longe escrito na porta: FLASHBACK com letras vermelhas. Empurrei a porta e entrei em meu cômodo.

Corri até a mesa de vidro e abri minha mala xadrez. Tirei de dentro dela meu livro de história e um caderno amassado. Larguei-os sobre a cama. Se quisesse história, ia vivenciá-la. Em seguida, coloquei

dentro da mala, junto com meu skate e meu mp4, o capacete e o pequeno dado que Luís me mostrou o mapa do planeta Terra.

Coloquei a mochila nas costas. Olhei para a poltrona acinzentada no canto do quarto, lembrei do coelho. Mas agora precisava ver uma pessoa. URRÁ!

18:32PM – 13/04/1932 – EUA – NOVA JERSEY

Saí detrás de uma grande árvore e comecei a caminhar no gramado. Estava cercado de prédios com os tijolos à mostra. Universidade de Princeton. Atravessei a rua vazia e caminhei em passos rápidos até um senhor de cabelos brancos e despenteados que também parecia estar com pressa.

Ele usava um terno amarronzado, amassado. O paletó continha manchas de café. Pude perceber isso, chegando próximo dele. Fazia muito frio ali e como estava de camiseta e short do uniforme da escola sofria com cada rajada de vento.

- Doutor Einstein?

Ele parou de andar, e se virou para mim. Conhecia aquele rosto como se fosse meu amigo. Nós estávamos sobre um longo gramado e eu começava a tremer de frio. Albert Einstein me encarava de forma curiosa:

- Posso lhe ajudar?

- Queria conversar com o sr., coisa rápida.

- Siga-me.

Fui guiado por ele até um banco, próximo da biblioteca da universidade. Descobri isso, pois uma grande placa sinalizadora estava ao lado do banco. Sentei ali e Einstein ficou ao meu lado. Não tinha ninguém no campus e, no ar, cheiro de grama molhada:

- Em que posso lhe ajudar, meu jovem?

- Meu nome é Flashback. E vim conversar com o sr. sobre o tempo-espaço.

- Você leu minha teoria? – Ele perguntou rindo, é claro, que nenhum estudante de quinze anos, em 1932, tinha sequer tido contato com Albert Einstein.

- Na verdade, aprendi bastante sobre a teoria do sr. de onde venho.

- E que lugar é esse?

- O Brasil. – Ele se surpreendeu, mas antes que pudesse dizer qualquer coisa completei: - Do ano de 2009. – Einstein ficou sério, não estava gostando do rumo da conversa.

- Que espécie de brincadeira estúpida é essa?

Abri minha mala e segurei o dado de 2031. Tirei-o da mala, mostrei para Einstein e disse próximo ao dado: - Mapa Mundi. E então, o holograma com a forma do Planeta Terra se projetou diante de nossos olhos.

Albert Einstein abriu a boca. Parecia incrédulo. Colocou a mão na terra e a girou, a imagem acompanhou seu movimento.

- Isso é incrível. – Mas olhando para mim ele disse: - Se você não atingir a velocidade da luz ou algo

semelhante a isso, você não viaja no tempo. Você tem uma máquina que faz isso?

- Eu mesmo faço isso. – Respirei fundo e falei: - Conversei com Darwin, ele disse que posso ser uma evolução da espécie.

- Charles Darwin? – O doutor gargalhou quando eu movi minha cabeça afirmando.

- Você tem alguma teoria para eu conseguir viajar no tempo? – Albert Einstein pensou por alguns segundos e respondeu:

- Dilatação do tempo. Você poderia se mover mais rápido do que o tempo normal, mas isso é totalmente improvável e fisicamente impossível.

- Bom, não sei se você acredita em mim ou não. Mas eu preciso lhe fazer uma pergunta importantíssima. – Ele olhou sério para mim, um sopro de vento cortou nossa conversa e fez seus cabelos brancos voarem sobre seus olhos.

- Pergunte.

- Se eu realizar uma mudança muito grande no passado, o sr. acha que isso afetaria o futuro? – Ele respirou fundo e começou a pensar.

- Supondo que talvez você pudesse viajar no tempo, você poderia provocar uma quebra da linha temporal e gerar paradoxos de realidade. Então sim, provavelmente, mudaria o presente.

- Isso não é bom. - Eu disse, frustrado.

Einstein deu de ombros, levantou do banco e antes de retomar sua caminhada completou:

- Acho que, se você mudar um grão de areia no passado, terá mudado muita coisa no futuro. São as pequenas coisas, Flashback. – Ele riu e retomou a caminhada, ainda pude ouvi-lo dizendo:

- Flashback, esse é um bom nome.

Coloquei as mãos em meus olhos. Eu realmente não queria acreditar nisso. Já tinha ouvido essa história de grãos de areia, o Flashback do futuro tinha falado isso para mim no primeiro dia em que eu viajei no tempo. Mas que droga!

Quando abaixei minhas mãos, meu coração começou a acelerar. O homem vestido de coelho rosa estava caminhando em minha direção, aquele sorriso incrustado na máscara não me enganava, ele queria algo de mim.

Ele caminhava a passos rápidos. Levantei do banco, saltei e saí correndo. Olhei para trás e vi o coelho correndo. Ele tinha disposição. Passei por Einstein que seguia seu caminho. Ele me perguntou assustado:

- Por que a pressa? – Mas não deu tempo de responder.

Viajei no tempo.

06:03AM – 22/12/1966 – VIETNÃ – PHU VINH

Dei dois passos na mata fechada, mas tropecei em uma raiz e caí com a cara na lama. Meu queixo tinha batido no chão e doía muito. Escutei passos. Em seguida, tiros provenientes de alguma metralhadora e gritos. Sem pensar duas vezes, abri a mala e coloquei o capacete. “NUNCA, mas NUNCA tire seu capacete” diria Francis Gordon.

Fiquei andando agachado por aquelas árvores e arbustos. Eu suava naquele lugar abafado. Guerra do Vietnã. Senti então uma presença atrás de mim, olhei para trás. Era o coelho gigante.

Levantei e corri. Fui correndo pela mata, sendo seguido por ele. Saltei uma raiz, atravessei uma trepadeira. Não estava mais em uma mata fechada, corria agora por um arrozal.

Podia escutar tiros vindos exatamente dali. Teria de tomar cuidado. A cada metro percorrido, olhava por cima de meu ombro e podia ver o coelho rosa correndo.

Então, ele saltou. Caiu muito próximo de mim e sua mão direita agarrou minha canela. Caí novamente de cara no chão. O coelho sentava sobre mim e tentava segurar meu pescoço. Ele era muito pesado.

- Que bosta é essa? – Ouvi uma voz e gritei:

- Vietcongue! Shit!

Só pude escutar a pancada da empunhadura de uma metralhadora na cabeça do coelho. Ele saiu de cima de mim e rastejou para dentro do campo.

Levantei, com a ajuda do soldado. Ele usava um uniforme camuflado e parecia não tomar banho há dias. Seus olhos me observavam por cima do seu nariz volumoso. Ele perguntou:

- Qual é seu pelotão?

Não respondi, mas agradeci. Me enfiei na plantação de arroz, caminhei uns dois metros para longe do soldado. Quando ele não podia mais me ver, resolvi sair dali. URRÁ!

23:59PM – 12/12/1999 – AUSTRÁLIA – SIDNEY

Senti meu corpo mais relaxado, apesar da dor de cabeça que me azucrinava. Estava sentado sobre o parapeito de um prédio. Podia ver, lá embaixo, as pessoas olhando para o céu. Mas o que será que elas esperavam?

A resposta veio na forma de diversos fogos de artifício explodindo no céu. Era Ano Novo e definitivamente eu não estava mais no Vietnã. Fiquei em pé e comecei a caminhar sobre o teto do edifício, por entre diversas antenas de TV a cabo.

Observei meu uniforme, estava imundo. Que diabo era aquele coelho? Ele havia tentado me matar pouco antes! Parei de caminhar. E não acreditei: o coelho rosa havia surgido, em um piscar de olhos, a um metro de distância.

Voltei a correr. E ele voltou a me seguir. Passei pelas antenas e pisei sobre o parapeito. Podia ver os fogos explodindo e as pessoas gritando lá embaixo, eu ia saltar. Mas sua pata rosa agarrou meu braço. Preciso sair daqui.

21:09PM – 23/08/1967 – JAPÃO – TÓQUIO

Noite escura, contudo, podia senti-lo me puxando pelo braço. Um cheiro forte de cerejeira atingia minhas narinas, mas eu só pensava em me soltar. Foi quando algo acertou em cheio o coelho rosa gigante.

Ele me puxou para o chão e nós dois caímos na estrada de terra. Engoli poeira e comecei a tossir. A lua

cheia era a iluminação natural dali e meus olhos se acostumavam com a luminosidade. Levantei e vi estirados no chão o coelho e uma bicicleta muito antiga que continha um pequeno farol a dínamo em seu guidão.

Um rapaz começou a falar comigo em japonês. Ele parecia pedir desculpas, era o dono da bicicleta. Olhei para ele, seu rosto era familiar e seus olhos pareciam ser de cor cinza, ele usava um grande chapéu, estilo camponês e parecia arrependido de ter se chocado conosco.

Quando olhei novamente para o coelho, ele tinha sumido. O pequeno farol a dínamo parecia que tinha ficado com a luz mais forte, mas poucos segundos apagou de vez. Afastei-me do rapaz e resolvi sair dali. URRÁ!

07:33AM – 19/12/2007 – E.U.A. – NYC

Caí sobre um taxi amarelo, escorreguei pelo porta-malas e comecei a caminhar por entre os carros. Estava no trânsito de Nova York. Podia escutar o motorista do taxi me xingando porque tinha amassado algo. Besteira.

Abri a mochila xadrez e retirei meu skate. Em seguida, estava passando por entre os carros. Por causa do trânsito, conseguia andar sem perigo de ser atropelado, ignorando, é claro, os xingamentos e os gestos obscenos.

Próximo de um cruzamento, lá estava ele de novo: o coelho rosa me observava. Parei o skate e o encarei. Ele viria atrás de mim?

Não. Ele simplesmente virou e desapareceu. Sorri. Tinha ganho a batalha? Bom, estava muito frio em Nova York e eu queria sair dali. Guardei o skate na mala. Sabia exatamente quem deveria encontrar. URRÁ!

7:22AM – 01/03/2017 – BRASIL – AMAZÔNIA

Meu corpo começou a despencar, em queda livre. Sentia o vento em alta velocidade, arrebatando em meu rosto. Meus braços e pernas balançavam descontroladamente. A saliva em minha boca secava.

Abri com dificuldade os olhos e pude ver sob meu corpo a imensidão da floresta verde. Observei longe dali um grande rio. Foi então que senti um braço agarrando-se em mim.

Giramos por alguns segundos no ar. Ele devia estar tentando estabilizar o skate voador. Então, paramos. O braço me soltou e apoiei os pés sobre o skate. Encarei o Flashback do futuro.

Ele abaixou sua cabeça em minha direção, mas permaneceu com a viseira fechada. Continuava vestindo aquela roupa preta. Ele falou:

- É perigoso vir para o futuro. – Ficamos em silêncio. Até que um cheiro de podridão invadiu nossas narinas. Tossi. Flashback tossiu. Nós tossimos.

A mata abaixo de nós estava morrendo. Morria de imediato. Em menos de um minuto as folhas verdes ficaram amarronzadas e caíram sem vida no chão, enquanto os troncos se retorciam. Um fedor de morte

subia aos céus.

- Já está acontecendo, eu não acredito – Disse, desapontado o Flashback do futuro. Ele falou com seriedade: - O que você quer aqui, Guilherme?

- Eu quero saber sobre a linha temporal. Quero alterar o passado. Você acha...

- Lembra do diário de Gordon? Ele quebrou a estante da livraria do seu pai, não é mesmo? – Abaixei a cabeça. Por que ele falava na terceira pessoa? Como se eu não fosse ele?

- Nosso pai! – Corrigi. Flashback me olhou e eu o encarei.

- Isso, nosso pai. Quando você alterar a linha temporal, irá acontecer o mesmo, gerará consequências no futuro. Guilherme, tudo o que você faz no passado, muda o futuro.

- Todo mundo me fala isso – Respirei fundo, aquele ar fedia, mas já estava irritado com tudo: - Mas se o seu Sussumu não tivesse me mantido longe de casa na noite em que nossos pais morreram, provavelmente, eu estaria em 1995 e provavelmente morreria durante minha fuga.

- Eles mudaram a linha temporal levando-o para 1995. Você deveria estar lá. Contudo, não está. Deve pensar em seu presente. Onde você estaria, se não tivesse o poder?

- Você está dizendo para eu atacar o Laboratório Sakura em 2009?

- Eu não disse isso, Guilherme. Você deve tomar suas decisões. Entretanto, quero lembrá-lo a não desafiar a morte! Nunca!

- E se alguém tiver que morrer? – Perguntei sem nem ao menos saber por quê.

- Se alguém tiver de morrer, você não estará desafiando a morte e sim a ajudando-a. Mas se ela quiser que alguém morra e você a salve...

- Eu estarei a desafiando... Mais uma coisa...

- Nossa conversa terminou. – E balançando seu skate voador para os lados, com o intuito de eu cair, Flashback explicou-se: - Falei demais. Muito mais do que deveria.

- Tudo bem. Entendo. Linha temporal, passado, futuro, pequenas mudanças... Essas coisas... Só quero perguntar mais uma coisa. – E antes que Flashback do futuro me impedisse eu falei: - Por que tem um maldito coelho rosa atrás de mim? Tentando me capturar, me matar... Sei lá eu! – Ele então parou de balançar o skate, olhou para o alto, respirou fundo e falou:

- Déjà vú está te perseguindo?

- Sim – Respondi.

- Merda, isso muda tudo! Cuide da sua missão contra a Fundação Sakura, ou melhor, Laboratório Sakura! Eu cuidarei dele.

Então, o meu eu do futuro levantou o skate, fazendo com que eu desse um salto e disparou para o norte, promovendo minha iminente queda.

Comecei a despencar em direção a mata morta. Sentia a saliva secar e meus olhos arderem pela velocidade do vento. Fechei os olhos. Precisava me organizar. URRÁ!

Bati contra o vidro. A mesa se espatifou, enquanto caía no chão. Sentia uma dor insuportável pelo corpo.

- Meu Deus! Você está bem, Guilherme? – Abri os olhos e vi Luís procurando por feridas em meu corpo.

- Estou. Mas quem colocou essa mesa aqui?

- Err... Desculpe – respondeu Pimenta, enquanto eu me levantava com dificuldade com o auxílio de Luís.

Encostei-me em outra mesa e observei seu Sussumu em sua cadeira de rodas ao lado de um pequeno caminhão de caçamba aberta. Dentro, Pimenta arrumava caixas. Eu estava no interior do quarto seis da Flash-01, que mais parecia uma gigantesca garagem.

- Que caminhão é esse? – perguntei observando o pequeno veículo que parecia ter uns cem anos.

- Um Zis-5 da Segunda Guerra Mundial, dos soviéticos. Você o trouxe para gente.

Pequenas mudanças, caramba! Não é mesmo, Flashback do futuro? – Eu pensei, enquanto aguardava Pimenta colocar o seu Sussumu na caçamba do caminhão.

- Achei que vocês não iam!

- Só vamos ajudar a construir sua base – disse Luís que se sentou no banco do motorista e abriu a porta do passageiro e gritou:

- Vem! - entrei no caminhão, sentei no banco do passageiro e observei meu amigo que disse: - Agora pode levar a gente para 2009.

- Um caminhão? Mas eu não consegui nem desdobrar a Brasília do seu avô.

- Mas agora você já evoluiu seu poder. Você não é mais o mesmo. Ou estou enganado?

Não. Ele não estava. Eu estava diferente. Arrumei meu capacete em minha cabeça e encostei as duas mãos no painel do veículo. Fiz um sinal com a cabeça e pude ouvir o som da chave do caminhão girar fazendo o motor funcionar. Escutei-o pisando na embreagem e colocando a primeira marcha.

- Vai!

Ele acelerou e saiu arrancando o veículo. O caminhão estava indo em direção a uma parede. Pimenta gritava como um ogro na caçamba. Luís fazia o mesmo. Fechei os olhos. Senti a cabeça explodir. Meu cérebro tremer e meu coração palpitar. Minha barriga torceu e a espinha congelou. URRÁ!

06:00AM – 08/05/2009 - OCEANO PACÍFICO – FLASH-02

Abri os olhos e pude ver e sentir o caminhão derrapando. Luís breiou rapidamente. O veículo parou de se mover. Pimenta saltou na areia e começou a gritar como o Tarzan batendo seus punhos em seu peito.

- Sabia que você ia conseguir! – Exclamou Luís, abrindo sua porta e saltando na areia. Fiz o mesmo e ao tocar com meu All Star na areia, pude perceber que aquela ilha tinha mudado.

Enquanto Pimenta e Luís tiravam da caçamba caixas e pedaços da estrutura da base, além, é claro, de seu Sussumu, caminhei até o mar e me virei em direção à ilha.

Era possível observar a montanha coberta de árvores e aos pés dela uma floresta densa que parecia se encontrar com a praia. O tempo era outro, as árvores existiam. O clima, apesar de quente, estava agradável.

Observei meus amigos tirando as bagagens do caminhão. Resolvi trazer reforços. Os novos moradores da

ilha estavam chegando.

13:17PM – 08/05/2009 - BRASIL – PRAIA DO UNA

Senti meu corpo balançando. Sabia exatamente onde me encontrava. Na rede da casa de Sussumu e Luís. Fiquei em silêncio, escutando o som dos talheres. Eles comiam.

Levantei da rede e caminhei até a cozinha. Me deparei com o jovem seu Sussumu e Luís, almoçando um belo peixe. O homem me olhou e começou a tossir estava assustado:

- Mas... O que... Faz aqui... Você?

- Puxa Guilherme, você fugiu da escola?

- Voltei. Não fugi... Ai, e agora?

Respirei fundo, isso talvez fosse mais difícil do que imaginava. Sentei-me à mesa com eles e, me servindo de um copo d'água e de um pedaço de peixe, comecei a contar tudo para Sussumu. Luís pouco entendia, mas escutava com os olhos arregalados.

Depois de explicar tudo o que tinha acontecido, antes mesmo de pedir seu Sussumu falou:

- Nós vamos com você. Ajudá-lo vamos!

- Mas vovô... Eu não estou entendendo. Guilherme, você está me assustando...

- Calado Luís! Arrume uma mala!

Esperei os dois arrumarem as malas. Inacreditavelmente, seu Sussumu já possuía uma mala pronta. Eles não tinham muitas coisas, mas tudo o que conseguiram juntar colocaram em sacolas. Desde pratos até algumas redes e peixes.

A pedido de Sussumu o seguimos até o lado de fora da cabana. Nós três carregávamos malas e sacolas e o velho pescador não esquecia uma longa vara de pescar. Caminhamos na praia até um pequeno barco que estava atolado na areia e recheado de dinamite para pesca. Ele subiu na embarcação e mandou eu e o Luís o seguirmos.

Nós dois subimos no barco com as malas e sacolas. E ele disse em tom de felicidade:

- Rumo a Flash-02!

- URRÁ!

6:10AM – 08/05/2009 - OCEANO PACÍFICO – FLASH-02

Senti o impacto do barco em contato com a areia. Sussumu foi o primeiro a levantar e a berrar. Estava feliz. O homem saltou na areia da praia e caminhou em direção a Sussumu do futuro e dr. Luís. Pimenta já levantava a primeira parede da estrutura.

Saltei do barco e ajudei Luís a descer também. Abracei meu amigo que retribuiu o abraço. Apesar do bafo de peixe, ele era o melhor amigo que alguém poderia ter.

- Me desculpe. Acho que estou atrapalhando a sua vida. Estou te trazendo para o meio do nada... Você

ama a escola...

- Guilherme, calma. Queremos ajudá-lo. – E respirando fundo, Luís perguntou: - É verdade que seus pais morreram?

- É verdade. O pior que não posso fazer nada.

- Se alguém pode fazer alguma coisa, quanto a isso é você. Não é mesmo?

- Acho que não Luís. Eu não posso desafiar a morte. Essa é a única regra.

O garoto torceu a boca e me abraçando sobre o ombro com o braço esquerdo caminhou comigo em direção aos outros. O Sussumu do futuro quando nos aproximamos disse:

- Olá, rapaz! Bom ver você criança novamente!

- Como assim?

- Oi Luís! – disse dr. Luís que carregava uma caixa, ele continuou:

- Vem me ajudar aqui!

O jovem Luís o seguiu. No momento em que eu ia ajudar Pimenta a carregar uma estrutura, Sussumu do futuro me impediu:

- Tem como você por gentileza, abrir aquela mala para mim?

Ele se referia a uma mala de couro. Ela era bem pequena e parecia ter um século. Abri a mala e retirei de dentro dela um kimono cinza com mangas largas, sendo que uma grande faixa preta estava amarrada em sua cintura. Ainda encontrei dentro da mala um colete preto, aparentemente proveniente do couro de algum animal.

- Por que isso?

- Vista! Agora!

Coloquei minha mala xadrez e meu capacete na areia da praia e retirei meu uniforme, fiquei só de cueca até vestir o kimono cinza. Amarrei a faixa em minha cintura e coloquei o colete. Só não abri mão de meu tênis All Star.

- Está pronto?

Perguntou o Sussumu de meu tempo que, com a aprovação de seu eu mais velho, correu até o barco com a mala de couro na mão. O Sussumu de 2031 falou:

- Tire isso de seu pulso. – Retirei meu relógio do Homem-Aranha e o coloquei dentro da mala xadrez.

- Você deve treinar agora. Sabe disso.

- Sei, mas quem vai querer me treinar?

- Você deve ir para 1612, para o Japão feudal. Lá, você irá encontrar Miyamoto Musashi e irá pedir para que passe seus ensinamentos a você.

Fiquei em silêncio. Já tinha ouvido e lido as histórias de Musashi, o melhor samurai de sua época, ou melhor, de todas as épocas. Nesse momento seu Sussumu voltou carregando a mala de couro e a colocou em minhas costas. Vesti a mala que transpassava sobre meu pescoço e ficava pendurada ao lado de meu braço direito.

- Aqui tem água e comida. Você vai ficar bem.

- Eu espero. – Então fechei meus olhos. E fui em busca de meu treinamento para destruir de vez o Laboratório Sakura. URRÁ!

Capítulo 9

Nasce um samurai

05:08AM – 03/08/1612 – JAPÃO – PROVÍNCIA DE MIMASAKA

Meus tênis se enlamearam. Eu tinha me desdobrado sobre uma grande poça de lama. Olhei em minha volta. Estava em uma pequena clareira, rodeado por centenas de bambus, a poucos metros de mim, uma pequena cabana construída a base de bambus. Encostado sobre a construção, um homem.

Ele tinha enterrado em sua cabeça um grande chapéu de palha e mordiscava um naco de capim. Suas roupas eram semelhantes as minhas, ele usava um kimono azul e carregava um pequeno cantil amarrado por um barbante em seu ombro direito. Era Miyamoto Musashi.

- Uma carroça carregando a safra de soja do ano todo faria menos barulho. – Engoli seco, era comigo que ele falava.

- Muito prazer, senhor Musashi. Meu nome é Flashback e venho de muito longe para ter a honra de ser treinado pelo senhor. – As aulas de japonês enfim pareciam úteis!

Com sua mão esquerda, Musashi levantou o chapéu de palha, cuspiu o punhado de capim e me observou dos meus pés até os cabelos desgrenhados.

- De longe quanto? – Ele perguntou sem ao menos mover a boca. O movimento vinha de uma pequena barbicha no cavanhaque.

- De uns quatrocentos anos no futuro.

Ele riu. Parecia ter se divertido com o que eu tinha falado.

- Você sabe o que eu faço encostado nessa cabana de bambu?

- Não faço a menor ideia – Ele então fechou seus olhos e pareceu sentir a brisa de vento que cortava o bosque dos bambus.

- Aqui mora ninguém mais, ninguém menos que Soujiro Katana. Sabe quem é ele? – Sim, eu sabia.

- Soujiro Katana foi... Ou melhor, é! O lendário mestre forjador de espadas assassinas. – Ele tinha produzido apenas quinze espadas durante sua vida e cada uma delas foi feita apenas para guerreiros escolhidos por ele.

- Você deve saber que ele não escolhe qualquer um. Não é mesmo, Flashback?
 - Sei disso também. – Ficamos em silêncio, um olhando para o outro, então Musashi disse:
 - Por tudo que eu fiz até hoje, ele aceitou forjar uma espada para mim. Contudo, preciso de duas espadas e não posso forçar o mestre a produzir duas, em vez de uma.
 - Você quer que eu o convença? – Perguntei.
 - Não. – Novamente o silêncio pairou e após uma rajada de vento ele prosseguiu: - Quero que você peça para ele produzir uma espada para você e depois você me dá essa espada. Em troca, eu lhe treinarei como você deseja. O treinamento durará até nossas espadas estarem prontas.
 - Aceito. – O tempo necessário para forjar uma espada naquela época era de vários meses, eu teria tempo.
- Caminhei em direção a cabana de bambu. Fiquei próximo da porta. Miyamoto Musashi abaixou seu chapéu de palha e fixou a poça de lama onde eu tinha me desdobrado.
- SOUJIRO KATANA! – Aguardei alguns segundos. Instantes depois a porta da cabana se abriu.
- Observei o velhote. Ele aparentava ter mais de cem anos, seus cabelos brancos se uniam a sua barba e bigode também brancos. Seus olhos eram fundos e opacos, suas narinas eram gigantescas e de dentro dessas observavam-se longos pêlos.
- O que quer?
 - Uma espada Katana. – O homem olhou para mim e depois para Musashi e se dirigindo para esse disse:
 - Miyamoto! Você não disse ao garoto que não forjo espadas para qualquer um? – O samurai sem se mover respondeu:
 - Ele está disposto a buscar o que você procura. – O velhote olhou para mim e falou:
 - Isso é sério? Mas pode demorar uma vida toda!
 - Ele fará tudo para uma Katana de Soujiro Katana. – Respondeu Musashi. – Mas que diabo!, pensei.
 - Você conhece a flor Fuji Mum?
 - Não.
 - É uma flor que cresce no Monte Fuji. É semelhante a uma aranha. Suas pétalas parecem patas e crescem para cima. Meu desejo é ter uma Fuji Mum branca.
 - Será que você consegue trazer uma Fuji Mum branca, Flashback? – Perguntou Musashi ainda sem se mover.
 - Se você conseguir terá sua espada! – Completou Soujiro Katana. Olhei para os dois. Sabia o que devia fazer. E iria fazer rápido. Tão rápido que até Musashi iria se surpreender. URRÁ!

05:09AM – 03/08/1612 – JAPÃO – PROVÍNCIA DE SHIZUOKA

Perdi o equilíbrio. Escorreguei. E caí de costas na neve. Um vento gelado penetrou em meu kimono. Pude sentir cada parte de meu corpo congelando. Estava a mais de doze mil pés de altura no cume do Monte Fuji.

Levantei com cuidado. Atrás de mim, a queda, se ocorresse, não parecia muito agradável. Fiquei de

joelhos na neve. Fazia muito frio, congelava. Apesar do dia aberto, sentia a proximidade da nevasca.

Observei nas proximidades em uma pedra aquela pequena flor. Fui até lá e me ajoelhei. A flor era delicada. De seu bulbo se esticavam pétalas semelhantes a duas mãos, próximas uma da outra. Arranquei a flor do caule e a coloquei de cabeça para baixo. Agora, assemelhava-se a uma aranha. Era a rara Fuji Mum, de cor branca. Agarrei com a mão esquerda a flor e com a direita um punhado de neve. Fechei os olhos. Iria começar o treinamento!

05:10AM – 03/08/1612 – JAPÃO – PROVÍNCIA DE MIMASAKA

Senti um bafo quente assoprando em meu rosto. Definitivamente, não estava mais no Monte Fuji, mas atrás de diversos bambus. Conversava com os mestres Musashi e Katana. Miyamoto parecia me observar por debaixo de seu chapéu, ele fixava um ponto sobre a poça de lama, que era meu rosto.

Foi então que o meu eu do passado sumiu. Ele tinha se desdobrado para o Monte Fuji. Essa era minha hora de aparecer. Tomei impulso e saltei sobre a poça de lama até as proximidades da cabana de bambu. Cai meio sem equilíbrio, mas levantei e observei o rosto assustado de Soujiro Katana e escutei Miyamoto Musashi dizer novamente:

- Uma carroça carregando a safra de soja do ano todo faria menos barulho.

Estiquei então minha mão esquerda e a abri. Os dois observaram a Fuji Mum branca. Musashi apenas sorriu. Soujiro caminhou até mim e agarrou a flor com sua mão direita e a segurou contra o peito.

- Como você conseguiu? O Monte Fuji está muito longe daqui!

- Tenho meus métodos.

- Prove – disse Miyamoto sem se mover: - Prove que essa flor realmente é uma Fuji Mum real, que você realmente foi até o cume do Monte Fuji.

Estiquei minha mão direita e a abri, os dois encararam o punhado de neve que havia trazido do Monte Fuji. Musashi caminhou até mim, esticou seu dedo indicador e o cravou no punhado de neve, em seguida, o colocou na boca e constatou:

- É neve. Uma bola de neve. Ele é rápido.

- Inacreditavelmente, rápido! – Exclamou Soujiro animado, que concluiu: - Você terá sua Katana!

Em seguida, o mestre carregando sua Fuji Mum branca entrou em sua cabana saltitando, aparentemente muito feliz. Miyamoto me dirigiu a palavra:

- Definitivamente, você é mais do que um garoto. Consigo ver que o mundo está mudando, Flashback san. Vejo mudanças catastróficas e mudanças abençoadas. Leio seus olhos como se estivesse lendo seu coração. Flashback, abençoado você é!

- Obrigado, é uma grande...

- Contudo... – Interrompeu Musashi que concluiu: - necessita de sutileza, atenção, técnica e paciência.

Com uma velocidade indescritível, o mestre samurai tirou de minha mão o punhado de neve e o colocou sobre minha cabeça. Senti a cabeça congelar, ia arrancar aquele pedaço de gelo, mas Miyamoto disse:

- A bola de neve é ampolheta. Você sabe fatiar o tempo, entretanto, deve aprender a descascá-lo! Medite, veja, respire, não há necessidade de pressa, você tem todo o tempo do mundo. O tempo corre da maneira que desejamos.

Musashi caminhou com calma em direção ao bosque de bambus e desapareceu. Fiquei me sentindo um pouco tolo em pé ali com um punhado de neve na cabeça. Miyamoto Musashi parecia saber o que fazia, disse eu não tinha dúvida.

Fechei os olhos e comecei a sentir o mundo em minha volta. Há dias não ficava com minha mente tão calma. Caminhando no curso normal do tempo, onde os segundos são segundos e os minutos duram minutos. Assim, tudo era mais lento. Eu entrava nesse ritmo. Sentia-me como antes, quando tinha uma rotina, uma vida comum como qualquer pessoa.

Podia ouvir uma chaleira esquentando dentro da cabana de bambu. Andorinhas piavam perto dali. Um

sapo coaxava. Pude escutar Soujiro Katana movendo barras de metal. O vento cortava as folhas e assoviava ao cruzar o bosque de bambus. Até um pequeno grilo não escapou de minhas orelhas. Parecia mais lúcido. Mais antenado. Senti a água gelada escorrendo pelas costas, a bola de neve derretia. Os pensamentos escorriam como o cordão de água em minhas costas. Escutei então algo cortar o ar. Agindo rápido, saltei. Contudo, o que cortara o ar acertou minhas canelas e caí de cara no chão. Movimentei-me rápido e em instantes já estava de pé. Encarava Miyamoto Musashi, que tinha me acertado com um pedaço de bambu. Ele segurava em cada uma das mãos um bastão de bambu.

- Você saltou como uma bola de neve ou como um fatiador?

- Não me desdobrei, se é o que está perguntando. Escutei você com o bastão.

- Você está dizendo então que previu meu golpe? – Perguntou Musashi parecendo incrédulo.

- Sim.

- Bom. Mas ainda assim acertei você. Deve ser ainda mais paciente e atento.

Concordei com a cabeça. Ele estava certo, na próxima vez esperava conseguir pular e ainda acertá-lo. O mestre tirou seu chapéu e o encostou na cabana. Pela primeira vez, pude ver seu longo cabelo escuro. Fios lisos e brilhantes semelhantes aos de Aline Sakura. Por um instante senti uma saudade repentina dela, mas afastei essa ideia. Deveria treinar.

Musashi arremessou um bastão em minha direção. Segurou o outro com a ponta voltada para mim. Fiz o mesmo. Em seguida, chamou minha atenção para a posição das pernas e braços e também a postura do pescoço.

- Técnica. Para saber lutar, é necessário saber o princípio. Saberá primeiro a arte do kendô e depois será um espadachim – Ele me olhou dos pés à cabeça e continuou: - Essa posição é a defesa e...

Como um flash Musashi correu e me acertou com o bastão na altura da boca do estômago me fazendo cair de joelhos - Esse é o ataque. Se aprender isso por hora, será bom. Mas saiba: junto com técnica tem de ter atenção, sutileza e paciência.

Levantei com dificuldade. Deveria ter mais cuidado da próxima vez. Olhei Musashi e sorri. Estava sendo treinado pelo melhor samurai de todos os tempos.

18:56AM – 03/08/1612 – JAPÃO – PROVÍNCIA DE MIMASAKA

Havia sido treinado com bastões durante todo o dia. Apenas com pausas para esvaziar a bexiga, tomar água e comer raízes que Miyamoto carregava na corda de seu cantil. Foi então que a porta da cabana de bambu se abriu, e de dentro dela Soujiro Katana gritou:

- Venham até aqui.

Seguindo o mestre Musashi entramos na pequena cabana de bambu. Estávamos na pequena sala que também era cozinha, os outros cômodos eram separados por tecidos amplos, que continham o desenho de um dragão, com o corpo na forma de um S.

Uma minúscula mesa decorava o local onde estávamos. Ajoelhamo-nos em volta, enquanto esperávamos o mestre Katana trazer uma chaleira que estava em cima de uma pequena fogueira. Ele a colocou sobre a

pequena mesa e trouxe três copos minúsculos, que continham o desenho do dragão.

- Musashi já tomou chá de Fuji Mum?

- Nunca.

- E você, garoto? – Perguntou Soujiro enquanto nos servia de chá.

- Também não. – O velho tomou um longo gole de chá. Olhou-me e falou:

- Dizem as lendas que esse chá pode alimentar uma pessoa por um dia.

Segurei o copo e tomei um gole do chá, que desceu queimando a garganta. Quando atingiu meu estômago, me senti revigorado.

- Por mim, tomaria esse chá todos os dias. Um verdadeiro estimulante. Um raio iluminado de felicidade.

Estávamos sob uma densa neblina gerada pelo vapor do chá. Pude sentir o olhar de Musashi voltado para mim quando ele disse:

- A atenção é uma virtude, Soujiro. Acredito que será iluminado por algumas semanas. – O recado havia sido para mim. Naquele momento decidi que todos os dias até as espadas estarem prontas, iria até o Monte Fuji trazer uma Fuji Mum para o Mestre Katana.

- Se desejarem, podem dormir aqui na cabana.

- Aceitarei com todo o respeito e devoção. No entanto, Flashback san irá dormir em outro local.

Onde eu iria dormir? Após o chá minha pergunta foi respondida. Musashi caminhou comigo pelo bosque de bambus até chegar a uma pequena clareira. Ele tracionou quatro bambus até próximo ao chão.

Falou para eu subir neles. Sentia que a qualquer momento seria atirado em direção à Lua. Se mantivesse o meu peso dividido entre as árvores não corria esse risco, mas era extremamente desconfortável.

- Essa será sua cama. A noite para alguns é inútil, para outros é treinamento. Você terá melhor equilíbrio, sutileza e, principalmente, paciência na cama de bambus. Boa noite.

Miyamoto então desapareceu pela floresta. Meu corpo todo doía. Havia recebido tantas pancadas na direção do estômago. Ele parecia inflamado. Mas estava feliz. Na manhã seguinte, iria até o Monte Fuji trazer mais Fuji Mum para o mestre Katana. Ele e Musashi eram boas pessoas, tinha de aproveitar ao máximo a sabedoria dos dois para destruir o Laboratório Sakura, destruir a desgraça!

Senti uma pontada de dor nas minhas costas, o treinamento era muito difícil e duro, mas podia ver as estrelas da noite sobre minha cama. Pensei em Aline, como conseguiria provar a verdade sobre a morte de seus pais? Precisava mostrar para ela que Henzo era o inimigo! Mas para isso precisava descobrir como derrotar os Ofudas.

Também me lembrei da minha vida com meus pais e meu irmão. Senti falta de todos, inclusive de J.T. Até que era bom viver o tempo novamente, no ritmo das outras pessoas.

05:43AM – 06/11/1612 – JAPÃO – PROVÍNCIA DE SHIZUOKA

Há três meses no Japão feudal. Sentia que ficava cada vez mais habilidoso com o bastão de bambu. E cada vez mais próximo de Miyamoto e Soujiro. Havia me aproximado mais do mestre Katana, porque todo dia, durante minha estada, buscava uma Fuji Mum branca para ele. E estava mais próximo de mestre Musashi, pois, de alguma forma, ele via em mim um grande samurai e amigo.

Estávamos no alto do Monte Fuji. Especialmente, naquele dia, ele tinha ido buscar a flor para o chá de Soujiro. Era a primeira vez que viajava comigo pelas dobras temporais. Estava feliz, mas sentia que algo daria errado.

- Aqui está, Flashback san – Disse Miyamoto, caminhando pela neve e carregando uma flor de Fuji Mum branca. Fui em direção a Musashi. Estava um frio terrível e queria sair dali.

Toquei em seu ombro próximo do bastão de bambu que estava amarrado por um cordão em suas costas, exatamente como ficava posicionado o meu. Fechei os olhos. O que estaria me esperando do outro lado? Estava incomodado. URRÁ!

05:46AM – 06/10/1612 – JAPÃO – PROVÍNCIA DE MIMASAKA

Nem tinha aberto os olhos e pude escutar algo vindo em minha direção em alta velocidade. Empurrei Musashi e saltei. Abri os olhos. Me equilibrava sobre um dos milhões de bambus do bosque, do outro lado da clareira também equilibrado em apenas uma perna estava Miyamoto Musashi.

Olhamos em direção a clareira e pudemos ver mestre Katana amarrado próximo a sua cabana e cercado por três homens que empunhavam armas de fogo. Eram muito primitivas, entretanto, mais eficazes que nossos bastões de bambu.

Os homens vestiam trajes de guerra de cor preta, como se fossem militares. A armadura deles, apesar de móvel, era revestida de couro. E a cabeça deles estava coberta com uma espécie de touca que cobria parte do rosto, das orelhas e da nuca. Apenas seus olhos podiam ser observados. Cada um deles carregava um revólver.

Mestre Katana parecia ferido, eles deviam ter batido muito nele. E agora nos observavam. Um deles tomou à frente e disse em tom imperativo:

- Nós somos homens de Sasaki Ganryu Kojiro e viemos aqui em busca de uma espada assassina de Soujiro Katana. Não temos interesse em você, Musashi.

- E que falta de desinteresse é esse que atira em mim? – Miyamoto sacou seu bastão e apontou em minha direção e continuou: - Se meu discípulo não tivesse previsto sua bala, poderia estar morto nesse momento. Faltou lealdade de sua parte. – Musashi então saltou à frente de mestre Katana e direcionou seu bastão no sentido dos três guerreiros:

- Mas não sei por que estar tão surpreso, lealdade sempre falta aos homens de Kojiro. – Todos ficaram em silêncio. Até que um deles aproximou-se de Miyamoto e falou:

- Nossos assuntos não são com você, são com Katana. Gentilmente, eu lhe peço para se retirar.

- Façamos assim – Musashi havia iniciado a negociação: - Eu desafio Kojiro para um duelo daqui a dois meses. Se perder o duelo, darei minha Katana que está sendo produzida pelas mãos do mestre para ele.

- Mas... – Tentou argumentar um dos homens.

- Vocês me agrediram. Estou tentando barganhar com vocês. Teria o direito de cortar o pescoço dos três e depois o de Kojiro. Mas como um honrado samurai, estou conversando com vocês como guerreiro.

- Temos ordens expressas de adquirir uma Katana, independente de quem estiver a protegendo.

Musashi sorriu, mas estava visivelmente irritado. O mestre colocou seu bastão sobre o chão e apoiou seu

pescoço sobre o bambu. Ele olhou para Soujiro e disse:

- Meu amigo, esses guerreiros querem sua cabeça – Katana sorriu e mostrou seus dentes que estavam recheados de sangue. Miyamoto respirou fundo e prosseguiu com a negociação:

- Façamos assim, realizamos um pequeno duelo aqui e agora. Se eu vencer, vocês aceitam minha proposta de eu encarar Kojiro daqui a dois meses em um duelo pela minha Katana. Contudo, se falhar no pequeno duelo realizado aqui, vocês podem prosseguir torturando Soujiro... – Encarando os três, ele finalizou: - Sim ou não?

Os três guerreiros se entreolharam até que um deles se colocou à frente dos demais. O homem arremessou seu revólver na direção de um de seus comparsas que o agarrou, e em seguida apresentou-se:

- Meu nome é Tetsuo, venho sendo treinado por Kojiro há mais tempo que meus colegas. Aceito sua proposta e seu desafio.

- Muito bem.. – Falou Miyamoto aproximando-se de seu combatente. O samurai esticou seu bastão em direção a Tetsuo que o agarrou e empunhou a arma em direção a Musashi. Disse:

- Em meu lugar, chamo meu discípulo, Flashback, para lhe enfrentar! – Ele olhou em minha direção. Não podia acreditar! Obedecendo ao mestre, saltei no centro da clareira e estiquei meu bastão em direção ao meu oponente.

Só conseguia observar os olhos de Tetsuo. O traje cobria parcialmente sua face. Ele tinha um olho de cada cor, o direito era verde e o esquerdo, amarelo.

- Que comece a luta! – exclamou Musashi.

Tetsuo moveu rapidamente seu bastão em minha direção, ele queria atingir minha cabeça. Esquivei-me com certa facilidade e me posicionei ao lado do samurai e com uma velocidade indescritível o atingi com o bambu nas costas. O homem foi obrigado a dar alguns passos para frente por causa da força do golpe.

Coloquei-me em posição de defesa, com os braços esticados e o bastão erguido em frente ao meu rosto. O samurai fez o mesmo. Nos encaramos. Eu tentava ler os movimentos do meu oponente e ele parecia fazer o mesmo comigo. Mas, eu só tinha seus olhos como referência.

Seu olho amarelo apontou para meu lado direito. Ele iria me atacar por ali! Tetsuo moveu seu bastão em direção a minha orelha direita, eu defendi o golpe com meu bambu e contra-ataquei com um chute em seu estômago. Ele deu alguns passos para trás.

Olhei para Musashi, ele parecia orgulhoso da luta que seu discípulo estava tendo. Eu também estava orgulhoso. Parecia que os meses de treinamento ali haviam surtido efeito. Eu parecia lutar como um grande guerreiro samurai.

Tetsuo partiu para me atacar com seu bastão voltado para cima. Agindo rápido defendi seu golpe e acertei um chute entre suas pernas. O homem soltou sua arma e colocou as mãos no local atingido. Aproveitei para golpear sua cabeça. O corpo dele tombou no chão. Eu o havia nocauteado. Sorri para Musashi, que disse:

- Acabe com a vida dele!

Sabia que, se atingisse Tetsuo com força na região do pescoço, o mataria. Não faria isso. Não poderia tirar a vida dele. O desafio estava ganho e terminaria agora.

- Poupe sua vida! Agora, suma com seus comparsas!

Os guerreiros auxiliaram Tetsuo a levantar e antes de entrar no bosque de bambus, um deles gritou para

Miyamoto Musashi:

- Mestre Kojiro, aguardará você e sua Katana na Ilha de Funashima! – Em seguida, eles sumiram no bosque.

Enquanto desamarrávamos Soujiro, escutava um longo sermão do mestre Musashi:

- O inimigo que você poupa a vida hoje, cedo ou tarde irá tentar arrancar sua centelha! A vida de alguém é limitada! Contudo, a honra e o respeito duram para sempre. É mais honroso e respeitoso morrer em combate do que receber misericórdia! – Já havíamos desamarrado Katana que agora nos observava e escutava as palavras de Miyamoto:

- Um dia, ele irá voltar meu discípulo! – Tomando fôlego, filosofou: - A visão é fraca, contudo a percepção é forte! Se pensar em estratégia, você poderá ver o que está distante como se estivesse próximo e ter uma visão distanciada do que está próximo. – Apontando o dedo próximo de meu nariz ele continuou: - Você deveria ter pensado como um estrategista! Cuidado com suas decisões precipitadas! Elas podem custar seu futuro!

Eu tinha entendido. Ter poupado a vida de Tetsuo poderia custar a minha em algum momento. Mas a ideia de arrancar a vida de alguém parecia um tanto quanto errada e eu estava no Japão feudal, a vida de Tetsuo estava muito longe de minha realidade. Concluindo seu sermão, Musashi enfatizou:

- Acima de tudo, Flashback, deve-se ter em mente que a morte é inevitável – Olhando para cima, concluiu: - Pelo menos para alguns.

Miyamoto olhou para Katana e depois para mim. Ele então sorriu. Parecia que não estava mais zangado. Tinha mudado completamente sua feição:

- Bom, parabéns discípulo! Foi um combate excelente, você já domina a arte do kendô.

- Obrigado aos dois! – Exclamou Soujiro que continuou: - Isso me lembra algo extremamente importante!

O velho entrou em sua cabana. Enquanto não voltava, Musashi retirou de um cordão de seu cantil a Fuji Mum que havíamos trazido do Monte Fuji. Katana saiu de sua cabana carregando um baú retangular de meio metro de comprimento.

Nós três nos sentamos no chão na clareira. Musashi entregou para Soujiro a Fuji Mum, esse o agradeceu e em seguida abriu o baú. E entregou para Miyamoto duas espadas e disse em seguida:

- Eu forjei duas espadas para você. Pois, durante esses meses aqui descobri que além de um exímio samurai você é um leal amigo, que tem honra, sinceridade e dever no coração.

- Muito obrigado. Sinto o mesmo por você, mestre Katana – Disse Musashi. Eu já estava pronto para levantar quando Soujiro retirou mais uma espada do baú e a esticou em minha direção:

- Flashback, forjei essa espada para você. – Segurei a arma com a mão direita e observei sua extensão. Ela era composta de uma lâmina fina e afiada. A base continha, na empunhadura, um dragão preto com a forma da letra S:

- Esse dragão é meu símbolo. O S é de Soujiro. Apenas uma autentica Katana apresenta o dragão. Esse presente é pela sua amizade, dedicação e por ter ido todos os dias até o alto do Monte Fuji me trazer uma flor para meu chá! Agora, olhe a lâmina! – Virei a espada que era muito leve e observei alguns kanjis escritos no metal, eles significavam: Guerreiro do Tempo.

- Muito obrigado, mestre Katana, nem sei como lhe agradecer. Realmente, não esperava essa espada... – Estava muito feliz, aquele havia sido um grande presente.

- Amigo – me interrompeu Miyamoto: - Peço permissão para terminar o treinamento do jovem em sua

terra, antes de me dirigir para a Ilha de Funashima.

- Permissão concedida, com a ressalva de me trazerem Fuji Mum todos os dias! – Rimos todos juntos. Em seguida, Soujiro voltou para sua cabana e Musashi olhou para mim e falou:

- Gostaria de lhe ensinar tudo que sei por isso tentarei prolongar ao máximo seu treinamento. É uma pena que terei de enfrentar Kojiro.

- Não há problema, irei com você. – Miyamoto olhou para o alto e fechou os olhos enquanto uma brisa de vento explodia em seu rosto:

- Você deve seguir para a direção oposta. Lá estará sua solução.

- Solução para quê?

- Você irá descobrir – respondeu o mestre, levantando-se e esticando as espadas em minha direção: - Eu utilizo a técnica de duas espadas, você vai conseguir me derrotar com apenas uma espada?

- Mas eu nunca lutei com uma arma dessas! – Exclamei, enquanto segurava minha espada com as duas mãos e apontava para ele.

- Que espada? Você está segurando um bastão de kendô.

Sorri. Tinha agora entendido que toda a base de luta de espadachins vinha da arte do kendô, assim, os meses treinando ali haviam sido muito bem direcionados.

Musashi me atacou com as duas espadas em um golpe direto. Saltei quase um metro para o alto e revidei. Ele se defendeu com as duas espadas. Encarei o mestre e ele me encarou. Senti que estava na reta final do treinamento.

18:39PM – 23/12/1612 - JAPÃO – TEMPLO KASUGA

Maldição! Caminhava há dias, talvez mais de um mês. Após o término de meu treinamento, Miyamoto Musashi seguiu seu caminho e me colocou na direção do meu suposto destino. Contudo, a caminhada parecia inacabável. Eu já me sentia mais maduro em relação às artes marciais e um tanto quanto mais confiante com meu futuro. Mas, por outro lado, um sentimento de que minha passagem no Japão feudal ainda não havia terminado me assombrava.

Tinham sido longas noites, muitos momentos de fome. Um tempo importante para conseguir organizar as ideias e esclarecer o futuro. Primeiramente, convenceria Aline Sakura a me ajudar, mostrando-lhe toda a verdade sobre o assassinato de sua família. Em seguida, destruiria a Fundação Sakura. Ainda não sabia como concretizar as duas missões, mas teria, antes de destruir o laboratório, descobrir como derrotar Aline.

Foi então que me deparei com uma longa escadaria. Após a travessia de um imenso arbusto me deparei com aquela escada. Bem no meio do meu caminho, surgia uma gigantesca escadaria branca. Com grandes degraus, que levavam até um templo verde, que eu mal conseguia visualizar tamanha a distância de onde eu estava até o topo da escada. Será que era ali o meu destino? Bom, teria de subir as escadas. Iniciei a subida e, após alguns lances, pude perceber que não seria fácil. No entanto, não desistiria.

Após uma longa jornada, escalando a gigantesca escadaria, enfim estava no topo. Meu tênis enlameado pisava sobre uma extensa plataforma, decorada com várias cerejeiras e via agora, sem dificuldade, o grande templo verde. Pilastras sustentavam o telhado em forma de cone. Sobre o telhado havia diversas fitas de seda nas cores preta e verde.

Ao fundo do templo, via-se o Monte Fuji. Estava entorpecido pelo aroma de cerejeira daquele local. Lembrei-me de Aline e senti que meu destino era abrir os olhos dela para a verdade. Precisava fazer isso!

Fui me aproximando do templo. O cheiro, o Monte Fuji e o local... Já havia estado ali antes! Podia me lembrar que, quando viajei dentro das memórias de Aline, estivera naquele local. Era ali que ela aprendera a arte dos Ofudas. Aprendido com o:

- Mestre Kido! – exclamei em voz alta. Musashi estava certo. Meu destino, naquele momento, era aprender a derrotar a arte da dominação dos Ofudas.

- Você me chamou?

Virei-me rapidamente em direção da voz. Quase enfartei. Era Mestre Kido, o mesmo que tinha treinado Aline quatrocentos anos no futuro. Ele vestia um kimono verde, era careca e devia ter por volta de quarenta anos.

- Eu lhe conheço? – Ele me questionou. Em resposta, me ajoelhei e estiquei minha espada em sua direção e me apresentei.

- Meu nome é Flashback, fui discípulo de Miyamoto Musashi e lhe procuro, pois necessito de sua ajuda. Ele se aproximou de mim e me observou dos pés à cabeça. Mestre Kido possuía um olho de cada cor, o direito era semelhante a uma Flor de Sakura e o esquerdo era azul como o céu.

- Noto que Soujiro Katana confeccionou uma espada para você. Isso é uma grande honra. Um homem digno de treinar com Musashi e ser abençoado com uma Katana é um guerreiro a ser lembrado – Mestre Kido tocou em meu ombro, e eu levantei: - No que posso lhe ser útil?

- Como faço para derrotar um Ofuda? – O mestre respirou fundo e sorriu: - Espere um momento.

Ele caminhou até a entrada do Templo Kasuga e desamarrou uma das fitas de cor preta e trouxe em minha direção. Em seguida, amarrou a fita no rabo do dragão que decorava o punhal de minha espada e explicou:

- Sua espada está protegida de um Ofuda de ataque por um Ofuda de defesa.

- É só isso? – perguntei incrédulo observando a grande fita preta que podia tocar ao chão, nela estavam pintados diversos kanjis de cor branca. Eram palavras de defesa e de proteção.

- Sim.

Não pude simplesmente sair dali. Fiquei observando mestre Kido por alguns instantes e ele também. Estávamos nos estudando. Foi então que ele se pronunciou:

- Desdobrador, não sou e nunca serei seu inimigo como outros de minha espécie.

- Outros de sua espécie? – Perguntei.

O monge sorriu e virou-se em direção ao templo e iniciou a caminhada até lá.

- Agora vá! Acho que está na hora de você usar seu poder. Quem sabe você não faz como a primavera?

Ele estava totalmente certo. Estava na hora de enfrentar novamente Aline Sakura, abrir seus olhos quanto a verdade e obter de uma vez por todas a confiança dela. Depois, pensaria nos inimigos citados por mestre Kido. URRÁ!

Capítulo 10

O valor da verdade

23:27PM – 08/05/2009 - BRASIL – PRAIA DO UNA

Era noite e eu estava encostado no muro do terreno baldio, ao lado da imensa goiabeira. Os pingos da chuva pesada estouravam em meu corpo, parecia que meu kimono ficaria encharcado em instantes. Empunhava em minha mão direita minha Katana e observava atentamente o desfecho de uma luta. Pelo menos um desfecho parcial.

Aline Sakura estava em pé ao lado do meu do passado. Ele estava caído no chão. Relembrei exatamente por quê. Cheguei até mesmo a sentir novamente a dor do raio transpassando meu ombro esquerdo. A garota colocou a lâmina de sua espada no pescoço do Guilherme do passado, que disse:

- Sabe Aline, enquanto você seguia o crápula do Henzo em direção a saída do Templo do Mestre Kido, ele me disse uma coisa... – Ele tomou fôlego estava agonizando: - Se ele tivesse o poder, te mostraria a realidade para então você florescer.

- Você mente! – Ela gritou. Aline estava brava e confusa. Pude notar esse comportamento melhor agora:

- Última palavra, desdoblador? – O questionamento foi feito e antes de dizer qualquer coisa o meu eu do passado me encarou. Ele observou minha forma, parecia confuso, mas voltando-se para Aline disse:

- Mestre Kido confia em sua bondade. E eu também. Pense nisso.

E mais rápido que um piscar de olhos ele havia sumido. Eu sabia que caminho tinha tomado após esse momento, que parecia ter ocorrido há anos. Mas para Aline Sakura aquele era o único e cruel presente.

Observei-a por mais alguns instantes, ela parecia transtornada. Se pudesse ler sua mente, teria certeza que ela pensava nas palavras sobre Henzo ser um crápula, ser o assassino de seus pais e principalmente sobre mestre Kido. Já que na minha visita, em sua mente, ela havia mostrado grande apreço ao monge. De qualquer forma, eu deveria entrar em cena:

- Aline Sakura, ou melhor, Aline Kenji. Voltei para conversar com você.

Ela me olhou, com aqueles olhos verdes estonteantes. Seu rosto estava cheio de lágrimas e ela parecia mais confusa do que nunca. Meus olhos se encontraram com os dela e novamente o sentimento mais doce de todos tomou conta de mim.

- Você... – ela disse com dificuldade: - Não deveria ter voltado... – e respirando com dificuldade continuou: - Você mente, é sujo e cruel. – seu sotaque parecia mais aguçado do que nunca: - Entra dentro da minha memória e me faz confusão!

- Eu só falei o que eu vi. O Desdobrador não sabe criar mundos paralelos, se você permitir quero lhe levar para ver passo a passo o que aconteceu com você. As mentiras serão esclarecidas.

- Saia daqui, Guilherme – e apontando a espada para mim, prosseguiu: - Se não sair agora, eu vou lhe matar. – A voz de Aline tremia, seu corpo todo tremia. Ela estava em dúvida e isso era bom para mim.

- A chance de me matar você perdeu há um minuto. – Apontei na direção dela a minha Katana e continuei: - Agora, estou preparado para você.

Aline veio correndo em minha direção, levantou sua espada sobre seu ombro e tentou me acertar na altura do pescoço. Defendi-me com facilidade e movendo rapidamente minha Katana fiz com que ela abaixasse a guarda, deixando seu rosto desprotegido e aproveitando-me da situação empurrei seu rosto com minha mão esquerda.

Ela deu um passo para trás e movendo sua espada com velocidade transferiu um golpe na direção de meu coração. Contudo, defendi-me novamente com a Katana e forcei sua espada a obrigando a segurá-la com as duas mãos. A garota fazia muita força e me encarava direto nos olhos.

- O que aconteceu com você?

- Treinei com Miyamoto Musashi. Essa espada é uma Katana, forjada pelo próprio Soujiro Katana. – Forcei minha espada em direção a garota, ela abriu os braços, em razão da pressão e aproveitando-me do momento chutei sua barriga. Aline deu alguns passos para trás.

- Você...

- Eu poderia derrotá-la, mas não quero isso. Quero que você me dê um voto de confiança.

- MENTIROSO!

A garota então retirou de dentro da larga manga de seu kimono preto um pedaço de pano verde em que estavam desenhados alguns kanjis de nanquim preto. Ela atirou o pedaço de pano para cima e gritou:

- Pelo Templo de Kasuga! Ofuda da Tormenta! Conjuro-te!

Sua espada atingiu em cheio o Ofuda da Tormenta. Agora é a hora da verdade, mestre Kido. Pensei, enquanto um golpe de ar havia sido criado pela ponta da espada de Aline. Pude ver os pingos de água serem arrastados pelo vento. Era um flashback e tanto!

Movi minha Katana em alta velocidade, meu objetivo era fatiar aquele turbilhão de ar. Quando a lâmina de minha espada atingiu e transpassou a Tormenta, o vento cessou e os pingos de água que estavam sendo arrastados estouraram no chão.

- COMO?

- Simples... – Respondi levantando minha espada e mostrando para Aline a fita preta amarrada no punhal de minha arma:

- Também visitei o mestre Kido.

Seus olhos arregalaram. Ela abaixou a espada e colocou a mão em sua testa. A ponta de sua arma tocava a terra batida daquele terreno. Estava incrédula.

- Seu mestre sabe que você está tomando o caminho errado. Escute Aline!

Porém, a garota havia retirado mais um Ofuda de sua manga. Ela atirou o pedaço de pano para cima e

antes de cravar sua espada com toda sua força no Ofuda exclamou:

- Pelo Templo de Kasuga! Ofuda do Trovão! Conjuro-te!

Mais um trovão estourou naquela noite e um raio voou em direção a meu coração. Coloquei a Katana em frente do meu peito. E o raio foi absorvido pela espada. Estava sem nenhum arranhão. Respirei fundo e coloquei a espada na faixa de meu kimono cinza.

- Vou parar de lutar. Não vale a pena. Preciso que você acredite em mim e não só para ter você como aliada, mas preciso de sua confiança. A verdade tem um valor inestimável. E preciso que você acredite em mim.

- Mas...

- Acabou o “mas”. Mestre Kido disse que se tivesse o meu poder lhe mostraria a realidade. Quer uma prova? Olhe a faixa em minha espada. – Mostrei para ela a faixa preta e continuei: - Fui até o Templo de Kasuga, conversei com Kido! Agora me dê credibilidade.

- Minha vida toda...

- Você foi enganada sua vida toda. Eu vi na sua mente, você sabe que entrei em sua mente... Você deve ter sentido isso também. Venha comigo! Só preciso lhe mostrar uma única cena! – Olhei para o alto: “Deuses me ajudem!”, pensei com toda minha força.

- Confie em mim! Gosto de você, sempre gostei... Quero o seu bem!

Aline Sakura olhou em meus olhos. Ela acelerava meu coração e virava meus olhos. Se ela confiasse, poderia mudar totalmente a visão que ela havia de mim. A garota colocou sua espada na faixa de seu kimono preto e falou:

- Uma única chance. E faço isso por Kido, não por você.

Corri em sua direção e fiquei ao seu lado. Meu coração saía pela boca. Senti o perfume de cereja que vinha dela e sorri. Coloquei a mão direita em seu ombro e senti que ela tremia. Eu também tremia. Desci minha mão pelo seu braço e segurei sua mão.

- Você vai ter que se segurar! URRÁ!

02:54AM – 06/03/1995 - JAPÃO – TÓQUIO

Segurei-me com força na barra de metal. Meu corpo balançava e o de Aline também:

- Vou levá-la para cima!

Levantei Aline com minha mão direita, empregando toda minha resistência. Ela precisava se segurar na barra de metal da janela. Agarrei-me em duas barras com as mãos e ela fez o mesmo. Nosso corpo estava suspenso a uns oito metros do chão, apenas com a força de nossos braços. Olhei para ela, estávamos ofegantes.

- Olhe por essa janela e veja a verdade. – Nós dois nos apertamos para olhar pela pequenina janela.

A luz do quarto se acendeu. Olhávamos o quarto minúsculo em que os pais de Aline viviam no Laboratório Sakura. Seu pai caminhou até o berço e disse:

- Temos que tirar Aline daqui! – Ele segurava um bebê, enrolado em um cobertor verde.

- Flashback, virá nos ajudar. Ele disse que viria... – Retrucou a doutora Kenji, sentada na cama.

- Você não escutou os tiros, mulher? Ele pode estar ferido! – Enquanto os dois se movimentavam pelo quarto, Aline me perguntou:

- Aqui é o Laboratório Sakura? Nós estamos em Tóquio?

- Sim. Em 1995, para ser exato. Esses são seus pais, Aline. E aquele bebê é você – Ela olhou para ela mesma e respirou fundo, disposta a acreditar. Eu podia sentir.

A porta do quarto abriu-se rispidamente e entrou o meu eu do passado. Vestia a roupa rosa de paciente de hospital. Aline olhou para ele e para mim, apenas movi cabeça alertando-a para prestar atenção.

- Doutor Sussumu! Entre aqui! – Quando seu Sussumu usando um jaleco e óculos entrou em cena, Aline me perguntou com os olhos voltados para o homem:

- Sussumu... O avô de Luís? Que te ajudou hoje cedo a escapar naquela Brasília marrom? – Movi a cabeça de modo afirmativo, enquanto escutava o meu eu do passado:

- O plano é o seguinte: levo vocês dois e o neném para o Tibete, em seguida, volto para buscar Sussumu.

- Não, Flashback! Eles já sabem que você está solto! Você tem de sair daqui! – Exclamou o pai de Aline.

- Então, levo pelo menos a doutora Kenji e a bebê – Barganhou o meu eu do passado.

- Você tem de se salvar, Flashback! Fuja daqui! Esse era o objetivo!

Sussumu berrou e Aline olhou para mim com os olhos arregalados. Ela começava a entender. O Flashback do passado estava se aproximando da doutora Kenji e do bebê, quando a porta do quarto se espatifou.

Eu e Aline cerramos nossos olhos, em razão do clarão. Quando abrimos, observamos Sussumu estirado ao chão, próximo ao criado-mudo, e o meu eu do passado em pé á frente do casal Kenji.

Foi então que cortando a poeira surgiu Henzo com seus óculos de grau enormes e um revólver calibre 38. Sem piedade, ele alvejou meu eu do passado na barriga e ao mesmo tempo as duas Alines começaram a chorar. Ela começava a acreditar em mim. Henzo então exclamou:

- Um Desdobrador sempre quebra as regras. Sempre! E mesmo em tão pouco tempo aqui, você já conseguiu converter três para o seu lado. Depois de tanto trabalho... Tudo desperdiçado. Vou matá-lo! Você é uma aberração!

Henzo apontou a arma para a cabeça de Flashback do passado. Então doutor Kenji levantou para chutar a arma, me lembrei do tiro errôneo. Com a perna esquerda, empurrei Aline de perto da janela e afastei minha cabeça dali. Uma bala então atravessou a pequenina janela e foi em direção a um prédio que se localizava do outro lado da rua. Com grande dificuldade, eu e Aline conseguimos voltar para a posição anterior.

- Desculpe, me esqueci desse tiro.

- Você salvou minha vida... – Disse ela assustada, enquanto se esgueirava para observar o restante da cena. Estavam se enrolando numa luta doutor Kenji e Henzo. A doutora gritou:

- Sussumu! Tire Flashback daqui!

- Mas e vocês? – Gritou o homem, agarrando-se ao meu eu do passado.

- Estamos condenados! Salve o garoto!

Os olhos de Aline, carregados de lágrimas, foi quando o Flashback do passado falou quase sem forças:

- Me perdoe... Eu não...

- Vá, Flashback! – Exclamou a doutora Kenji.

Sussumu e o meu eu do passado desapareceram. Henzo ficou confuso com meu sumiço e o pai de Aline começou a gargalhar, ele parecia satisfeito:

- Henzo, ele é um Desdobrador Temporal. Você realmente achou que ia conseguir mantê-lo fixado?

Enquanto Henzo dialogava com a família Kenji eu me perguntava se existiria mesmo a necessidade de Aline ver a morte de seus pais. Não queria traumatizá-la, ela não merecia isso. Já estava mais do que claro que sua vida tinha sido uma farsa e isso já era impactante o suficiente. Estiquei minha mão e coloquei nas costas de Aline e disse:

- Já é o suficiente não é mesmo?

- Eu preciso ver... Preciso ver Henzo fazendo isso, ele vai assinar a sentença de morte dele, se tiver matado de fato os meus pais.

- Quem deve escolher o próprio caminho é cada um de nós independente se somos desdobradores ou não.

– Retrucou o pai de Aline, chamando nossa atenção. Henzo carregou a pistola e disse:

- Você escolheu morrer.

- Antes morrer do que ser corrompido por uma ideia tão desumana e brutal como prender uma criança!

A bala foi disparada. Doutor Kenji estava morto. As Alines começaram a chorar novamente, a doutora ajoelhou-se ao lado de seu marido e começou a chorar.

- Henzo! Você é um assassino! – Gritou a mulher.

- Doutora, vocês pediram por isso. Traíram a Família. A Família Sakura!

- Isso é só uma Fundação idiota que visa ganhar dinheiro em cima do sofrimento de uma criança! Deixe de ser ridículo!

Não demorou e o segundo tiro foi disparado. O corpo da mãe de Aline estava estirado sobre seu pai. Henzo segurou a bebê no colo. E eu apertei a mão de Aline que estava agarrada à barra. Precisava tirá-la dali.

16:34PM – 13/08/2005 - FRANÇA – PARIS

Abri meus olhos e senti um vento agradável. Sentava ao lado de Aline, às margens do rio Senna em Paris, em um dia quente de verão. Meu tênis, próximo das águas do rio. Fiquei em silêncio por um bom tempo até ela se acalmar. Tinha sido um longo dia para Aline e as lágrimas não paravam de brotar.

Observei no horizonte a Torre Eiffel, que entrava em contraste com o entardecer. Lugar lindo. Talvez o ambiente necessário para Aline refletir sobre o que tinha passado. Após um tempo, ela disse:

- Minha vida toda foi uma farsa! Vivi todos esses anos alimentando um ódio mortal por você... – e levantando seus braços para o alto continuou: - E você nunca fez nada. Meus pais lhe protegiam. Eles foram mortos pelo meu mestre. O homem que me criou. Eu odeio Henzo.

- Aline, você não tinha como saber...

- Sei disso, mas agora que descobri, vou destruir Henzo e todo aquele laboratório maldito! – Ficamos em

silêncio apenas observando o fluxo da água até que ela falou:

- Meus pais morreram para lhe salvar, eles abdicaram da vida deles por você. Agora consigo ver como você é especial... – a garota olhou a Torre Eiffel e novamente para mim: - Brasil, Japão e agora a França, tudo em menos de meia hora! Consigo entender que você não nasceu para ser fixado. A liberdade combina com você.

- Fico feliz que você pense assim..

Ela colocou suas mãos na cabeça e tampou seus olhos:

- Como fui idiota... Fazia tudo pela Família Sakura! Fiz coisas horríveis.

- Senador Tetsuo? E minha família? – Quando falei dos assassinatos ela me olhou com os olhos cheios de lágrimas e respondeu:

- Não toquei em sua família... Henzo fez tudo, eu o abandonei no meio da operação para esperá-lo no terreno baldio, de alguma forma sabia que você ia acabar parando ali. – A garota segurou em minha mão e continuou:

- Me perdoe por ter dito aquelas atrocidades de sua família quando começamos nossa luta, só queria lhe irritar... – Ela então colocou minha mão em sua testa e prosseguiu: - Entre na minha mente e veja que não estou mentindo. Não toquei em sua família. Minha luta não era com eles, e sim com você, foi o que eu disse para Henzo.

Senti um vento agradável cortando o ar. Já havia passado muita coisa desde aquele dia, daria um voto de confiança a Aline. Ela precisava sentir que confiava nela:

- Acredito. Não preciso entrar em suas memórias. – A garota soltou minha mão e agradeceu:

- Você acredita em mim... E agora acredito em você. Flashback, obrigada por ter me mostrado a verdade. – Ela juntou as mãos e abaixou a cabeça, agradecendo-me novamente. Em seguida, encarou as águas do rio e perguntou:

- E agora? Sou órfã novamente... Nem tenho para onde voltar... Junto de Henzo não volto mais... – Ela olhou para mim e questionou: - Você também não tem para onde voltar, não é mesmo?

- Na verdade, tenho uma espécie de casa. Você vai vir comigo. Preciso de você.

Ela ficou em silêncio me encarando. Já imaginava sua próxima pergunta. Antes mesmo que ela a fizesse, respondi de modo sério:

- Temos de destruir o Laboratório Sakura. Juntos. – Segurei a mão esquerda de Aline e sorri, iríamos para casa. URRÁ!

Capítulo 11

Como vencê-los?

11:10AM – 08/11/2009 - OCEANO PACÍFICO – FLASH-02

Antes mesmo de abrir meus olhos escutei o barulho de passos pisando em metal. Estávamos protegidos na base. Encarei Aline que olhava assustada para o corredor de metal que circundava toda a Flash-02.

- Está é a minha base, a minha nova casa.

Caminhamos por toda a extensão do corredor, até chegarmos à cozinha. Lá estavam Pimenta, as duas versões de Luís, assim como os dois Sussumus. Todos abriram um grande sorriso ao me verem. E se mostraram surpresos ao encararem Aline:

- Esta é Aline Sakura, ela irá morar aqui conosco.

- Prazer, doutor Luís. Esse é meu avô seu Sussumu.

- Ele é eu daqui alguns anos. – Completou o jovem Luís, que levantou a mão saudando a garota.

- Eu sou Pimenta! – Aline o cumprimentou assustada. Afinal, Pimenta era o encrenqueiro da escola.

- Agora sentem! – Disse o Sussumu do ano de 2009, trazendo em uma grande travessa, arroz e peixe grelhado.

Eu e Aline nos sentamos em dois bancos ali posicionados ao redor do balcão. Doutor Luís nos trouxe pratos, copos, garfos e facas. Servimo-nos de uma porção de peixe e arroz, e bebemos um copo de água, enquanto comíamos, conversávamos:

- Eu pescava esses... Mas o gosto... – E abocanhando um grande pedaço Pimenta concluiu: - Esse é mil vezes melhor!

- Realmente, é um bom peixe! - disse o jovem Luís lambendo os beiços. Lembrei-me de seu hálito mal cheiroso e logo associei com a refeição que estávamos fazendo. Sorri, discretamente. Estava feliz, tinha treinado muito e agora almoçava ao lado de minha nova família e da garota dos meus sonhos.

- Essa sua espada... Como você conseguiu, Guilherme? – Perguntou o garoto.

- Então, Luís... Koujiro Katana a fez especialmente para mim! Fiquei muito surpreso, pois era apenas o

aprendiz de Miyamoto.

- Musashi? – Perguntou o velho Sussumu balançando em sua cadeira de rodas.
- Sim. Eu o encontrei, treinei e voltei a tempo de abrir os olhos de Aline – A garota sorriu discretamente, enquanto tomava um gole de água. Ela parecia envergonhada.
- Você viu quem matou seus pais? – Questionou seu Sussumu de 2009.
- Agora, percebi o quanto fui enganada – Mexendo com o garfo em uma porção de arroz, ela continuou:
- Vou destruir Henzo! – Ficamos em silêncio, mas este foi quebrado pelo Pimenta:
- Pulgas coçam menos que mato verde escuro! Coça muito!

Todos riram da constatação. Pimenta também sorriu por debaixo de sua barba vermelha que ocupava todo o rosto.

- Busquei Pimenta no período jurássico. Ele não merecia ter aquele fim... Mas foi uma lição e tanto... Ele tem meu sincero pedido de desculpas.

Pimenta sorriu e esticou sua mão calejada na minha direção me cumprimentando. E voltando para Aline, prosseguiu:

- Acho que você se lembra do dia em que me encontrei com os Pimentas.
- Sim, foi hoje pela manhã... Ou melhor... Ontem? – Ela coçou a cabeça em dúvida.
- Ninguém sabe... – Respondeu doutor Luís para que todos rissem.
- A propósito, levarei vocês para 2031, após o almoço.
- Iremos com prazer. Eu e Luís. – respondeu o velho Sussumu.
- Vou ficar! Já decidi! – Exclamou Pimenta, sorrindo.
- Sério? – Perguntou o jovem Luís, mostrando certo desânimo. Novamente, todos riram.
- Mas, afinal de contas, qual é seu plano? – Perguntou doutor Luís.
- Como explodir Sakura? – Questionou seu Sussumu de 2009.

Fiquei pensando por momentos. Em minha conversa com Einstein sobre a linha temporal. No diário de Gordon. Nas palavras do meu eu do futuro. Foi então que soube o que faria:

- Vou atacar o Laboratório Sakura em 2009. Assim não altero a linha temporal, mexerei no meu tempo, em minha linha do tempo, no meu destino – Todos concordaram até mesmo o pequeno Luís, menos Pimenta que não prestava atenção, pois lambia a espinha do peixe.
- E como entraremos lá? – Questionou o jovem seu Sussumu. Olhei para Aline que tossiu. Ela pensou por instantes e falou:
- Como vocês podem imaginar, existem guardas no laboratório, mas nada muito importante. Nada que eu e Guilherme não daremos conta. – Ela me olhou e eu a encarei e sorri. Ela confiava em mim:
- Como a intenção é destruir o Laboratório, talvez o uso de explosivos possa ser considerado. O que acham? – Perguntei encarando Seu Sussumu. Ele sabia o que eu estava falando:
- Barco! O barco de dinamite! Eu explodir o diabo! – Gritou o velho dando um soco no ar. Nós estávamos nos referindo ao barco atolado que havia sido desdobrado até a Flash-02.
- Então, enquanto eu e Aline entramos no Laboratório, Sussumu preparava a dinamite no subsolo!
- O problema... – começou a garota, colocando as mãos na cabeça - São os policiais! Mister Sakura com

um telefonema vai conseguir contatar todo o esquadrão de Tóquio.

- Precisamos de alguém que nos dê cobertura... – Foi então que pensei no prédio, aquele edifício na frente do laboratório, onde espionei minha morte em 1995, ali seria um local ideal para alguém ficar na retaguarda, alguém com um...:

- Tanque!

- O quê? – Todos se assustaram.

- Vou me desdobrar até alguma base militar, trazer um tanque de guerra e posicioná-lo no alto do edifício à frente do Laboratório Sakura! Daí, quando surgirem as viaturas, quem estiver no tanque explode os carros da polícia!

- Nós ficamo! – Gritou Pimenta abraçando o jovem Luís. Era uma excelente ideia os dois ficarem na retaguarda.

- Essa ideia é muito boa, porque tem a rua que se localiza frente ao prédio do Sakura que é a única via de acesso para os carros! – Exclamou seu Sussumu de 2009.

- O que vocês vão encontrar ao entrar no Laboratório? – Doutor Luís perguntou para Aline:

- Bem, entrando pela porta principal, encontramos o saguão de entrada, onde se localizam a maior parte dos seguranças. O próximo passo será acessar o elevador, muito provavelmente Mister Sakura e Henzo estarão no penúltimo andar, onde também se localiza...

- O laboratório de redistribuição energética. – completou seu Sussumu de meu tempo, que prosseguiu: - E o último andar, ou cobertura, é a sala de mister Sakura.

- Nós vamos entrar nessa sala e queimar todos os documentos do Laboratório Sakura. – Concluí.

- Mas se meu avô vai explodir o prédio, por que queimar esses documentos? Tudo já será resolvido com a explosão!

- Calma lá! – interrompeu a versão mais jovem de Sussumu: - Nem sempre uma explosão queima tudo.

- Exato – prosseguiu: - Seremos detalhistas, queimaremos cada pedaço, cada grão! Vamos tirar o Laboratório Sakura do mapa.

- O Henzo é meu – falou Aline que continuou: - Os dois... Vou derrotar os dois Henzos...

- Dois?! – Todos exclamaram incrédulos de dentro da cozinha.

- O Henzo que trouxe o Flashback em 1995 e o Henzo de 2009. Diferença de idade de catorze anos entre um e outro. – Respondeu a garota.

É verdade, até então não tinha pensado nisso. Existiam dois Henzos em 2009. O mais velho tinha vindo junto com o meu eu do passado para 1995, ano em que o outro Flashback morreu. Já o Henzo mais novo era o suposto pai de Aline quando morávamos na Praia do Una.

- Então é isso! Eu e Aline entramos no laboratório, Sussumu prepara as dinamites no subsolo do edifício e Pimenta junto com Luís ficam no tanque de guerra.

- Esse é um excelente plano! Meus parabéns. Espero que dê certo – disse a versão mais velha de Sussumu que prosseguiu: - Entretanto gostaria de voltar para meu tempo, sinto que estamos há muitos dias aqui na Flash-02.

Concordei com a cabeça. Após o almoço, depois de algumas despedidas, estavam sobre a caçamba do Zis-5 doutor Luís e o velho Sussumu sentado em sua cadeira de rodas. Fiquei na cabine do motorista, segurando a direção. Olhei pelo vidro e observei Aline ao lado do jovem Luís, Pimenta e de seu

Sussumu. Eles mostrariam para ela os novos aposentos. Sorri para Sakura e ela fez o mesmo. Encarei a parede de metal da gigantesca garagem que era o quarto seis. Minha cabeça pareceu que ia explodir quando espremi com força o volante. Iríamos pro futuro. URRÁ!

14:06PM – 11/11/2031 – OCEANO PACÍFICO – FLASH-01

Abri os olhos com dificuldade. Parecia que tinha corrido uma maratona. Me sentia exausto. Observei a garagem ampla do quarto seis, exatamente igual à construída em 2009. Abri a porta do caminhão e auxiliiei na descida de seu Sussumu da caçamba do Zis-5. Quando as rodas da cadeira tocaram o chão, escutei Luís exclamar:

- Nossa... Cacos de vidro da mesa!

- É a mesa que quebrei. Estamos em 2031, exatamente no dia em que partimos daqui para 2009.

- Impressionante. – disse Sussumu que pediu: - Pegue a mala roxa e a mala preta no quarto três. Vá!

Luís saiu em disparada em direção ao corredor. Sussumu solicitou que eu me aproximasse. Obedeci e fiquei agachado próximo a ele:

- Essa espada que você carrega. Essa habilidade que você formou. Sinto que está mais do que pronto. Sinto que dará tudo certo... – com os olhos marejados, ele concluiu: - Sinto que você é um herói.

- Obrigado. – abracei o senhor naquela cadeira e lembrei: - Nada disso seria possível sem o senhor, seu Sussumu. Obrigado mesmo. – Sorri. Era sincero. Sem a ajuda dos meus amigos do futuro e no meu presente eu provavelmente estaria morto.

- Aqui está! – Gritou Luís, entrando no quarto seis. Segurei as duas sacolas e as transpassei nas costas, por um cordão que as prendia, uma era de cor preta e a outra, roxa.

- Acho que vai gostar. Você e sua amiga – Disse seu Sussumu. Agradei os dois novamente e fechei os olhos.

- Nos vemos pelas dobras temporais. URRÁ!

00:48AM – 30/05/2005 – ISRAEL – TEL AVIV

Antes mesmo de abrir os olhos agachei. Estava nas entranhas de uma base militar do exército de Israel. As luzes do galpão estavam apagadas. Podia sentir o cheiro de pólvora. Dei um tempo para minhas pupilas se adequarem à luz do lugar.

Em pouco tempo, observava as formas daquele lugar. A luz da lua cheia entrava por pequeninas janelas dispostas pelo galpão. Caminhei por entre os veículos. Jeeps e caminhões. Foi então que encontrei o que procurava.

Era um Sabra. Um tanque de guerra desenvolvido pela indústria militar israelense. Observei o longo canhão, o alcance dele deveria ser de mais ou menos 5 km. E também encarei a metralhadora: uma arma totalmente blindada com aço laminado.

Toquei naquele veículo de cor marrom escura. Pimenta e Luís estariam muito bem servidos. Fechei os

olhos. Iríamos para a batalha. Após me concentrar bastante berrei: - URRÁ!

12:09AM – 08/11/2009 - OCEANO PACÍFICO – FLASH-02

Abri meus olhos e observei aquela garagem familiar. Respirei fundo. Desdobrar um tanque de guerra era mais difícil do que imaginava. Olhei para aquela máquina. Iríamos esmagar mister Sakura.

- Nossa! – exclamou Luís se aproximando de mim e do Sabra: - Isso é inacreditável.

- É uma arma e tanto!

- Não só isso – disse ele olhando para mim enquanto passava a mão sobre o veículo: - A sua habilidade. As coisas que você faz.

- Obrigado. Não lhe contei nada antes, porque não sabia. Foi tudo muito rápido. – Observei Luís que vestia o nosso uniforme da escola, ele tinha ainda aquele cabelo em forma de bacia.

- Meu avô me explicou tudo. Não sei como você está vivendo.

- Na verdade, nem eu sei ao certo. Está tudo muito louco.

- A Aline está no quarto três.

- Vou vê-la. Mas antes... – me aproximei de Luís e lhe dei um forte abraço, senti seu hálito de peixe, mas não me importei: - Senti sua falta amigo. O melhor amigo. Obrigado por me ajudar tanto.

Depois de dar o abraço o encarei. Ele parecia feliz. No entanto, o momento foi interrompido com Pimenta que havia entrado no quarto seis e estava berrando e batendo em seu peito.

- MASTODONTE! MUITO ANIMAL!

O homem das cavernas saiu correndo e saltou sobre o tanque de guerra e começou a fuçar na portinhola acima para entrar na máquina. Luís o observou e disse para mim:

- Vá ver Aline, eu cuido dele.

Assenti com a cabeça e caminhei pelo corredor circular até encontrar o quarto três. Ao entrar, senti o aroma de cereja, “que cheiro delicioso”, sorri. Aline estava sentada sobre a cama vestida com uma roupa de hospital e secando seu cabelo. Tossi para chamar sua atenção.

- Olá! – ela disse quando me viu: - Vejo que já fez tudo que tinha que fazer.

- Sim, fiz. Bonito traje! – ela olhou para mim e sorriu. E disse:

- Era a única coisa pra vestir que acharam aqui. Minha roupa está lavando, parece que aqui a máquina de lavar louça, também lava roupa... E seca! Veio do futuro, né?

Nós dois rimos. Sentei na poltrona acinzentada ao lado da porta e observei o quarto, sobre a pequena mesa de vidro ao lado da cama estava a espada de Aline e diversos Ofudas. Enquanto isso, ela me olhava sentada na cama. Foi então que me lembrei da sacola!

- Isso aqui! É seu! – Retirei a mochila roxa das costas e a joguei na direção de Aline que a segurou e abriu.

- Nossa... – E esticando sobre a cama para eu poder ver ela me mostrou um lindo kimono feminino de cor preta, onde nas longas mangas e na frente estavam desenhadas pequenas flores de sakura. Ela sorriu ao olhar a vestimenta e falou:

- É para eu vestir? Gostei das flores de cerejeira. – Ela então entrou em uma pequena porta em frente de sua cama e alguns instantes depois saiu do banheiro trajando o kimono. Ela estava estonteante.

Aline caminhou até a pequena mesa de vidro em seu quarto e prendeu o cabelo com um pauzinho de madeira. Ela então se virou para mim e perguntou:

- Como estou?

- Maravilhosa... Gostei do cabelo! – Ela tinha feito um penteado, com duas mechas de seu cabelo liso, que escorriam ao lado de seu rosto, salientando ainda mais seus olhos verdes.

- Também gostei do seu cabelo! – Aline disse rindo. Coloquei a mão sobre minha cabeça e senti que meus meses em treinamento tinham me produzido uma longa cabeleira. O cabelo tinha já alcançando o pescoço.

- Nossa! Nem tinha reparado! – Eu ri, e ela riu em seguida.

- Obrigada Guilherme... Muito obrigada.

- Não precisa agradecer... – falei me levantando e indo até a porta: - Só me ajude a destruir aquele laboratório maldito!

- Pode deixar! – Ela disse quando eu já estava do lado de fora de seu quarto.

Caminhei pelo corredor circular até encontrar a porta de metal em que estava posicionada uma placa com os dizeres: FLASHBACK. Entrei em meu quarto e me sentei na cama. Observei alguns de meus pertences na pequena mesa de vidro, meu mp4, o cubo de 2031, o uniforme da escola passado e dobrado, o skate, a mala xadrez, o relógio do Homem-Aranha e o capacete da Segunda Guerra Mundial.

Encarei a poltrona ao lado da porta e lembrei-me de Déjà vú, o coelho rosa. O que era ele? Quem era ele? Será que Flashback de 2017 tinha realmente dado conta dele?

Tirei o kimono e o larguei sobre a poltrona, ao lado de minha Katana. Arranquei o tênis e a cueca. Entrei no pequeno banheiro apenas com as medalhinhas de Francis Gordon no pescoço. Tomei um banho quente. Contudo, por causa do tamanho minúsculo do banheiro, molhei o assento sanitário.

Após sair do chuveiro e me enxugar, encarei a pequena mochila preta que doutor Luís havia me dado. Abri e retirei de dentro dela, a princípio, uma cueca de meu tamanho. Que ótimo, eles deram para Aline um kimono novo e para mim, cuecas.

Estava enganado. Retirei da pequena sacola um macacão preto, semelhante ao de um motoqueiro, totalmente reforçado nas articulações. Vesti a cueca e em seguida meu uniforme. Corri para o banheiro encharcado e subi sobre o vaso para me observar em um pequeno espelho sobre a pia.

Ele tinha sido feito para mim, comprimento perfeito e reforçado nos cotovelos, joelhos e nas costas. Era muito legal. Corri em direção ao quarto, e quase trombei com seu Sussumu. Ele carregava uma sacola de palha e parecia estar me esperando sair do banheiro. O velho pescador sentou-se na poltrona e falou:

- Achei coisas que podem ser úteis.

Sua mão buscou algo dentro da sacola e entregou para mim um coturno. Vesti a bota. O cano alto alcançou meus tornozelos. Em seguida, ele me entregou um par de luvas de couro também pretas, eu as vesti. Por fim, o porta-espada, também preto, que coloquei nas costas e encaixei a minha Katana nele. Parecia estar pronto.

- Guilherme? – Disse uma voz do lado de fora do quarto.

- Pode entrar.

Aline entrou no quarto e me observou. Eu também a observei. Ela usava o kimono de cerejas, um pequeno tamanco preto e carregava sua espada no porta-espada posicionado nas costas como o meu. Ela sorriu ao me ver e se aproximou de mim. Com um elástico, prendeu meu cabelo para o alto, fazendo um rabicho, semelhante ao de um grande samurai. Eu ri, e ela também.

- Vocês parecem estar prontos! – Exclamou Sussumu.

- Creio que... – Contudo antes de concluir minha frase um estrondo ecoou-se pela Flash-02. Nós corremos em direção ao barulho. Era o quarto seis.

Entramos na garagem e encontramos Luís berrando com Pimenta que saía de dentro do Sabra. O homem das cavernas estava sem camisa, apenas usando uma calça jeans, descalço, com uma lança presa em suas costas.

- Você disparou na base!

Olhamos para onde o jovem Luís apontava, Pimenta tinha estourado a parede do quarto seis com uma bala do tanque de guerra. Ele se defendeu:

- Estava treinando!

- Ridículo! Você vai assim para a batalha? – Perguntou o garoto.

- Isso é traje de guerra! – Gritou Pimenta batendo no peito como o Tarzan.

Luís usava uma vestimenta semelhante a minha. O macacão dele era marrom e o coturno, também. Seu Sussumu interrompeu a discussão:

- As dinamites estão aqui! – Apontou para a sacola de palha que carregava e continuou: - Vocês estão prontos! Não é mesmo?

- Sim – respondi. E questionei: - Vocês também estão?

- Estou com os Ofudas – Respondeu Aline.

- Já aprendemos a mexer no Sabra. – Luís completou. E Pimenta só saltou sobre o veículo e bateu em seu peito como se estivesse gritando.

- Só mais uma coisa... – seu Sussumu baixou seu chapéu e retirou de dentro dele cinco Fones Bluetooth e concluiu: - Walkie talkie do futuro... Não é? Sussumu deu a Sussumu.

Eu, Aline, Luís, Pimenta e o próprio Sussumu colocamos os fones em nossas orelhas esquerdas. E os ligamos. Quando o homem das cavernas gritou e bateu no peito pareceu que meus miolos iam desintegrar. Estavam funcionando.

- Boa sorte a todos! Espero que dê tudo certo!

- Que a missão Sakura se inicie! – Exclamei.

Luís deu um abraço em seu avô. Enquanto Pimenta entrava no Sabra. Aline com um salto subiu sobre o tanque e fiz o mesmo. Auxiliei Luís a subir no veículo e ele se posicionou com Pimenta no interior da máquina. O velho pescador apenas apoiou sua mão na grande esteira sobre as rodas. Coloquei minha mão sobre o canhão do Sabra. Estávamos indo para a batalha. Agora era a hora. Iríamos enfim enfrentar o Laboratório Sakura. URRÁ!

Capítulo 12

A missão Sakura

23:32PM – 08/11/2009 - JAPÃO – TÓQUIO

Senti calor. Abri os olhos e vi as estrelas. Era uma noite abafada em Tóquio. Olhei ao redor, estávamos sobre o prédio diante do Laboratório Sakura. Saltei sobre o telhado do edifício e escutei o barulho de ratos. As ratazanas continuavam por ali. Seu Sussumu encarava os ratos próximos a seu pé. Toquei em seu ombro e sorri. Aline então saltou e posicionou-se ao meu lado, pelo Fone Bluetooth escutei Luís dizer:

- É uma linda noite! Boa sorte a todos!

O canhão do Sabra então se moveu, e fez com que sua mira apontasse para a rua embaixo. Notava-se a extensão de sua arma principal passando sobre o parapeito do prédio, o mesmo parapeito em que eu estava posicionado quando encarei a minha morte e vi pela primeira vez o coelho rosa, em 1995.

- Cobertura pronta pra derreter! – Exclamou Pimenta, animado, pelo fone. Sorri para Aline e ela fez o mesmo. Segurei em sua mão. Senti Sussumu tocar em meu ombro. URRÁ!

23:33PM – 08/11/2009 - JAPÃO – TÓQUIO

Luz apagada. O velho então ligou uma pequena lanterna e apontou o foco. Estávamos na garagem, no subsolo do Laboratório Sakura. Ele encarava algumas vigas:

- A dinamite vai ser suficiente. Vou explodir os alicerces principais.

- Copiado, avô! – Disse Luís pelo fone. Falei:

- Antes de explodir aqui embaixo me chame pelo rádio para eu tirá-lo daqui!

- Ah! – O velho exclamou. Após um tempo mexendo em sua sacola, ele me entregou a mochila xadrez da escola. Eu a coloquei nas costas, enquanto escutava sua explicação:

- Peguei sua mochila e a carreguei com bananas de explosivos. Para você explodir o escritório de mister

Sakura.

- Muito bem pensado! – Comentou Aline que também encarava o velho que estava com a luz de sua pequena lanterna em seu rosto.

- Boa sorte para vocês!

- Pra você também!

- Todos prontos? – e me dirigindo ao fone: - Cobertura?

- OK. – Encarei o velho pescador que sorriu por baixo de seu chapéu e falou:

- Estou pronto! – Disse Sussumu.

- Eu também! – Exclamou Aline segurando em minha mão. Meu corpo arrepiou. Íamos entrar. Invadir enfim o prédio maldito.

- Missão Sakura iniciada! URRÁ!

23:34PM – 08/11/2009 - JAPÃO – TÓQUIO

A luz de hospital do saguão do prédio me cegou por alguns momentos. Senti Aline soltar minha mão e posicionar-se com as costas contra as minhas e a escutei sacando sua espada. Fiz o mesmo.

Estávamos cercados.

O saguão era amplo. Constituía todo o térreo do prédio. Apesar de ser tarde da noite, alguns guardas se movimentavam. Estavam sentados em uma grande redoma de vidro, que deveria ser a recepção. Olhei para o piso de lajota branca e para a grande porta de vidro. Era a entrada do Laboratório Sakura.

Eu e Aline giramos. Invertemos posições. Pude ver os elevadores no fim do saguão. Olhei as luzes de hospital, o térreo era alto, deveria ter uns cinco metros de altura, acompanhei as vigas brancas que iam do chão até o teto, eram os alicerces que Sussumu iria explodir no andar abaixo.

No total, eram nove guardas. Eles vestiam uma farda semelhante a de seguranças, contudo na identificação estava a flor de cerejeira. Eles nos tinham cercado e sacaram seus cassetetes. Um deles, que aparentava ser o de cargo maior, se afastando do grupo e se dirigindo a redoma de vidro exclamou em japonês:

- Aline! O que você pensa que está fazendo?

- O CERTO!

A garota então sacou da manga de seu kimono um Ofuda. Ela atirou o pedaço de pano para cima e antes de perfurá-lo com sua espada berrou:

- Pelo Templo de Kasuga! Ofuda da Tormenta! Conjuro-te!

Um turbilhão de vento foi convocado. Atingindo, em cheio, três homens e a redoma de vidro. Antes mesmo do vidro se espatifar, eu corri e atingi um dos homens com uma voadora no pescoço. Ele deu alguns passos para trás tossindo. E para finalizá-lo lhe dei um novo chute no rosto. Virei e cortei com minha espada os tornozelos de um dos seguranças que caiu no chão berrando.

Aline foi em direção ao chefe dos seguranças. Com extrema facilidade, atingiu os três homens que haviam caído no momento em que ela havia lançado o Ofuda. Contudo, sem perceber estava sendo

seguida por um dos guardas.

Eu enfrentava dois inimigos ao mesmo tempo. Eles tentavam me atacar com os cassetetes. Eu me desviava dos golpes. Em certo momento, me defendi com a espada de um ataque duplo. Aproveitei o momento para acertar um deles com um chute no meio das pernas. Enquanto o segurança abaixou a guarda, cravei a espada em sua coxa. Ele estava fora de batalha. Com facilidade, arranquei de sua mão o cassetete e bati com força nas costas do outro guarda que desmaiou.

Sem cerimônia Aline encaixou um chute no peito do chefe dos guardas e o tirou da batalha com um ataque fulminante de sua espada na barriga do homem. Rapidamente, ela virou-se e apenas esticou seu cotovelo atingindo o segurança que havia corrido atrás dela no queixo, fazendo-o cair no chão desacordado.

Aproximei-me dela, a garota olhava o chefe dos guardas que estancava o sangue de sua barriga. Ele respirava com dificuldade, mas estava bem:

- Quando você explodiu a redoma... Sakura... – e após respirar fundo concluiu: - Você chamou toda polícia de Tóquio.

Fomos interrompidos por uma grande explosão que quase estourou nossos ouvidos. Eu e Aline vimos pelo lado de fora da porta de vidro um carro pegando fogo. Pelo fone, Pimenta gritou:

- Bull's Eye!

- Nós estamos preparados pra isso também! Agora adeus.

Aline falou enquanto caminhava junto a mim em direção ao elevador. Entramos e apertamos o botão do penúltimo andar, o décimo quarto piso:

- Como estão às coisas ai Sussumu?

- Uma viga já está pronta para explodir, faltam três, e vocês? – encarei Aline que parecia tensa esperando a porta do elevador abrir. Eu olhava para o espelho do elevador: - Saguão limpo! Estamos nos dirigindo para o laboratório de redistribuição energética.

- Pimenta? Luís? – Questionei e ouvi novamente um gigantesco estrondo:

- Já abatemos dois carros, Flashback. Estamos esperando vir mais.

- Se a situação complicar ai Luís, abandone o Sabra! – Exclamou Sussumu na outra linha.

- Copiado avô. Boa sorte a todos! Pimenta recarregue!

Olhei para os olhos verdes de Aline e ela fez o mesmo encarando meus olhos castanhos. Ela estava com medo, e na verdade, eu também estava. A cada três segundos passávamos por um andar, estávamos muito próximos de enfrentarmos nossos inimigos. A garota então sacou sua espada e a apontou para a porta. Fiz o mesmo. Estávamos no décimo terceiro andar. Quando chegamos ao décimo quarto, a porta se abriu.

Dei um passo à frente de Aline e movimentei minha espada para nos defender de uma série de balas disparadas em nossa direção. A Katana movia-se rapidamente e eu escutava o barulho das balas ricocheteando na lâmina de minha arma:

- Aline! Contra-ataque! – Movendo-se atrás de mim, Aline retirou da manga de seu kimono um Ofuda:

- Pelo Templo de Kasuga! Ofuda da Tormenta! Conjuró-te! – Sua espada cortou o fragmento mágico e eu dei um passo para a esquerda. Pude sentir o turbilhão de vento passando pelo lado direito, chegando a balançar meu uniforme.

A tormenta atingiu nossos agressores, atirando-os contra três grandes transformadores de energia. Eles levaram um choque e caíram desacordados no chão. A luz então apagou por um instante e voltou a

acender, de uma maneira muito discreta.

Dei o primeiro passo para o lado de fora do elevador. Aline me seguiu. Pude ver uma gigantesca escadaria de aço em espiral bem ao fundo do enorme andar, ela levava para a cobertura. As paredes do piso eram monumentais, decoradas com janelas que, do lado de fora, deveriam ser espelhadas.

Caminhamos próximos aos três imensos transformadores de energia. Observei os diversos computadores e equipamentos instalados. Eles tinham sido abandonados ainda em uso. Talvez nossa invasão tivesse afastado os cientistas. Nós nos aproximamos do centro do laboratório de redistribuição energética.

Eu estava próximo de uma enorme redoma de vidro, onde milhares de eletrodos estavam ligados e se conectavam a cabos que corriam até diversos transformadores. Olhei no interior da redoma. Pude ver uma cama, um pequeno criado-mudo e um minúsculo banheiro químico. Era ali que eu tinha sido aprisionado em 1995.

- Garota? Você é lunática?

Seguimos a voz com os olhos. Descendo a escada de metal estavam Henzo e um homem mais velho, que se assemelhava muito com Henzo. Os dois usavam aqueles óculos de grau espessos. Os dois tinham aquele olhar de pessoa séria. Os dois usavam um terno preto impecável. E o pior: os dois empunhavam um revólver calibre 38. Na realidade, os dois eram Henzo só que de tempos diferentes. O mais jovem exclamou em japonês:

- RESPONDA, ALINE!

- Henzo, eu não devo nenhuma satisfação a você. Mas, como uma guerreira que respeita o código, vou lhe desafiar em nome da morte de meus pais e por ter me enganado toda a vida. Esse é um acerto de contas. – Nesse momento os dois homens já aproximavam-se de nós, muito próximos da redoma de vidro, o mais velho caminhava com muita dificuldade. Ele me olhava:

- Muita audácia sua vir aqui, Desdobrador!

Eu não falei nada. Senti ódio daquele homem, queria matá-lo, Aline então cochichou para mim:

- Eu vou enfrentá-los. Essa é minha luta. Suba na cobertura e destrua mister Sakura e todos os documentos. Agora vá!

Quando virei meu corpo para correr em direção a escada de aço, me deparei com uma criança me encarando. Um garotinho negro, aprisionado na redoma de vidro. Olhei para Aline e para os dois Henzos e voltei meus olhos para o menino que chorava assustando.

- QUEM É ELE? – Berrei com todas as forças.

- Mais um lixo de sua espécie! Nós estamos colocando ele para funcionar! Assim como fizemos com você! – Fechei minha mão direita, iria cravar um soco no queixo do Henzo mais velho, contudo Aline pediu:

- Eu imploro, essa é minha batalha... Deixe-me acabar com eles... Eu devo ter esse direito... – Olhei para a garota, ela estava falando sério. Falei:

- Solta o menino depois!

Antes de correr em direção a escadaria, bati no vidro e pedi calma para ele: - Nós vamos tirar você daí. – Em alta velocidade, me movi pela sala até chegar a escada de aço. Pude perceber que os dois Henzos estavam mais preocupados com Aline e com proteger o garoto do que me matar. Será que algo me esperava na cobertura? Ao iniciar a subida pude ver e escutar Aline obtendo sua tão esperada vingança:

- Qual dos dois será o primeiro?

A resposta que ela teve foi uma bala disparada em sua direção pelo Henzo mais novo. Agindo rápido, Aline conseguiu interceptar o tiro com sua espada, a bala então ricocheteou e voou na direção do Henzo mais velho, atingindo-o no centro da testa. O homem ainda ficou em pé por alguns instantes, mas em seguida despençou. Morto.

O outro Henzo não pôde acreditar, nem Aline podia. Com coragem, ela partiu para cima de seu inimigo. Tentou golpeá-lo na barriga, mas ele desviou com um salto. Sua espada tentou perfurar o peito do homem que saltou para o lado esquerdo e conseguiu se esquivar. Um novo golpe foi transferido, contudo Henzo agachou-se.

Ele então correu em direção a um dos cantos da sala. Aproveitando-se do momento, a garota retirou de sua manga um Ofuda:

- Pelo Templo de Kasuga! Ofuda do Trovão! Conjuro-te! – A lâmina de sua arma cravou no tecido convocando um estrondo em todo o prédio e fazendo com que um raio fosse disparado em direção a Henzo.

Ele corria de costas e pôde apenas sentir o raio perfurando sua barriga. O homem então se virou em direção a Aline e encostou-se em uma das grandes janelas de vidro. Seu corpo escorregou até o chão, deixando uma marca de sangue escorrido pela vidraça. Ele apontou a arma para a garota:

- Um ataque pelas costas! Você? Nunca imaginei. – ele soltou um berro e gritou: - Estou queimando por dentro!

- Eu quero acabar logo com essa história, só isso. – Ela respondeu ficando a uma distância de dez metros do homem. O garoto na redoma de vidro olhava tudo muito assustado.

- Vou explodir seus miolos que nem fiz com seus pais.

- Você não... – Antes de Aline acabar a frase Henzo havia disparado. A bala voou em direção a garota que com grande velocidade moveu-se para a direita, fazendo com que o projétil atingisse a redoma de vidro.

Como resposta a garota, ligeiramente jogou para o alto dois Ofudas, girou sua espada sobre a cabeça e a cravou ao mesmo tempo no centro dos dois artefatos:

- Pelo Templo de Kasuga! Ofuda da Tempestade! Conjuro-te! – Como resposta um redemoinho carregando diversos raios partiu em direção a Henzo. Ele disparou contra a tempestade, mas as balas foram embora com o vento.

A tempestade atingiu Henzo. Ele foi jogado contra a vidraça de vidro. O vidro partiu-se em milhões de pedaços. Ele caiu em queda livre do décimo quarto andar em direção ao solo.

A garota respirou fundo. Sentiu um vento agradável sendo soprado em seu rosto, a corrente de ar vinha da janela espatifada. “Pai e mãe, agora tudo acabou”, a garota pensou, enquanto rezava. Ela então abriu os olhos e correu em direção à redoma de vidro. Observou a rachadura que a bala disparada por Henzo havia feito.

Aline deu um passo para trás e cravou sua espada com toda a força naquela prisão de vidro, na altura da rachadura. Não demorou para toda a redoma ser transformada em cacos de vidro. Ela esticou a mão para o garotinho.

Mas ele saiu correndo, em disparada. Corria em direção à vidraça quebrada. Com um salto, pulou para fora. Aline pode vê-lo desaparecendo. Desaparecendo assim como eu mesmo conseguia fazer, quando desdobrava o tempo.

Enquanto esses fatos se desenrolavam, eu havia chegado na porta da cobertura. Em letras japonesas, estava escrito: Mister Sakura. Tomei distância e com um forte chute arrebentei a porta. Entrei no escritório.

Observei um sofá de couro no canto esquerdo da sala, vidraças cobertas por cortinas e dezenas de arquivos de metal espalhados pela cobertura. No fundo, pude ver uma imponente mesa de carvalho, onde mister Sakura estava sentado, mexendo em um computador. Encarei o velho de barba e cabelo branco. Meus olhos castanhos encontraram-se com seus olhos cinza. O meu inimigo.

Corri em sua direção. Ele sacou a pistola e disparou. Movendo em alta velocidade minha Katana, consegui fazer com que a bala ricochetearse. Saltei em sua direção, meu peito escorregando pela mesa de carvalho.

Notei em sua mão dois CDs e uma pasta recheada de documentos, onde se lia na capa Laboratório Sakura – Ano: 2009. “Ainda vou pegar isso, mas antes preciso de respostas...” Estiquei a mão e toquei na testa do senhor Sakura. Então, tudo começou.

03:22AM – 04/06/1965 - JAPÃO – TÓQUIO

Um pequeno abajur iluminava a escrivaninha. Eu estava ao lado de um jovem de origem oriental, que olhava com muita atenção diversos pergaminhos. Ele tinha um início de barba e bigode. Meus olhos percorreram o recinto. Era uma megabiblioteca, situada nas memórias de mister Sakura.

Ele lia papéis. Muitos. Não demorou para eu escutar sua voz ecoando. Eram seus pensamentos. Fenômeno semelhante ao que tinha acontecido com Aline no momento em que ela assassinou o senador Tetsuo.

“Mas como isso era possível? Incrível”, disse a voz. Me estiquei sobre a escrivaninha e observei os documentos. Pergaminhos muito antigos que falavam de Miyamoto Musashi. Comecei a ler junto com Sakura, que nesse momento se gabava.

“Cada centavo gasto nessas relíquias valeu a pena, cada centavo da fortuna de meu pai foram bem gastos.” Ele então começou a leitura: “No bosque dos bambus, Flashback veio a mim, com aqueles calçados que jamais havia visto! Como uma carroça, ele carregava vontade, coragem e louvor. Ele não pertencia ao meu mundo, mas quem sabe um dia você seria amigo dele também”.

Dei alguns passos para trás e me encostei na prateleira carregada de livros. O jovem Sakura olhou em minha direção era como se ele pudesse me observar. Ele então pensou: “As pessoas um dia poderão viajar no tempo. Eu não estava louco afinal.” Depois tudo em minha frente se desmanchou.

21:09PM – 23/08/1967 – JAPÃO – TÓQUIO

Escuro. Noite. Sentia um cheiro forte de cerejeira. Não conseguia enxergar quase nada naquele local iluminado apenas pela luz da lua cheia. Escutei uma bicicleta muito antiga aproximar-se de mim. Um pequeno farol a dínamo em seu guidão iluminava o caminho para mister Sakura que usava um chapéu largo, estilo camponês. Tinha a impressão que havia estado ali antes. Como se fosse um déjà vú.

A bicicleta então atravessou meu corpo. Não estava realmente naquela memória. Era um intruso. Meu

corpo transparente sentiu o calafrio percorrer a espinha. De qualquer jeito, mesmo que não fosse real, não era agradável ser transpassado por um objeto.

Observei Sakura prosseguir seu caminho. De repente, ele se chocou com algo e caiu da bicicleta. Corri na direção dele, engolindo a poeira da estrada de terra.

Observei estirados no chão: a bicicleta e um homem vestido de coelho rosa. Era Déjà vú. Realmente, havia estado ali. Virei o rosto e pude me ver escutando o rapaz japonês se explicar. Em minha mente podia escutar mister Sakura falando: “Eles não são desse tempo! Eles precisam me perdoar! Eles são do futuro! Eu preciso conversar com eles! Olhe a roupa desse menino, o cabelo dele! Perdoe-me garoto! De onde você é?”.

Foi então que o farol da bicicleta ficou mais potente. Olhei para Déjà vú e ele havia sumido. O farol então se apagou e em seguida ficou mais forte ainda. Encarei o local onde o meu eu do passado estivera e ele sumira. Mister Sakura ajoelhou-se ao lado da bicicleta e olhou o farol:

- Energia? - Ele pensou e falou. Foi então que todo cenário se partiu.

19:47PM – 29/11/1969 – JAPÃO – TÓQUIO

Escutava centenas de pessoas. Estávamos em um restaurante. As mesas redondas eram recobertas por toalhas vermelhas. Caminhei entre as mesas, em busca de Sakura. Alguns garçons passavam apressados por mim e eu me desviava deles, como se estivesse ali.

Após uma busca rápida, encontrei mister Sakura com uma barba um pouco maior, mas ainda jovem. Estava sentado em uma mesa singela de canto. A iluminação era mais precária e um breu tomava conta do local. Fiquei ao lado dele, observando-o. Ele ouvia um engravatado. Encarei o homem de um olho de cada cor. O esquerdo era verde e o direito, amarelo. Conhecia aquele olhar. Ele disse:

- Suas pesquisas estavam fundamentadas. Existem os desdobradores, eles não são uma lenda. Estão entre nós. – Eles olharam em volta. Falam sobre mim, sobre minha característica especial:

- Contudo, não devem ser respeitados. A habilidade deles é muito poderosa e extremamente perigosa. – ele fez uma pausa e prosseguiu: - Existem pessoas que dedicam a vida para manter a ameaça dos desdobradores longe da sociedade.

- Mas como eles seriam perigosos? – Perguntou Sakura. Olhei para o homem. Eu o conhecia de algum lugar, os olhos me eram familiares:

- Imagine se um deles voltasse no tempo e matasse seus pais? O que seria de você hoje? Ou matasse os pais do imperador Mitsuhiro? Nós não teríamos vivido a Era Meiji! – Mister Sakura baixou os olhos. Ele parecia pensar. Pensava nas palavras do homem, que continuou:

- O mundo está mudando. Existem bons e ruins. Existem os que cumprem as regras e os que as quebram. Eu sou um dos que tem um propósito, que cumpre com o que me foi passado.

- O que é você, Tetsuo? – Quando mister Sakura disse o nome do homem, congelei. Era Tetsuo! O discípulo de Kojiro que eu havia enfrentado no Japão feudal! Aqueles olhos, não me enganavam. Era ele mesmo! Mas como isso seria possível? Ele teria quatrocentos anos?

- Eu sou imortal. – Essa era a resposta para minhas perguntas! Ele prosseguiu: - Eu sou de uma espécie que cumpre com o que lhe é passado. A minha missão é fixar os desdobradores no tempo. Eles devem

ficar parados – mister Sakura parecia acreditar no que ele dizia e perguntou:

- Mas por que você precisa de mim?

- Eu preciso de seu dinheiro. Na realidade, de parte de sua riqueza. Você fará um investimento com algo que pode lhe gerar muito dinheiro e ao mesmo tempo fixar um desdobrador.

- Mas o que é isso?

Tetsuo retirou como resposta de dentro do paletó de seu casaco uma pasta recheada de documentos, onde estava escrito em sua capa Laboratório Sakura – Ano: 2009. Mister Sakura segurou tudo aquilo e folheou incrédulo:

- Captar energia de um desdobrador? Isso realmente é possível?

- Sim. Eles geram uma carga energética toda vez que se desdobram e também quando tentam..

- Eu lembro! – disse Sakura empolgado: - Uma vez, quando me deparei com dois deles! Quando se desdobraram, geraram uma pequena carga energética no farol a dínamo de minha bicicleta.

- Ótimo. Sabia que você seria a pessoa certa. Pois além de acreditar em imortais e desdobradores, já teve a oportunidade de vê-los.

Coloquei as mãos a cabeça. Não podia acreditar. Durante minha luta com Déjà vú tinha provado além da existência de seres que podem viajar pelo tempo, que eles ainda geram energia. Maldição! Pequenas mudanças definitivamente geram grandes consequências.

- Mas como você arranhou essa pasta? – perguntou Mister Sakura mostrando os documentos: - Ela está datada do ano 2009.

- Podemos dizer que a espécie deles não é tão fiel à Família quanto a minha espécie.

Encarei a pasta. Conhecia aquele documento. Estava nas mãos de mister Sakura momentos antes de eu entrar em sua mente. Logo, deveria tirar essa pasta das mãos de Sakura assim que voltasse para meu tempo.

Seria minha nova missão! Precisava destruir esses documentos, para assim, o Laboratório Sakura nunca existir. Então, o restaurante desmanchou-se. Lá vamos nós de novo.

06:07AM – 17/01/1995 – JAPÃO – TÓQUIO

Estava agora no laboratório de redistribuição energética do Laboratório Sakura, localizado no décimo quarto andar do edifício. Cientistas corriam de um lado para o outro. Mexiam em computadores. Regulavam transformadores tamanho família. Observei os Kenji sentados à frente de um monitor maior que uma TV de 50 polegadas. Sussumu conectava um cabo na redoma de vidro. Ao lado, estavam um Henzo jovem e mister Sakura, com uma barba professoral de cor branca. Olhavam o interior da prisão de vidro:

- Já está na hora! Todos a seus postos!

O assassino dos pais de Aline abriu uma pequena portinhola na redoma e entrou em seu interior. Sussumu o trancou lá. Todos observaram Henzo, que subiu sobre a cama e sacou seu revólver calibre 38.

Pouco tinha mudado ali em quatorze anos. Eu olhava para todo o décimo quarto andar. Obviamente, os computadores tinham sido trocados, mas a estrutura era a mesma.

Foi quando se desdobraram para o interior da redoma de vidro, Flashback e um homem semelhante a Henzo de 1995, mas com o visual daquele que eu conhecia de 2009. O meu eu do passado empurrou o homem que ele tinha desdobrado e olhou em volta. Encarou as pessoas que o observavam. Ele parecia confuso e seus olhos, cheios de lágrimas.

Então, sem piedade, o Henzo mais jovem bateu com o cabo de seu revólver na cabeça de Guilherme, fazendo o garoto cair no chão desacordado. Os dois Henzos em seguida se cumprimentaram e esperaram que Sussumu abrisse a portinhola. Após saírem da redoma de vidro, o mais velho com muita dificuldade caminhou para o lado de fora e disse:

- Missão cumprida, mister Sakura. – Sakura sorriu e disse em seguida: - Ótimo! Parabéns! – E voltando-se para os cientistas, berrou:

- Agora, vamos iniciar a operação: Captação de Energia!

Enquanto Sussumu, o pai, e a mãe de Aline e os outros diversos pesquisadores que ali estavam iniciavam seu trabalho, mister Sakura caminhou em direção a escadaria de aço que o levaria para o escritório. Me aproximei dos dois Henzos que observavam o desdobrador caído na redoma de vidro. Escutei o mais novo dizendo para o mais velho:

- Terei a mesma missão que você daqui a catorze anos. Terei de trazer esse verme para 1995.

- Eu já imaginava isso. Agora me escute. – e tomando fôlego, o mais velho disse: - Eu tive muita dificuldade para capturar esse garoto sozinho, não é tão fácil quanto parece. Ele fugiu diversas vezes e eu fui obrigado a queimar toda a sua casa com a família dentro.

- Essa era sua fraqueza?

- Exatamente. Aconselho você, meu amigo, a levar algum reforço da próxima vez. Acho que assim seu trabalho não será tão penoso e não obterá tantas cicatrizes quanto as que tenho. Talvez uma abordagem menos invasiva. – Provavelmente essa conversa teria sido a inspiração para Henzo treinar e fazer a lavagem cerebral em Aline! – pensei.

Os dois pararam de conversar. Entretanto, quando o Henzo mais velho afastou-se, pude notar que ele mal conseguia andar, claudicava com muita dificuldade da perna esquerda. O Henzo de 1995 observou-se catorze anos mais velho e assentiu com a cabeça. Como se fosse um cálice partindo, o cenário se desmanchou.

04:54AM – 06/03/1995 - JAPÃO – TÓQUIO

Estávamos agora no interior da sala de mister Sakura. Muito irritado, ele andava de um lado para outro atrás de sua mesa de carvalho. Sentados em duas cadeiras, em sua frente, os dois Henzos, o mais jovem segurava um bebê no colo que tinha os olhos verdes (Aline). Eu estava ao lado da mesa, encostado em um dos grandes arquivos de metal, obviamente ninguém podia me ver.

- Não acredito que o perdemos! Não posso acreditar! – E voltando-se para os dois homens com olhos irados berrou: - COMO PERDEMOS O DESDOBRADOR?

- Falha humana – respondeu o mais velho: - Obviamente os Kenji e Sussumu nos traíram. Traíram a Família Sakura.

- Como isso é possível? Como? Estava indo tudo perfeitamente bem!

- Falha humana. Não tem como prever – respondeu o Henzo mais novo, que se corrigiu: - Na verdade, temos como prever agora. – Os outros dois homens o encararam, ele se explicou:

- Daqui a catorze anos, voltarei para 1995. Conseguirei avisar o senhor, mister Sakura, quem são os traidores.

O homem sorriu e sentou-se na cadeira. Eu o escutei pensar: “Essa não é a solução melhor no momento. Possivelmente Tetsuo irá me afastar da caça aos desdobradores. Mas de alguma forma, ele tinha razão. Isso tudo poderá ser corrigido na próxima vez”.

- Pode ser, Henzo.

- Treinarei essa menina! Ela irá me ajudar. Terei catorze anos para transformá-la em uma guerreira suficientemente capaz de servir a Família Sakura.

- Com que propósito ela lutaria ao nosso lado? Contra um desdobrador? – Questionou o velho Henzo.

- Simples. A partir de hoje, ele matou os verdadeiros pais dela. – Mister Sakura brincou com os dedos em sua barba e junto com o outro Henzo sorriram.

- Agora, me desculpem, mas tenho corpos a enterrar. E arrumar toda essa bagunça.

O homem então se levantou da cadeira com Aline no colo e retirou-se do recinto. Sakura encarou o velho Henzo, que disse, aproximando-se do chefe:

- Sempre tive potencial! – os dois gargalharam: - Bom senhor, nós tivemos uma noite tenebrosa, mas conseguiremos corrigir os problemas na próxima vez, agora se me der licença.

- Espere. – Henzo que já estava levantando da cadeira se sentou novamente e encarou seu chefe que falou colocando as mãos na cabeça:

- Você sabe dos imortais e dos desdobradores, não é mesmo?

- Sim, senhor.

- Tetsuo é um imortal. Flashback era um desdobrador. Eles são inimigos por natureza. – E retirando de uma das gavetas da mesa de carvalho, Mister Sakura mostrou para Henzo a pasta com documentos datada de 2009: - Tetsuo me deu isso há 26 anos. Ou seja, existe algum desdobrador que trabalha para um imortal. Preciso saber quem é ele. – tomando fôlego, esticando as mãos, mister Sakura falou:

- Preciso saber quem são os desdobradores e os imortais, nomes, codinomes, locais, históricos...

Concluindo, quero um dossiê de todos esses seres. Quero saber tudo sobre essa nova espécie. Entendido?

- Iniciarei o dossiê.

- Faça uma lista, com todos os dados que conseguir. Comece por Tetsuo...

- Será feito.

- Espero seu primeiro relatório.

Henzo levantou da cadeira e cumprimentou mister Sakura. Os olhos do homem por entre os seus grossos óculos se encontraram com os olhos cinza de Sakura. O cenário então aos poucos foi derretendo.

07:05AM – 16/02/2002 - JAPÃO – TÓQUIO

Era uma sala de amplas proporções, em que o chão fora revestido por um tatame. Observei a jovem Aline, treinando com um bastão de bambu. Havia estado ali, quando entrara na mente dela. Era seu

treinamento com Henzo. Próximo a porta do salão, Henzo conversava com mister Sakura, que estava ao meu lado. Sakura falou:

- Em razão da nossa falha em 1995, por causa da morte do desdobrador. E como o laboratório está em frangalhos há sete anos... – E tomando fôlego o velho com sua longa barba que alcançava o peito disse em tom imperativo:

- Escute bem, o senador Tetsuo quer cancelar as operações da Família Sakura! Isso precisa acabar! – Seus olhos de cor cinza naquele momento pareceram brilhar.

- Mas, senhor, como isso é possível? Ele sempre esteve ao nosso lado! – virando as costas mister Sakura começou a se afastar dali, iria sair da sala, contudo, voltou-se para concluir: - Mande a menina. – Olhei para Aline que estava sobre o bastão de kendô, equilibrando-se. Pude escutar os pensamentos do homem: “Mesmo um imortal não poderá sobreviver a um tiro de fuzil”. Então o cenário mudou novamente.

20:12PM – 07/05/2009 - JAPÃO – TÓQUIO

Lá estava eu cercado de transformadores de energia, encarando a redoma de vidro. Nessa nova memória estava no laboratório de redistribuição energética. Mister Sakura e o Henzo mais velho encaravam incrédulos para o interior da prisão de vidro. Eles não falavam. Podia-se notar a boca aberta de Henzo. Caminhei até eles.

Saltei por diversos cabos de energia, que ligavam a prisão aos computadores. Andei até me aproximar dos homens e observar o interior da redoma. Dentro, estava o menino negro que aparentava ter uns dez anos e o já familiar para mim, coelho rosa.

Colei meus olhos no vidro e observei aquela figura enfadonha. O sorriso grotesco e os olhos tenebrosos. Enquanto o garotinho chorava, Déjà vú observava com os braços cruzados e com o corpo recostado na estrutura.

- Como eles foram parar ali? – Questionou Mister Sakura que parecia muito assustado.

- Esse garoto é um desdobrador! Ele está na lista, senhor!

- E por que eles estão aqui?

- Muito simples! – Exclamou uma voz que vinha da direção do elevador. Eu e os homens movemos nossos olhos até ela. Para surpresa de todos era o Senador Tetsuo! Encarei seus olhos de duas cores, enquanto ele se aproximava de nós:

- Conheçam Replay e Déjà vú! Os dois são desdobradores! – O velho mexendo em sua barba com a ponta dos dedos interrompeu:

- Você não morreu?

- Não se mata um imortal, mister Sakura! Você deveria saber disso! – Tetsuo então segurou o velho pela sua camisa de linho e o atirou em direção à redoma de vidro:

- Escute bem! A operação para captação e redistribuição energética irá continuar no Laboratório Sakura! – O samurai olhou para o coelho rosa e moveu sua cabeça como um sinal.

Déjà vú foi em direção ao garotinho negro e lhe deu sem nenhuma cerimônia um soco em seu rosto. Replay bateu com seu corpo contra o chão. Estava nocauteado. O coelho caminhou até uma pequena

portinhola instalada na redoma. Tetsuo disse em seguida:

- Henzo, abra a porta.

- Mas...

- Ele é um desdobrador imbecil! Essa prisão foi projetada para que eles não conseguissem escapar daí!

Logo...

Henzo obedecendo às ordens de Tetsuo abriu a porta. O coelho rosa saiu da prisão e, em seguida, trancou Replay, que estava desacordado, lá dentro.

O engravatado Tetsuo caminhou até o coelho rosa e colocou sua mão nos ombros de seu comparsa. Ele encarou os olhos de cor cinza de mister Sakura. Falou:

- Sinto que ainda vou matar você. Vou ter minha vingança. Mas no momento preciso do Laboratório Sakura. – E queimando com o olhar o velho com seus olhos de cores, verde e amarela, concluiu:

- Logo, comece a captar energia.

Então, os dois sumiram. Henzo correu com dificuldade até seu chefe e o auxiliou a levantar. Os dois encararam Replay. Mister Sakura então falou:

- Isso não estava nos planos que recebi em 1969 – olhando para Henzo disse: - A redoma ainda funciona?

O velho Henzo caminhou com dificuldade até um velho computador e falou: - Parece que sim... A cada tentativa de se desdobrar, ele gerará energia para os transformadores!

- Ótimo! Vamos trocar esses computadores pré-históricos! Vamos fazer com que esse laboratório volte a ser de ponta!

- Sim, senhor!

- E Henzo... – disse Mister Sakura, colocando a mão esquerda nos ombros do homem: - Pesquise tudo que puder desse desdobrador que trabalha para Tetsuo... Abandone qualquer pesquisa que esteja desenvolvendo no momento e dedique-se a essa!

- Sim senhor.

Isso poderia explicar muita coisa. Déjà vú trabalhando para Tetsuo seria a resposta para os arquivos de 2009 terem ido até 1969 e até mesmo para sua perseguição a mim!

Mas afinal de contas quem era o coelho rosa? Por que ele estaria trabalhando para um imortal? Quem estaria por trás da fantasia de coelho? Então, o cenário escureceu. A memória se alterava.

23:40PM – 08/11/2009 - JAPÃO – TÓQUIO

Novamente, a sala de mister Sakura. Ele falava ao telefone e mexia em seu computador. Mais velho, a barba e o cabelo mais brancos do que nunca. Em pé a seu lado, eu observava seus olhos cinza percorrendo o monitor.

- COMO ASSIM INVADIRAM O LABORATÓRIO?! – gritou o homem. Ele escutou por mais alguns segundos e disse: - Aline está junto com ele? Os policiais já foram contatados? – Mais uma espera para ele concluir:

- Prepare-se para lutar. Tentarei tirar os documentos do Laboratório Sakura e a Lista de Henzo daqui.

Mister Sakura tirou da gaveta da mesa de carvalho a pasta de documentos e iniciou a gravação de um CD em seu computador. Observei a gravação: enquanto os dados eram passados para o disco, eram deletados do computador. Os dados referiam-se a desdobradores e imortais que o Henzo mais velho havia levantado por catorze anos. Eram informações preciosas e ao mesmo tempo muito perigosas.

Diversos tiros foram disparados no andar de baixo. Pude escutar assim como ele. Deveriam ser eu mesmo e Aline invadindo o laboratório de redistribuição energética.

Após instantes, o primeiro CD foi gravado. Ele o retirou do computador e colocou na bandeja um segundo CD. Observei a caixa onde ele guardou o disco. Lia-se: LISTA DE HENZO parte: 1.

Assim como mister Sakura, escutei o barulho ensurdecador de trovões, seguidos por uma vidraça se partindo. A cópia de arquivos para o segundo CD então foi concluída. O homem guardou o segundo disco em uma caixa com os dizeres LISTA DE HENZO parte: 2. Quando nós dois movemos a cabeça em direção a porta, essa foi arrebentada. Eu mesmo a tinha destruído. O cenário então se desmanchou mais uma vez. E tudo desapareceu.

Capítulo 14

Tudo uma questão de Família

23:46PM – 08/11/2009 - JAPÃO – TÓQUIO

Minha mão escorreu da testa de Mister Sakura até seu colo. Ele gritava de dor e eu fazia o mesmo. Não podia abrir meus olhos. Meu cérebro queimava. Processava milhares de informações. Ao abrir os olhos, encarei as pupilas de Sakura. Eu sabia o que fazer. Precisava destruir os documentos do laboratório e a Lista de Henzo. O documento não poderia cair em mãos erradas.

Olhei para minha mão e rapidamente agarrei os documentos e os CDs. Foi então que escutei o barulho de lâmina cortando a pele. Movi meus olhos em direção a mister Sakura e esse estava sem cabeça. Rapidamente, saltei sobre a mesa de carvalho, empunhando minha Katana na mão direita e os CDs e a pasta na mão esquerda.

Pude ver atrás da cadeira, onde estava o corpo de mister Sakura, o senador Tetsuo! Ele vestia seu terno preto e gravata de bolinhas e ao seu lado estava Déjà vú com seu sorriso diabólico estampado naquela fantasia de coelho rosa.

O samurai empunhava uma espada. Havia matado mister Sakura. E agora me observava com aquele olho verde e amarelo dos pés a cabeça. Com descaso, disse:

- Você de novo no meu caminho, Flashback? E que cabelinho mais Japão feudal! – Ele se referia ao rabicho que Aline havia prendido. Observei seu cabelo cortado como de um militar. Eu não disse nada. Estava assustado.

- Quem diria não é mesmo? Você poupou minha vida e agora estou aqui!

Nesse momento, lembrei-me das palavras de Miyamoto Musashi, que diziam que eu deveria ter pensado como um estrategista e ter dado fim em Tetsuo. Que minhas decisões precipitadas poderiam custar meu futuro.

- Agora, deixe de criancice e me entregue logo os CDs e a pasta de documentos. Não me force a ir atrás de você. – Como resposta, sorri, olhando no fundo dos olhos de Tetsuo disse:

- Vem peg... – mas antes de acabar minha frase senti alguém arrancando os documentos e um dos CDs da minha mão. Era Déjà vú que tinha se desdobrado para cima da mesa de carvalho.

O coelho gigante jogou a pasta e um dos CDs na mão de Tetsuo que sorriu para mim. Nesse momento já havia saltado da mesa e estava no centro da sala, escutei:

- Para que tanta luta? Entregue de uma vez, Flashback! Você não é páreo para nós!

Talvez ele tivesse razão. Mas naquele momento eu só tinha uma certeza: precisava daquele CD. Corri, corri em direção à porta arrombada. Na saída da sala, iniciei a descida na escada em espiral e me deparei no percurso com Aline que subia a escadaria de aço.

- Por que você está correndo?

- Déjà vú e Tetsuo estão lá em cima, eles são muito perigosos! Vou levar o coelho pra longe daqui! Aline saia daqui! Não entre na sala! Não tente pegar os documentos e o CD das mãos de Tetsuo. Ele é demoníaco, mas de qualquer forma... – Dei na mão da garota minha Katana. Pelo menos ela estaria bem defendida.

- Mas quem são eles?

- Nossos inimigos!

Olhei para o alto da escadaria e vi o coelho rosa me observando. Segurei a mão esquerda de Aline e falei olhando no fundo de seus olhos verdes: - Eu volto pra te buscar. URRÁ!

08:09AM – 262 A.C. - ITÁLIA – PROVÍNCIA DE AGRIGENTO

Corria entre a poeira. Sentia o calor infernal e escutava o barulho de metais se encontrando. Mal conseguia enxergar. Parei de correr. Um elefante de tamanho considerável cruzou a minha frente. Meu coração disparou.

Estava na Batalha de Agrigento na Roma Antiga. Podia observar os homens se enfrentando, a cavalaria atacando um grupo de soldados cartagineses e os elefantes sendo jogados contra os soldados.

Foi quando vi o coelho rosa, caminhando entre a poeira. Um soldado romano tentou atacá-lo. Como resposta Déjà vú lhe deu um murro no rosto e arrancou de sua mão uma clava de metal, com a extremidade redonda recoberta de pontas. Ele queria me matar.

Meu inimigo correu em minha direção. Rapidamente, coloquei o CD dentro de minha mala e corri a seu encontro. Ele tentou me golpear com a clava, mas consegui me esquivar e lhe dei um murro no seu peito. Sem surtir muito efeito, o coelho me deu uma cabeçada como resposta. Dei alguns passos para trás. Um romano então tentou me atacar. Eu olhei para Déjà vú e resolvi sair dali. URRÁ!

12:11PM – 12/06/1999 - HOLANDA – AMSTERDAM

Um lugar bem mais tranquilo. Caminhava sobre um piso frio de lajota, cercado de redomas de vidro contendo diamantes. Era uma das muitas lojas de lapidação de diamantes de Amsterdam. Não me perguntem por que diabos estava ali.

Observava meu reflexo em um vidro quando, após um piscar de olhos, pude ver o coelho gigante atrás de mim. Baixei minha cabeça e sua clava quebrou a vidraça. Um alarme soou pela loja. Empurrei-o com minhas costas contra uma coleção de relógios. Ele os espatifou.

Corri pela loja com ele me perseguindo. A cada investida dele contra mim uma das vitrines explodia. Precisava derrotá-lo. Precisava arranjar alguma maneira dele perder a clava para lutar de igual para igual.

Após mais um ataque frustrado, consegui chutá-lo na altura do estômago. Déjà vú sentiu a dor e parou de correr por um tempo. Tempo suficiente para eu abrir certa distância.

Ele iria fazer o que eu queria? O coelho então preparou para lançar a clava em minha direção. Quando ele a atirou. Eu sorri. Ele fez! E me desdobrei. URRÁ!

16:50PM – 28/09/1892 - INGLATERRA – LONDRES

Senti meus pés pisando sobre a estrutura de metal. Me encontrava sobre uma viga que ligava as duas torres da Tower Bridge em Londres. Olhei para baixo e vi o rio Tâmsa. Senti um vento cortante. Estava muito frio. Não demorou para escutar o coelho maldito se desdobrando atrás de mim na viga de ferro. Sem a clava.

Me preparei para lutar. Ele correu em minha direção. Saltei e consegui encaixar um chute em seu peito. Ele deu alguns passos para trás. Mas me atacou com um soco no rosto, um fortíssimo golpe. Caí com o corpo estirado sobre a viga. Tinha sido um soco e tanto. O coelho rapidamente saltou sobre mim.

Senti seu joelho pressionar meu peito. Encarei aquele patético sorriso que alcançava as orelhas contrastando com as grossas sobrancelhas que corriam sobre seus olhos, lhe dando um aspecto demoníaco. Senti sua mão estourando em meu rosto. Tinha recebido mais um soco. Em seguida recebi mais um. Seus pulsos pareciam ser de ferro, de um excelente boxeador.

Recebi uma sequência de dez socos ou mais. Perdi a conta. Mas a cada soco meu crânio explodia contra o metal da viga. Sentia muita dor e estava desnordeado.

Quando ele ia me nocautear observei suas orelhas tortas. Não seria tão fácil assim!

10:32AM – 19/11/2010 - BÉLGICA – GHENT

Mal conseguia andar. Era uma colina forrada de grama verde. Sentia o ar do campo e observava a linha de trem abaixo da pequena montanha. Corri até lá. Escutava o barulho do Eurostar a quilômetros dali. Poderia dar certo...

Sobre a linha, observei Déjà vú se desdobrando a um palmo de distância de mim. Agindo rápido, ele me acertou um soco no queixo e agarrou meu cabelo pelo rabicho. O coelho me segurou a frente do trilho do trem. Mal tinha forças para me mover, mas podia ver com o canto dos olhos o trem de alta velocidade se aproximando:

- Como você consegue fazer isso? – Eu cuspi no trilho do trem e pude ver meu sangue ali. Seria esse meu fim?

- Como sempre prevê o que vou fazer? Sempre acerta o lugar pra onde eu vou? – E pela primeira vez desde que tinha encontrado o temível coelho rosa esse me dirigiu a palavra:

- Houdini! – Será que ele tinha escutado minha conversa com meu irmão?! E agora estava fazendo piada?! Mas que audácia!

E como se uma grande ira tivesse tomado conta de mim eu movi minha perna com força e consegui acertá-lo. Ele me soltou. Agarrei o coelho e passando o braço contra seu pescoço o contive. Ele estava olhando para o trem que vinha em uma velocidade indescritível:

- Você deve me observar há anos! Inclusive, viu a conversa que tive com minha família! Você escudou! E com uma voz muito grossa e impiedosa ele gritou: - Eu vou te derrotar!

11:43AM – 03/10/1988 - MÉXICO – CANCÚN

Nós caíamos em queda livre. Ele nos tinha levado para muito alto. Recebi uma cotovelada no peito e o soltei. Podia ver o coelho rosa caindo ao meu lado. Enxerguei uma pequena cidade lá embaixo. A praia parecia estar á quilômetros de distância de meus pés.

Procurei Déjà vú ao lado. O vento forte da queda livre não me deixava respirar direito nem abrir os olhos corretamente. Mas ele já não estava mais lá. Resolvi sair dali também, antes que morresse ao atingir o chão. URRÁ!

04:22AM – 03/07/1947 - EUA – ROSWELL

Bati com as costas no chão. Senti meu corpo moído. Olhei para o alto e vi as estrelas. Na boca, gosto de terra. Estava no deserto, isso era certeza. Continuei deitado ali, não conseguia levantar, sentia muita dor.

Havia apanhado feito um bebê daquele coelho rosa desgraçado. Com certeza, não teria chance em uma luta corporal com ele. Talvez se eu desse logo o que ele desejava... Ou talvez...

Foi então que observei um objeto vindo em minha direção. Ele parecia cair em alta velocidade. Seria um OVNI? NÃO! Rapidamente, levantei, corri alguns metros e saltei. Escutei um barulho ensurdecedor ecoando atrás de mim. Uma densa camada de poeira havia levantado.

Esperei a poeira baixar e observei uma colheitadeira espatifada no chão. Virei de costas e encarei Déjà vu: ele havia desdobrado atrás de mim. E agora estava muito próximo. O coelho partiu em minha direção. Arranquei o CD da mala e gritei:

- É isso que você quer? – Ele respondeu com um grito, e eu o provoquei: - Agora vem pegar!

02:36AM – 18/08/2009 - FRANÇA – MARSEILLE

Corria desesperadamente nos corredores do Carrefour. As luzes estavam apagadas, assim eu me localizava pela luz da lua que iluminava o interior do supermercado. Carregava o CD. Foi então que

contornando uma gôndola encontrei o que procurava e parei. Fechei os olhos e escutei Déjà vú surgir em minha frente.

Sem titubear, ele me deu um espetacular murro no rosto. Fui lançado para trás e caí sobre uma pilha de CDs. Fiquei enterrado na montanha de discos. Não demorou para o coelho rosa me encontrar e me levantar pelo rabicho do cabelo.

Em seguida, ele arrancou o CD da minha mão e cravou um novo soco em mim, mas agora em meu queixo. Caí sobre a pilha de CDs e fiquei agonizando. Após receber um chute no flanco, escutei Déjà vú desaparecendo.

Sorri.

Levantei com dificuldade. Segurava na mão um CD do John Mayer. Senti meus dentes pintados de sangue. Foi então que me lembrei de Aline e da Missão Sakura! Coloquei o CD dentro de minha mochila. URRÁ!

23:50PM – 08/11/2009 - JAPÃO – TÓQUIO

Pisei sobre o sofá de couro da sala de mister Sakura. Observei Aline no chão com Tetsuo empunhando sua espada. Ele ia matar a garota. Pude ver Déjà vú se desdobrando ali. O homem observou o coelho e correu. Em seguida, agarrou os documentos e o outro CD que estavam sobre a mesa de carvalho e olhou para mim:

- A gente se vê por aí, Flashback! E a propósito, ensine sua garota a lutar! – Os dois então sumiram.

Corri em direção a Aline, ela tinha apanhado bastante. Mas segurava com força minha Katana. Levantei seu rosto, ela olhou para mim. Falei sério encarando aqueles olhos verdes:

- Aline! Precisamos sair daqui! Antes que eles descubram!

- As suas dinamites... – Ela falou. Olhei para minha mala, para os arquivos da sala e novamente para a garota e disse:

- Não tem mais propósito o que era importante eles levaram... – segurei a mão de Aline e berrei: - Vamos!

23:51PM – 08/11/2009 - JAPÃO – TÓQUIO

Estávamos no subsolo do prédio. A escuridão predominava, mas pude ver Sussumu sentado ao lado com o detonador na mão. Agarrei seu ombro e ele quase enfartou.

- Detone agora!

- Mas...

- Agora, Sussumu! Temos que sair daqui! Antes que eles voltem! – O velho acendeu um fósforo no chão e colocou fogo em alguns pavios. Ele olhou para o fogo correndo pelas cordas e falou:

- Vai explodir! – Agarrei Seu Sussumu e Aline. Fechei meus olhos. Estava muito cansado, mas iria conseguir. URRÁ!

23:53PM – 08/11/2009 - JAPÃO – TÓQUIO

Havia nos desdobrado sobre o Sabra. Escutei Pimenta e Luís berrando pelo Bluetooth. Eles viam a explosão do Laboratório Sakura. Sussumu esticou o pescoço. O prédio se desintegrava. Aline, cansada e ferida, nem moveu a cabeça.

- Vamos sair daqui pessoal! Copiado? – perguntei me dirigindo a todos.

- Prontos pra ir, Flashback. – respondeu Luís.

Coloquei as duas mãos no Sabra. Estava cansado, mas precisava tirar meus amigos. Praticamente, minha nova família dali. Fechei os olhos. A cabeça doeu, o estômago girou. Uma ânsia tomou conta de mim. Usando todas as forças, berrei: - URRÁ!

23:55PM – 08/11/2009 - OCEANO PACÍFICO – FLASH-02

Abri os olhos e encarei a parede de metal do quarto seis da Flash-02. Havia conseguido desdobrar todos para lá com segurança. Observei Aline, desmaiada sobre o Sabra e Sussumu, que me abraçava.

Senti meu corpo cedendo ao cansaço assim como minha mente em frangalhos. Ia desmaiar. Vi tudo girando em minha volta.

14:03AM – 09/11/2009 - OCEANO PACÍFICO – FLASH-02

Abri os olhos assustado. Estava em meu quarto na base. Encarei a porta do banheiro, a mesa de vidro. E sobre ela: minha Katana e meu uniforme. Levantei o lençol e olhei minha roupa. Vestia apenas a calça do kimono. Meu corpo, pintado de hematomas, podia sentir o meu rosto inchado como uma abóbora.

Ao lado da cama, descansavam o tênis e o skate. Olhei pela janela: vi a densa vegetação da ilha. Senti-me seguro.

- Você acordou?

Movi os olhos e vi Aline. Ela estava sentada na poltrona que normalmente ficava perto da porta, mas excepcionalmente fora colocada ao lado de minha cama, com ela muito próxima de mim.

- Sim... – Seus olhos verdes pareciam estar mais brilhantes do que nunca, talvez porque ela estava com marcas das pancadas no rosto. Notei que ela vestia uma das vestimentas de hospital e estava com o braço enfaixado: - Tetsuo lhe machucou?

- Ele conseguiu me ferir, mas nada muito sério. Sussumu me fez essa atadura para evitar que eu piorasse ainda mais a ferida. – E rindo ela falou: - Seu rosto está muito inchado! Parece que você apanhou de um rottweiler.

- Na verdade, foi um coelho rosa... – nós dois rimos. Seu sorriso era muito lindo: - Preciso aprender a lutar sem espada. Não sabia o que fazer. Fui uma presa fácil!

- Como o senador Tetsuo estava vivo? – ela me perguntou mexendo em seus cabelos: - Tenho certeza

que...

- Ele é imortal, Aline. Não morreu com o tiro de fuzil. E o coelho rosa é um desdobrador que trabalha para ele... – cocei minha cabeça e espremi os dedos contra meus olhos: - Eu não sei por que eles trabalham juntos. Desdobradores e imortais são inimigos.

Ficamos em silêncio. Havia muitas perguntas sem resposta. Fazíamos parte de algo muito maior do que podíamos imaginar. Aline se aproximou de mim, ficando a alguns centímetros de meu rosto:

- Vencemos juntos a primeira de muitas batalhas! Era essencial destruímos o Laboratório Sakura! E conseguimos!

Sorri. Ela tinha razão. O aroma de cereja me atingiu e me deixou entorpecido. Olhei seus lábios, seus olhos e me aproximei para beijá-la.

- GUILHERME, VOCÊ PRECISA VER ISSO!

A porta foi aberta violentamente. Me afastei de Aline e ela fez o mesmo. Encaramos Luís que vestia um calção de praia e uma camiseta regata, ele carregava em sua mão um laptop.

Ele saltou em minha cama e colocou o computador portátil no meu colo. Eu e Aline olhamos para a tela. Aquele computador parecia ser muito moderno, provavelmente deveria ter vindo de 2031. O garoto que parecia estar com o hálito de peixe mais fresco, colocou o CD na bandeja da máquina, e esperamos que ela processasse as informações.

- Achei que aquele CD que você trouxe era realmente do John Mayer! Daí resolvi escutar... Mas não era! Não é mesmo?

O CD! Havia esquecido! Na França, no momento em que Déjà vú me nocauteou e eu caí sobre a pilha de CDs, havia trocado as caixas! Coloquei o CD com a parte dois da Lista de Henzo na caixa do álbum de John Mayer e o disco de música na outra caixa!

- Não, Luís! Essa é a Lista de Henzo! Ela contém o nome, a identidade e a localização de desdobradores e imortais!

- É verdade? – Perguntou Aline se esgueirando para perto da tela, que agora estava preta e havia surgido a seguinte mensagem: “Você deseja abrir esse disco sem a primeira parte? Algumas informações podem estar bloqueadas. SIM ou NÃO”.

Cliquei com a ponta de meu dedo no SIM. A tela então se alterou novamente e nela estava ilustrado o planeta Terra. Com a ponta dos dedos, girei a Terra e observei o Japão, lá estavam dois pontos vermelhos e um amarelo, cliquei nos vermelhos.

Surgiram então pequenas fotos de Tetsuo e de mestre Kido. Aline assustou-se. Cliquei em seu mestre. Uma pequena caixa de texto surgiu:

MESTRE KIDO

Classificação: Imortal. Residente no Templo de Kasuga. Soma mais de 500 anos de vida. Domina as artes do Ofuda. Não segue a doutrina de seus irmãos imortais.

Em seguida fechei a caixa de texto. Aline se mostrava surpresa. Na realidade, eu já imaginava algo assim: mestre Kido estava vivo durante o Japão feudal. Prosseguindo, cliquei na imagem de Tetsuo. A seguinte mensagem surgiu: NECESSÁRIO O CD 1.

Então cliquei no ponto amarelo, e surgiu a foto de Aline. Eu e Luís a encaramos, e antes de eu agir, ela mesma clicou em sua foto, uma pequena caixa de texto surgiu, com os seguintes dizeres:

ALINE SAKURA

Classificação: Guerreira Ofuda. Filha da família Kenji, treinada por Henzo e pelo mestre Kido. Domina as artes marciais e a mágica do Ofuda. Age por instinto e odeia desdobradores. Arma mortal da Família Sakura.

- Isso é ridículo! E muito perigoso... Imagine se isso cai em mãos erradas! Muita gente vai morrer! – Exclamou Aline se enterrando na poltrona.

- Calma! Esse CD que contém essas informações está em nossas mãos. – Tentei acalmá-la.

- Mas o outro CD não! Muitas pessoas podem estar em perigo!

- Ele nos classificou aqui – disse Luís baixando seus olhos, e continuando: - Nós estamos neste CD. Bom, pelo menos, estamos seguros...

- Vamos ver! – com a ponta dos dedos rodei a Terra até o Brasil. Observei a Praia do Una: cinco pontinhos, três azuis e dois amarelos. Cliquei nos dois amarelos, surgiram as fotos de Luís e de Sussumu. Abri as caixas de texto respectivas:

DOUTOR SUSSUMU

Classificação: Ex-cientista do Laboratório Sakura. Vive na Praia do Una trabalhando como pescador. Fortes indícios de estar louco, contudo, cuidado deve ser tomado! Ele pode agir a favor de Flashback.

LUÍS SUSSUMU

Classificação: Melhor amigo do desdobrador. Vive na Praia do Una. É neto do doutor Sussumu e tem nível elevado de amizade e companheirismo com Flashback. Pode virar ameaça daqui alguns anos.

Em seguida, cliquei nos três pontinhos azuis e para minha surpresa surgiram as fotos de Replay, Déjà vú e a minha. Tentei abrir a imagem de Replay, contudo a seguinte mensagem apareceu: NECESSÁRIO CD 1, e o mesmo ocorreu quando tentei clicar em minha foto. Assim, cliquei na foto do coelho rosa e para minha surpresa abriu uma caixa de texto:

DÉJÀ VÚ

Classificação: Desdobrador Temporal. Comparsa de Tetsuo: O motivo ainda é uma incógnita. Sua primeira dobra temporal ocorreu na noite de 8/5/2009. É uma das vítimas do incêndio gerado na casa de Flashback. Por este motivo, Déjà vú, ou melhor J.T., alimenta ódio mortal por seu irmão de sangue.

Não pude olhar para Aline e Luís. Minha cabeça formigava. Será que poderia acreditar no que tinha lido? Será que tudo era verdade? Ele poderia estar vivo? E por que ele me odiava? O que eu tinha feito? Eu era vítima assim como ele!

Mas talvez fosse mentira! Talvez Henzo tivesse promovido mais uma cilada para mim! Entretanto, tinha visto nas memórias de mister Sakura que a lista era verdadeira. Mas seu conteúdo seria verdadeiro?

Agarrei o lençol com força. Senti a mão de Aline, segurando meu braço. Ela me pedia calma. Mas eu não estava nem um pouco calmo. Fervia. Não sabia se ficava feliz ou triste. Por um lado, J.T. estava vivo! E por outro ele tinha se transformado em um coelho rosa diabólico!

O quarto começou a girar, meus amigos giraram. Senti minha cabeça explodir de dor. Na realidade, o que eu precisava agora eram de respostas... Respostas imediatas!

Houdini?

Vamos ver!

URRÁ!